

*Received Jan 9<sup>th</sup> 1911  
Society of  
Almeida Garrett*

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

---

III

# VOLUMES DE QUE SE COMPOEM AS OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

---

- I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura —  
Fragments de poemas ineditos.**
- II — **Lyrica — Vol. 1.<sup>a</sup> «Lyrica de João Mísmo» — «Fabulas e Contos» — «Sotetos» — «Odes anacreonticas».**
- III — **Lyrica — Vol. 2.<sup>a</sup> «Flores sem fructos» — «Folhas caídas».**
- IV — **Camões, poema em dez cantos.**
- V — **D. Branca, poema em dez cantos.**
- VI — **Adoxinda — Romances reconstruidos.**
- VII — **Romanceiro — Vol. 1.<sup>a</sup> «Romances da tradição oral».**
- VIII — **Romanceiro — Vol. 2.<sup>a</sup> «Romances da tradição oral» — «Romances com forma litteraria».**
- IX — **Theatro — Vol. 1.<sup>a</sup> «Latão».**
- X — **Theatro — Vol. 2.<sup>a</sup> «Merope» — «Impromptu de Cintra» — «Corcunda por amor».**
- XI — **Theatro — Vol. 3.<sup>a</sup> «Auto de Gil Vicente» — «Philipo de Vilhenas».**
- XII — **Theatro — Vol. 4.<sup>a</sup> «Alfigeme de Santarem» — «Tio Simphcio».**
- XIII — **Theatro — Vol. 5.<sup>a</sup> «Falar verdade a mentir» — «As Proprencias do Bandarra» — «Um noivado no Dafundo» — «O Canções do Rocio».**
- XIV — **Theatro — Vol. 6.<sup>a</sup> «Frei Luiz de Sousa» — «A Sobrinha do Marquez».**
- XV — **Arco de Sant'Anna — Chronica portuguesa. — Manuscrito achado no convento dos Grilos, no Porto, por um soleido do corpo academico. — Vol. 1.<sup>a</sup>**
- XVI — **Arco de Sant'Anna — Vol. 2.<sup>a</sup>**
- XVII — **Helena (Fragmento de um romance).**
- XVIII — **Viagens na minha terra — Vol. 1.<sup>a</sup>**
- XIX — **Viagens na minha terra — Vol. 2.<sup>a</sup>**
- XX — **Sa educação — Cartas dirigidas a uma senhora ilustre, encarregada da instituição de uma jovem princesa.**
- XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza — Outros escriptos — Impressões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas.**
- XXIII — **Portugal na balança da Europa — «Do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado».**
- XXIV — **Politica — «Reflexões e opusculos» — «Correspondência diplomática» — Vol. 1.<sup>a</sup>**
- XXV — **Politica — «Reflexões e opusculos» — «Correspondência diplomática» — Vol. 2.<sup>a</sup>**
- XXVI — **Discursos parlamentares.**
- XXVII — **Cartas intimas.**
- XXVIII — **Garrett e a sua obra, por Theophilo Braga.**

OBRAS COMPLETAS

DE ALMEIDA GARRETT

Edição revisada, encadernada e dirigida pelo Dr. Theophile Braga

III  
③

# LYRICA

VOLUME II

FLORES SEM FRUCTOS — FOLHAS CAHIDAS

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

95 Rua AUGUSTA, 95 | TYPOGRAPHIA

45, RUA IVESSE, 47

1904

# LYRICA

---

## III

### ADVERTENCIA

Das poesias lyricas do auctor de *Camões* e de *Dona Branca*, o público pouco mais possue do que a collecção impressa anonymamente em Londres em 1829 com o título de *Lyrica de João Minimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o auctor, a *Revista Estrangeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não ter visto os ensaios poeticos do nosso insigne escriptor, a quem principalmente avaliou como a critico e historiador litterario.<sup>1</sup>

Achando-se exticta, ha muito, aquella edição, tratámos de a reproduzir conforme o promettido no programma d'estas obras; e tendo recorrido ao auctor, que a reviu e aumentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, houvemos d'elle juntamente a presente collecção, que é o

<sup>1</sup> *The Foreign Quarterly Review*, october 1831, pag. 467.—Ahi é censurado o collector Fonseca por não ter inserto no PARNASO LUSITANO algumas das primeiras composições do Sr. Garrett, cujo *Resumo da Historia litteraria de Portugal* vem á frente d'quelle collecção, Paris 1826.

complemento e continuaçāo d'aquell'outra; pois que a *Lyrica de João Minimo* é a escolha das composições lyrics do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos dōze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem escripto no mesmo genero d'aquelle anno em diante.

Feita esta preciosa acquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, já mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorrecção de datas, na *Lyrica de João Minimo*, tiveram de passar para a presente collecção, assim como n'aquell'outra se foram collocar muitas que lá faltavam.

Lisboa, 10 de Junho  
1844

---

## FLORES SEM FRUCTO

Em quanto fui poeta affrontei-me que m'o chamassem; hoje tenho pena e saudade de o não podér já ser. Era uma viciosa vergonha a que eu tinha, porque não ha melhores nem mais nobres almas que as dos poetas: agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das más paixões e dos acres sentimentos da baixeza humana avisarem-me que está commigo a edade da prosa; — como ao que teve folgazan e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gota de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugar-se, não ha hygieae que a desfranza. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experientia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d'antes esmaltadas de todas as cores do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!

Ora pois! não sou já poeta: podem-me fazer «almotacé do meu bairro», quando quizerem. Forte semsaborão ganhou a patria! E custou : que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem; foram precisos annos de rudes luctas, centos de enganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo tal como elle é, os homens, como elles são. Cheguei emfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tam queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutritive exhalação, que eram como aquelloutras flores de que disse Camões:

Contam certos autores  
Que, junto da clara fonte  
Do Nilo os moradores  
Vivem do cheiro das flores  
Que nascem n'aquelle monte :

» meu horto vou plantal-o de luzerna e betarrabas. E arranquemos estas *flores sem fructo*, não as veja algum utilitario que me condenne de relapso, a ir, de carocha e sambenito poetico, arder n'algum auto-da-fé que por ahí celebrem em honra de Adam-Smith ou de João Baptista Say, ou dos outros grandes homens cuja sciencia é como a do Horatio de Shakespeare que não vê «mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia.»

Não as colhi pois, arranquei-as, estas pobres flores que aqui enfeixo n'uma triste e última capella para deixar depêndurada na minha cruz; e ahí murche e seque ao suão

ardente do deserto em que fica, até que me venham enterrar ao pé d'ella, aqui onde eu quero jazer junto das ultimas recordações poeticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não coides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos atégora, que não farei senão prosas d'aqui em deante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixei de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'o fez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcadico; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo que se vae um homem por esses mares fóra, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para similhantes folias.

Isto porém que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dentro, quando trasborda o coração de jubilo ou de pena ou de admiração; isto que é o falar do homem para Deus n'aquellas phrases incoherentes, inanalysaveis pelas grammáticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube

antes de nascer; isto que se entôa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repita a lingua, d'esses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar a alma: e não o fará.

São pois estas quasi absolutamente as últimas coisas lyrics que, por vontade e auctorisação minha, se publicarão d'entre tantissimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruido. Não faltará quem diga talvez que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E já se vê que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: ás quaes todavia — e não á moda do tempo — deixo o direito salvo para ralhar livremente e como quizerem.

Já se vê bem assim o porque ponho este titulo de FLORES SEM FRUCTO á pequena collecção de poesias que aqui vae. Nem todas são de primavera estas flores; ha de várias estações: fructo é que nenhuma deu. Deixariam de ser flores poeticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua *Miscelanea, Ensalada de várias hervas* — e esse principe allemão que é tanto moda, e que escreve com tam desgarrada elegancia, pôs a uma das suas collecções de rhapsodias criticas o titulo italiano de *Tutti-frutti*, que significa o mesmo quasi. E não cuidem que este principe que cito com ser principe prussiano tambem, é o aventureiro que aqui andou ha dous annos a rabiscar semsaborias a respeito da nossa terra, mettendo para o

sacco toda quanta calumnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, afim de que o mundo diga: «Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquelle bruto e estupido Portugal em o governarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado novo de que elle não sabe usar!»

Bemdita seja a nobre e generosa princeza que tratou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumnidor de sua familia e da nação que a adoptará! Assim fizessem os outros!

Não senhor; *Semi-lasso*, auctor de *Tutti-frutti*, é outra casta de principe: talvez o tratassem mal aqui se elle cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escolhendo o titulo que escolhi para esta miscelanea de reminiscencias poeticas.

Mas nem sómente são de várias estações, são tambem de várias e mui desvairadas especies estas flores. Aopé do acantho da lyra antiga, vae o trevo e o goivo que enramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os myrtos da Attica: e não em jardim symetrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva esta collecção; e d'ellas ha que nem eu já entendo bem; tanto mudaram em tam poucos annos, circumstancias e pessoas que a inspiraram. Mas não as podia tirar de um livro em

que vae consignada a maior ou melhor parte das minhas sensações poeticas em toda uma epoca, e essa a mais aventurosa, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3 — 1843.

---

# FLORES SEM FRUCTO

---

## LIVRO PRIMEIRO

### I

#### HYMNO Á POESIA

Præsidium et dulce doçus meum.  
HORAT.

Oh meu amparo, oh doce gloria minha,  
Tu com quem me achei sempre,  
Na desgraça, na máguia e nos pezares  
Para me consolar;  
Que me dás voz, suspiros, desaffôgo  
Quando a ventura é tanta  
Que pésa n'alma—e o coração é cheio  
A estalar se não fala !  
Como te invocarei, que santo nome,  
Filha do céu divina,  
Te heide eu dar, ó Poesia, encanto, affago  
Da minha juventude ?  
Nunca te chamo, que benigna, amavel  
Não desças do céu puro  
A mãos-cheias trazendo as magas flores  
Que te viçam eternas  
N'esses jardins de gloria e formosura  
Vens—mas tam vária sempre !  
E ora te vejo, no extasi sublime,  
Nympha ligeira e bella,  
Como as despidas graças, nua, ingenua,  
De azues, rasgados olhos  
Que ou já scintillam, vivos do desejo  
As ardentes faiscas,

Ou serenos co'a posse, em gôso languido  
 Meigos, tranquillos brilham..  
 Ora, cahidas pelos hombros niveos  
 As longas, longas tranças  
 Te vão fiuctuando sóltas.. Nas choréas  
 Que em dansa alegre travas  
 Com os alados hymnos que te cercam,  
 E ao som da arguta lyra,  
 Formas, sem arte, desvairados passos,  
 Ou já rasteiros, lentos,  
 Ou tam altos que zephyro te espalha  
 As raras, leves roupas.  
 Já, accordando em modo altivo e nobre  
 A cythara canora,  
 Dos deuses, dos heroes ergues louvores  
 Aos sublimados astros;  
 Já maviosa, em canto mais singello,  
 Os dons da natureza,  
 Os tranquillos prazeres da virtude,  
 Os mimos da innocencia  
 E os serenos gosos da amizade  
 Suavemente entôas.  
 Já, no extasi d'amor, no rapto ardido  
 De amante entusiasmo,  
 Sopras a chamma que a belleza atêa,  
 E avivas as delicias  
 Que o deus dos corações infundiu n'alma  
 De um par que elle juntára..  
 Como timida então pedes, supplicas  
 E com languido accento  
 Tenue favor imploras suspirando!  
 Mas logo ousada.. roubas  
 D'entre o virgineo, recatado seio  
 Acre beijo que ha pouco  
 Mal inda ousavas supplicar modesta  
 Para o colhêr dos labios!  
 Toda és júbilo então. -Mas quantas vezes  
 Os olhos enturvados,  
 Pallida a frente, desgrenhada, em pranto,  
 Anciando de amargura,  
 Ais de angústia e de morte soluçando,  
 Gemes co'a lyra e choras!  
 Negras suspeitas, aridos ciumes,  
 Desleaes inconstâncias  
 Te andam d'emtório esvoaçando em uivos.

E não és menos bella,  
 Menos gentil então! Das faces pallidas  
     As lagrimas, a fio,  
 A fio deslizando, cãem, batem  
     A espaços compassados  
 Na cava lyra — e uns ais sumidos, mortos,  
     De harmonia divina,  
 Vêm traspassar o coração de mágoa...  
     Mágoa!... prazer dos céus.

1803.

## II

## A JULIA

*Seele ruh in Seele.  
SCHILLER.*

## I

O h, que suave foi este momento  
 Que dormir tam feliz, tam descuidado!  
     Andou me o pensamento  
 Voando nas delicias do passado,  
     Nequintando o mais puro  
 Dos gosos que me déste,  
 Para formar esp'râncias de um futuro  
     Mais divino e celeste.

## II

E tu, Julia querida, não dormiste?  
     Insensivel caiste  
 N'essa tristeza de doçuras cheia,  
     Que as almas como a tua  
     T'am brandamente enleia  
 Em acordados sonhos de ventura.

## III

Ambos fomos dítosos.  
 E' só dado aos amantes venturosos  
     Dormir sonhos tam doces:  
 Vêm depois os prazeres despertal-os;  
     Co'a alegre travessura  
     Amor vem acordal-os.  
 Elle te chama, suspirada amante,  
     Pela voz da ternura,

Deixa a melancolia:  
 São tranquillos demais seus tenues gosos.  
     No seio da alegria,  
     Nos braços da ventura,  
 Vem commigo folgar por estes bosques.  
     Por entre esta espessura.

## IV

Dêmos de mão a serios pensamentos,  
     Em quanto o sol dardeja  
 Para longe de nós raios de fogo,  
     Aqui, onde veceja,  
 Às escondidas d'elle, a primavera  
     Com tam frescos verdores,  
 Gozemos nossos placidos amores.

## V

As dryades sensíveis,  
 Que dentro d'esses troncos nos escutam,  
 Oiçam nossas conversas aprazíveis,  
     As expressões amantes  
     De dois peitos constantes  
 Em suas verdes cortiças escrevendo.  
     Como ellas vão crescendo,  
     Cresçam nossos amores:  
 E quando, pelas cópas remoçadas,  
     Brotarem novas flores  
     Nas árvores lembradas  
     De tam doces momentos,  
 Serão mais lindas as suas lindas cōres,  
     Serão mais engracadas

## VI

Talvez que a mão de algum amante as colha  
     Para adornar o seio  
     Do seu querido enleio;  
 E esse amante dirá:—Julia a formosa,  
     Julia, tam adorada,  
     Aqui foi venturosa:  
 Seja feliz como ella a minha amada!—

## VII

Assim dirá; e as dryades lembradas  
Rirão do voto uffano:  
Que ellas bem sabem como o deus tyranno  
Jurando promettéra  
Que tanto, tanto amor como ao meu dera  
Não o poria mais em peito humano.

132....

## III

## O MAR

He seized his harp which he at times could string...  
While flew the vessel on her snowy wing.

CHILD HAROLD.

## I

Doce esperança, numen bemfazejo,  
Vem enxugar-me as lagrimas saudosas  
Que em fio d'estes olhos me deslisam:  
Co'a ponta do alvo manto a meiga face  
Que o acre ardor do pranto me ha crestado,  
Vem consolar-me, vem; alenta o peito  
Cum fagueiro sorrir d'esses teus labios,  
Manda-me um raio teu de luz serena  
Que o resfriado coração me aqueça.  
Oh! dos amigos, do meu bem não quero  
Que me apagues suavissima lembrança:  
Dize-me só que tornarei a vê-lo,  
Que dos p'rigos que em tórno me circumdam  
Heide inda a salvo descançar com elles,  
E já sem medo recitar fadigas  
De procellas, de calmas acintosas,  
Duras rajadas, furacões tremendos  
E quantos hora me rodeam males  
Que olhos fitos em ti, vou supportando.

## II

Vem, ó deusa, da vista ennevoada  
Sopra-me a cerração d'atra saudade:  
Deixa-me olhar pela extensão dos mares  
E ver no immenso das ceruleas ondas  
Affigurar-se a imagem do infinito.

Oh ! como é grande a mão da natureza !  
 Que vastos plainos d'ante mim se estendem,  
 E vão em de redor nos horisontes  
 Topar co'as bases da celeste abobada !

## III

Vae-se acclarando agora o firmamento,  
 E azulando-se o mar co'a luz nascente  
 Do primeiro, tenuissimo crepusculo.  
 El-a que assoma, despontando apenas  
 C'os roseos dedos, a formosa aurora  
 Vem brandamente a desparzir no polo  
 As roxas, lindas flores, rociadas  
 Do matutino, bemfazejo orvalho,  
 Talvez por mãos dos zephyros colhidas  
 Nos jardins ulysseos, nas brandas veigas  
 Ao remanso do placido Mondego...  
 Talvez hontem ainda a minha amada  
 Lhe respirasse o lisongeiro aroma...  
 Oh ! recolhei-as, amorosas filhas  
 Do placido Nereu, ide nos collos  
 Dos Tritões namorados, ide ao Tejo  
 E ao manso rio que engrossaram prantos  
 Da malfadada Ignez, ide, levae-lh'as  
 Aos do meu coração, o amigo, a amante :  
 Dizei-lhes que eu, eu sou que vos envio,  
 Que depóz vós o coração me foge,  
 E que só vivo nas memorias d'elles.  
 Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas...  
 Mas oh ! do patrio meu Douro sombrio  
 Ai! não, não vades demandar as praias...  
 Amargosa e cruel me veda a sorte  
 Recordal-o sem dor... Ferreas angústias  
 Lá misero soffri... lá n'este peito  
 Verteu perversa mão do deus dos males  
 Quanto fel espremeu do peito ás furias,  
 Quanto veneno lhe escumou dos labios.  
 A ingrata... Ah ! nunca mais me lembre o Douro ;  
 Suas riquezas para si que as guarde,  
 Suas aguas turvas impetuoso as role  
 Por entre as calvas penedias brutas  
 Que a lobrega torrente lhe comprimem :  
 Vá, que a mim saudades não m'as deixa :  
 Só tormentos me deu não posso amal-o...

## IV

Esqueçamos memórias que afadigam,  
E o spectaculo augusto contemplemos  
D'esse nascente dia. Com que pompa  
Se ergue das ondas o astro luminoso,  
Como nos raios se aviventa o lume!  
Vae crescendo o fulgor á luz nascente,  
Douram-se em de redor os horizontes,  
O mar se espelha e reverbera o brilho...

## V

Salve, imagem do Eterno! olho do mundo  
Que a doce vida no universo esparzes!  
Ao teu assomo as delicadas flores  
Vão na hástea humilde endireitando as frentes.  
Já pela cópa ás árvores frontosas  
Os fechados botões se desabrocham,  
Pulla na terra germinando e cresce  
A encerrada semiente, esp'rança e fito  
Do lavrador cançado. O' terra, e quantos  
Quantos encobres ávida mysterios  
Que nos teus penetraes obram seus raios!  
E mais - por muito tempo a nós vedal os  
Não o imagines, não: vés essa deusa,  
Pallido o rosto, os olhos encovados,  
C'os ferros curvos que em teu seio embebe  
Rasga, franqueia?—E' a sordida cubica  
Que por tuas eniranhas laceradas,  
As ricas veias dos metaes sangrando,  
Iá vae cavar os crimes e flagícios  
Que hâode infestar a triste humanidade...

## VI

Oh! sol! quanto é sublime n'essa esphera  
A magestade tua! com que imperio  
Dardejas fogo nos aquosos plainos!  
Tua vista so no coração cortado  
Do triste viajante alenta a esp'rança.  
E eu, pela espalda de viçoso outeiro  
Não te vejo surgir, nem brandamente  
Ir-se co'os raios teus dourando as messes,  
Prateando o arroio, os campos esmaltando...

Não oíço pelos florídos raminhos  
 Modular philomena as doces queixas,  
 Nem pastorn gentil vejo no prado  
 Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.  
 Nada, nada descobres a meus olhos...  
 Só tu e o vasto mar... e a saudade.  
 Mas ha n'esta solidão tambem prazeres:  
 Para quem?... para o sabio? — O sabio préza  
 O fasto apparatoso das sciencias:  
 Não vêm soar-lhe aqui da fama os brados,  
 Nem tanger-lhe os clarins que os éuos ganham.  
 O ambicioso? o avaro? — A todos esses  
 Esteril é de gôso a soledade.  
 Quem te ama pois, ó solidão dos mares?  
 O coração singelo, e nunca herivado  
 Do veneno do crime, nem pungido  
 Do assacalado espinho dos remorsos.  
 Por essa immensidão de céus e de águas  
 Sua alma se dilata e desafoga;  
 Doce dos olhos lhe devolve o pranto  
 Co'a lembrança dos candidos amigos,  
 Prazeres que gosou recorda, e folga,  
 Novos medita, e em medital-os gosa:  
 No seio se reclina á natureza,  
 E deixa ás vagas disputar-se o espaço.

## VII

Insondavel mysterio! eu curvo a frente  
 Humilhosa ante o Sér que te governa,  
 O' mar, alto pregão da voz do Eterno.  
 Teus rugidores sons na tempestade  
 Acclamam seu podér; e o teu silencio  
 Na mudez magestosa testimunha  
 Sua grandeza immensa. O homem se perde  
 No arcano de tuas leis: e os séculos passam,  
 Correm os annos, dias se appressuram,  
 Fogem as horas, os instantes, vôam,  
 E em de redor do círculo dos tempos  
 Suam, no curto espaço da existencia,  
 Um depôz outro, humanos sabedores  
 Sem o menor colhêr de teu segredos.

## VIII

Qual te imagina o pae d'este universo  
Que, agglomerando multiformes masas,  
Lhe deras sér primeiro; qual... — Mas onde,  
Fraqueza de homens, não levaste o homem  
Quando, luctando a mesquinhez do engenho  
Co'a immensidão dos sérres, o desvaira !  
E's élo da cadeia da existencia,  
Pensador animal ! a altiva fronte  
Sobre o pó do teu nada abate e humilha;  
Vive essa vida, saborêa o favo  
Que na vida te deu a natureza :  
No instincto do teu bem segue a virtude,  
Dentro do coração lá tens um livro;  
N'esse cumpre estudar, esse apprendel-o...

## IX

Que manso vae co'as vellas infunadas  
Do amigo sôpro do galerno vento,  
O ligeiro baixel, varrendo as ondas !  
Não cobre o manto azul do céu sereno  
Nem o pardo menor de nuvem fusca ;  
E mal encrespa a superficie ás aguas  
De amena viracão doce bafejo.  
Folgam d'emtorno os mudos nadadores,  
Em quanto sequioso o marinheiro  
Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,  
Ou no farpão certeiro lh'a dardeja  
E elle que mal vos fez ? a natureza  
Não lhe deu como a vós tambem a vida !  
Oiço que me responde o despeitoso  
Brado fatal do ríspido britanno : \*  
— E teu estado, ó natureza, a guerra... —  
Cumpre a destruição ás leis da vida;  
E na longa cadeia da existencia  
Convém... Que intentas desvairada musa ?  
Os que a divina mão sellou mysterios  
Queres sondal-os ? Apoucado e breve  
Se estende além de nós o vasto mundo ;  
E mui perto os limites escaceam  
Dos humanos curtissimos sentidos...

\* Hobbes.

## X

Como está leite o mar ! Não, mais serenas  
 As namoradas vagas não folgavam.  
 Quando a meiga, bellissima Frycina  
 Do espumeo germe resurgiu formosa.  
 Mar, do teu seio a deusa dos amores  
 Verá adoçar os fados do universo,  
 Dar a vida ao prazer, prazer á vida,  
 E o dulcissimo favo do deleite  
 Espremer, derramal-o na existencia.

## XI

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas  
 E as descuidadas tranças mal enxutas  
 Pelos hombros de neve debruçadas  
 Arredou co'alva mño dos olhos negros,  
 Do seio lindo voluptuosas chammás  
 Subito os mares rápidas lavraram :  
 Corre o fogo divino e delicioso,  
 E o reino inteiro de Neptuno abraza.  
 As bomancosas, accalmadas ondas,  
 Beijando as curvas praias, vem na terra  
 O incentivo depôr de ethereos gosos.  
 Voa a flamma subtil ao céu e aos astros;  
 Não sabido prazer no Olympo os numes  
 Sentem no coração banhar lh'o em gosto.

## XII

Nasceu Venus gentil, folgae : com ella  
 Vêm os amores e as despidas graças,  
 As rosas do deleite desparzindo  
 Na alvoracada sphera. Em bando alegre  
 Jocos, risos brincões d'emtorno a cercam,  
 Avidos beijos, lubrícios revôam,  
 Correm alados soffregos desejos ;  
 E as verdes roupas desprendendo ao vento,  
 D'alva amendoeira coroada a frente,  
 Ante elles toda a Esperança os guia.  
 Ferve o graniso das douradns settas  
 Que aligeros frecheiros vão tirando.  
 Nuvem de corações corre a entregar-se,  
 E nos laços gentis prender contente  
 A mui pesada, inutil liberdade.

XIII

Oh ! que banhar de gosto delicioso !  
Que afogar de prazer homens e numes !  
Como derrete o gelo da indifferencia  
Ante a divina abrazadora chamma !  
Como se espraiia pela vida o gosto !  
Como á existencia os vinculos se estreitam !  
Como nos élos da cadeia eterna  
O sér se allonga, reproduz e aviva !  
Mar ! que venturas te uão deve o mundo . . .

XIV

Filha das ondas, Cytheréa bella,  
Maga deusa de amor, oh ! não consintas,  
Oh ! não consintas que o teu vate anceie,  
Soffra em teu reino despregados Euros  
Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa,  
E cravar-lhe d'entorno as grossas vagas.  
E' teu imperio o mädido oceano . . .  
E no mundo que ha que teu não seja ?  
Tu c'um sorriso as furias lhe assocegas,  
C'um só fagueiro olhar as iras cruas  
Lhe quebras docemente e lh'as abrandas:  
Que esse que outr'ora pelo virgem pégo  
Ousou primeiro confiar-se aos ventos  
Teu amparo o salvou, teu meigo auxilio  
Lhe abonançou as céryulas campinas . . .

182 . . .

IV

BELLEZA E BONDADE

(DE SAPHO)

QUANDO ávida contemplo a formosura,  
Tam breve é meu prazer que foge co'ella;  
Mas bondade e lisura,  
Mas a innocencia, oh ! essa é sempre bella.

## V

## O SACRIFICIO

(DE SAPHO)

VEM, Athis, coroar de infantes rosas  
 Essa frente engracada, — e as tranças moveis  
 De teus aureos cabellos, deixa-as sóltas  
 Pelo collo de neve.

Oh ! que amavel pudor te anima e córa !  
 Vem, colhe com teus dedos melindrosos  
 Frescas boninas, doces violetas  
 De suavissimo aroma;  
 Que a victimá de flores coroada  
 Sempre é mais grata aos deuses. Vem: teremos  
 Estas selvas sisudas por altares,

Onde a minha ventura  
 Me hade elevar aos numes soberanos.  
 Enlaça emtorno a mim essas grinaldas,  
 Reclina-te em meu seio, os olhos bellos  
 Para os meus olhos volve...  
 Que linda córas ! que formosos labios !  
 Essa pulida tez não cede ás flores:  
 Não, que a viveza de sua cór brilhante  
 O esplendor não te offusca.

182...

## VI

## A LYRA

(DE ANACREONTE)

DE gôsto cantára Atridas,  
 E a Cadmo erguêra louvor;  
 Porém as cordas da lyra  
 Só sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda,  
 Novas cordas lhe assentava,  
 E de Alcides os trabalhos  
 A cantar principiava;

Mas, contra as minhas tenções,  
Em vez de marciaes furores,  
De teimosa e como a acinte,  
Sempre vae soando amores.

Adeus, heroes! adeus, glória!  
Adeus guerreiro furor!  
As cordas da minha lyra.  
Só sabem dizer amor.

1814.

## VII

### GOSO DA VIDA

(DE ANACREONTE)

De loto e de murtas  
N'um leito virente,  
Bebendo contente,  
Me vou recostar:

E os cópos alegres  
Me venha Cupido,  
De gala vestido,  
Aqui ministrar.

Qual roda de coche  
No giro apressada,  
A edade açodada  
Nos vôa a fugir.

Desfeitos os ossos  
Em van cinza leve,  
Iremos em breve  
Na campa jazer.

Porque hão de os sepulchros  
Em vão ser ungidos,  
E esses dons perdidos  
A terra sorver?

Dá-me antes em vida  
As c'roas de rosas,

E essencias cheirosas  
Para eu me toucar.

Ou traz'me uma bella  
Que com seus amores,  
—Em quanto aos horrores  
Do Orco não vou—

Me venha estes gostos  
Dobrar melhorados,  
E os negros cuidados  
Todos dissipar.

182...

## VIII

## A FORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas  
A próvida natureza,  
Deu á lebre a ligereza,  
E a dura pata ao corcel.

A voar ensina ás aves,  
A nadar ao peixe mudo,  
E deu ao leão sanhudo  
O dente destruidor;

Aos homens deu a prudencia;  
A mulher nã o pôde dal-a.  
Acaso quiz desherdal-a,  
Ou então com que a dotou?

Por armas e por defeza  
Deu-lhe as fórmas engracadas  
Que o ferro, o fogo, as espadas,  
Que tudo podem vencer.

1823.

## IX

## A ROSA

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada  
 A Lyeu associemos;  
 Co'as folhas da linda rosa  
 Nossas frentes coroêmos,  
 Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,  
 . . . o amor da primavera,  
 E' dos numes o deleite;  
 E o menino de Cythera,  
 Quando aos córos vae das Graças,  
 Leva sempre as tranças bellas  
 . . . Com delicadas capellas  
 De lindas rosas toucadas.

Eia pois ! tu me corôa  
 Se me queres, ó Lyeu,  
 Cantando no templo teu  
 Doces hymnos a entoar.  
 Irei, de rosas coroado,  
 Com gentil donzella ao lado,  
 Eu mesmo as tuas corêas  
 C'o sacro thyrso guiar.

1823.

## X

## A POMBINHA

(DE ANACREONTE)

D e onde vieste,  
 - Amavel pombinha,  
 Gentil avezinha,  
 Aonde é que vás ?

De d'onde trouxeste  
 Arôma tam brando  
 Que esparzes, voando,  
 Por todo esse ár ?

— Foi Anacreonte  
 Que ao seu bem amado  
 Com meigo recado,  
 Aqui me mandou:

Seu bem, que reparte  
 Dos lumes divinos  
 Ao mundo os destinos  
 N'um languido olhar.

Da maga Cythera  
 O cego menino,  
 A trôco de um hymno.  
 Ao vate me deu:

Sou de Anacreonte  
 Agora o paquete,  
 E' d'elle o bilhete  
 Que vou entregar.

Prometteu-me cedo  
 De dar-me alforria,  
 Que eu antes queria  
 Sempre escrava ser...

Que gôsto é no mato  
 Andar pelas fragas,  
 Viver só de bagas,  
 Nos ramos dormir?

Da mão de meu dono  
 Como alvo pâosinho,  
 E só bebo vinho  
 Do que elle me dá.

Às vezes alegre  
 Saltando, esvoaço,  
 E sombra lhe faço  
 Co'as azas a dar;

Ou quando me sinto  
 De sonno pesada,  
 Na lyra doirada  
 Me deito a dormir.

Adeus! que me fazes  
 Ser mais palradeira  
 Que a gralha graneira  
 Com o teu perguntar.

1823.

## XI

## O GENIO DE PINDARO

(DE HORACIO)

QUEM atrevido quer luctar com Pindaro,  
 Fia-se em azas que pegou com cera  
 A arte dedalea—e hade ir dar seu nome  
 Ao vitreo pégo.  
 Como esse rio que engrossou co'a cheia'  
 E vem do monte, as ribas alagando,  
 Tal ferve e corre da profunda bôcca  
 Pindaro immenso.  
 Sempre dos louros appollineos digno :  
 Ou dithyrambos cante em novos termos,  
 E livre entôe numerosos versos  
 L'e regra soltos;  
 Ou cante os numes, ou reis sangue d'elles  
 Que justa morte deram a Centauros,  
 E horridas chammadas apagar poderam  
 De atra Chymera;  
 Ou vá coroando com os dons das musas  
 Os que, vencendo na corrida ou lucta,  
 Ricos das palmas d'Elide que cingem  
 Aos céus se elevam;  
 Ou sóbre a espôsa abandonada chore  
 A quem roubaram o marido joven,  
 E aureos costumes e a virtude exalte,  
 Pragueje o inferno.  
 É forte a aura que, em subindo ás nuvens  
 O dirceu cysne, lhe propelle os vôos.  
 Eu, meu Antonio, como a abelha humilde  
 Que afadigada  
 Por bosque e prados, ás ribeiras humidas  
 Colhe do Tibur os tomilhos gratos,  
 Assim a custo meus lidados versos  
 Componho timido. .

1823.

## XII

## GLYCERA

(DE HORACIO)

MANDA a mãe dos amores,  
 Da thebana Semele ordena o filho,  
     E a lasciva licença,  
 Que a já findos amores volva o ânimo.  
     De Glycera que brilha  
 Mais pura do que o marmore de Paros  
     A nitidez me inflamma;  
 Grato me inflamma o garbo desenvolto,  
     E aquelle gesto lindo,  
 Tam tentador, tão lubrico de vêr-se.  
     Chypre desamparando,  
 Vem toda Venus sóbre mim de golpe:  
     Nem já cantar de Scythas  
 Nem do Partho esforçado e cavalleiro,  
     Que no corcel voltado,  
 Fugindo e plejando, se retira...  
     Nada que seu não seja,  
 Nada já me consente.—Aqui, mancebos,  
     Trazei-me aqui verbenas,  
 E ponde-me em altar de toiças vivas  
     I aças de vinho, incensos;  
 Que a vítima será depois mais branda.

1823.

## XIII

## O HYNVERNO

(DE ALCEU)

JUPITER chove, pelo céu se enturva  
     Fremento o ár;  
 Turgidas crescem as torrentes grossas  
     Da agua a jorrar.  
 Frigido inverno! morra nas fogueiras  
     Do roxo lar.  
 Corra-nos vinho, franco, de mão larga,  
     Vamos, virar!

Beba-se, e já; porque la luz havemos  
Ainda esperar?  
Rapido é o dia, lentos são pezares,  
Maus de acabar:  
Deu-nol-o, o vinho, de Semele o filho  
Para os matar.  
Válidos copos, um a um, cá dentro  
Se vão juntar;  
E asperga lucta travam na cabeça,  
Que hão de quebrar.  
Agua?... mostrar-lh'a: duas vezes vinho  
A tresdobrar!

1823

## XIV

## A ESPADA DO POETA

(DE ALCEU)

Eu coroarei de myrto a minha espada,  
Como a de Harmódio, honrada,  
E como a de Aristógiton, o forte,  
Quando ao sevo tyranno deram morte,  
E Athenas libertada  
Foi á igualdade antiga restaurada.

Tu não morreste, Harmódio, oh não! tu gosas  
N'essas ilhas ditosas  
Serena vida c'os heroes que ahi moram,  
E onde, cremos, demoram  
Diomedes, o valente,  
E Achilles, o veloz, eternamente.

De myrto a minha espada  
Trarei como Aristógiton c'roada,  
E como Harmódio o forte  
Que á vingança a reserva,  
Quando, nos sacrificios de Minerva, ]  
Ao tyranno Hypparcho deram morte.

Em prezada memoria  
Viverá para sempre eternamente,  
Harmódio, a tua glória,  
E a tua, Aristógiton valente,

5896 - -

Universidade de Brasília

BIBLIOTECA

Que o tyranno matastes,  
E á liberta cidade  
O usurpado direito restaurastes  
Da primeira egualdade.

1823.

## XV

## OSCAR

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

## I

**A**RIDA emtorno a mim a natureza  
Só descalvadas penedias broncas,  
Só crespo, alvo regélo me descobre:  
Dorme a vegetação nos troncos seccos,  
Morre no leito congelado o rio...  
Toda repousa em lugubre silencio  
A vida do universo,—em frio espasmo  
Da existencia parou cansada a máquina.  
Desabrida estação! quanto a minha alma  
Se embebe na mudez de teus horrores!  
Todo o vigor se me accolheu, do corpo,  
Ao coração no peito;—a alma compressa  
Resalta e pula ás regiões ethereas

## II

Veloz imaginar, nas azas tuas  
Eis-me librado! pelos áres vago  
E espaços vingo de alongados máres,  
Desço na terra e poiso... Oh! qual me cérc  
Enrevezada cerração confusa!  
É mundo isto que vejo, é terra ainda  
Esta que piso?... Não descobrem olhos  
Mais que nuvens e horror, trevas e cahos...  
Lá se adelgaça um pouco; a névoa grossa;  
Vejo ouriçar-se ponteagudas penhas  
Hirtas de abrolhos a alvejar c'oa neve...  
Lá cae de chofre em catadupa, e soa

Horrendamente, com fragor tremendo  
Torrente immensa na solidão do valle;  
Eil-a sombria se devolve e espraia  
Pela extensão de um lago...

## III

.... D'além vejo

Vir pelos topes dos fronteiros montes  
Grave e pausado silencioso velho  
Em vagaroso passo caminhando.  
Longa dos hombros ao talar lhe desce  
Alva, comprida tunica; na dextra  
Traz uma hástea de lança farpeada,  
E pendente da esquerda uma harpa antiga  
Onde o vento resôa em oucos eccos.

## IV

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,  
E de profunda mágoa lhe soluça  
O peito descarnado. Eil-o que a toma  
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas  
Esbambeadas do vento, e desmontadas  
Do longo correr de annos. Já se affina,  
Já troa altivos sons em modo lugubre  
Mas desusado e novo. Oh, que de Thura  
É este o vate, Ossian este é por certo.

## V

Não me enganei; era de Ossian a sombra,  
E assim cantou:

—Oscar, Dermid são mortos.

No florecer de esperançosos annos,  
Ceifou amor cruel tam caras vidas.  
Caruth é pae de Oscar, Caruth os chora,  
E a morte dos mancebos infelizes.  
Conta ao filho de Alpin.—Porque, diz elle,  
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,  
Porque outra vez o peito me laceras?  
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves

A triste narração d'aquella morte?  
 Oscar, Oscar, meu filho!.. Ai, d'estes olhos  
 Jí se afogou a luz no mar de lagrimas:  
 Só a memoria das desgraças minhas  
 Dentro no coração inda não morre!  
 Como heide eu outra vez voltar minha alma  
 Aquella historia funebre... a essa morte  
 Do maior dos heroes?—Chefe dos bravos,  
 Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

## VI

Ah, desapareceu de sôbre a terra,  
 Qual no meio de horrenda tempestade  
 O astro da noite, como o sol brilhante  
 Quando pejada cerração de nuvens,  
 Que das aguas se elevam, se condensa,  
 E as crespas, fuscas rochas d'Ardanider  
 Co'o negro manto pallida rebuça.  
 E eu triste, eu só no solitario alvergue  
 Definho, a pouco e pouco, em mágoa e sécco,  
 Qual orme antigo da escabrosa Mórven  
 Que arido vento despojou dos ramos,  
 E que, ao mais leve sussurro do norte,  
 Nuasi vacilla e cae.—Chefe dos bravos.  
 Nunca mais te verei, Oscar meu, filho?

## VII

Não cae, filho d'Alpin no campo o bravo  
 Como a herva do campo; a sua espada  
 Fuma primeiro, do inimigo sangue;  
 Antes de succumbir, tremendo rompe  
 Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados  
 Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,  
 Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste  
 Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,  
 Na região da morte annunciar-te.  
 Tinta no sangue a tua lança, oh triste!  
 Do teu amigo foi...

Um só nos peitos  
 Oscar, Dermid um coração só tinham:  
 Juntos iam ceifar da guerra aos campos

E sua estreita amizade era mais forte  
Que o aço da armadura que os vestia.  
Entre ambos sempre unidos nas batalhas,  
Marchava a morte sempre; juntos ambos  
Cahiam de rondão sóbre o inimigo,  
Quaes dois rochedos que dos topes d'Árven  
Se despegam e caem na terra e jazem.  
Suas espadas fumegavam sempre  
Do sangue dos mais fortes gotejando,  
E só de ouvir seus nomes, enfiavam  
De pallido terror bravos guerreiros.  
E quem, senão Dermid, a Oscar semelha,  
E quem, senão Oscar, Dermid eguala?

## VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra,  
Ninguem nunca jámais não viu as costas,  
Dargo a seus golpes succumbiu trezentos.  
Como o dia a nascer, mais bella ainda,  
Era do morto heroe a bella filha,  
Doce como o brilhar da branca lúa.  
Tinham seus olhos o iuzir de estrellas  
Que através de chuvosa nuvem fulgem;  
Na primavera o suspirar da brisa  
Mais suave não é que o seu bafejo;  
Recem-geada nas manhãs a neve,  
Quê se ondea alvejando nas estevas,  
De seu candido seio é froixa imagem,  
Viram-n'a os dois heroes, e ambos a amaram;  
Adorava-a cada um como a sua gloria,  
Possuil-a ou morrer ambos queriam.  
Porém da bella o coração rendido  
A Oscar ficou, a Oscar toda se entrega:  
Já cega beija a mão que o pae matára  
E não vê n'essa mão de Dargo o sangue.

## IX

E Dermid disse a Oscar: — Ouve-me; eu amo,  
O' filho de Caruth, amo essa bella.  
Sei que o seu coração por ti só bate,  
Mas a minha paixão nem isso a apaga:

Oscar, rasga esse peito, ó meu amigo,  
 Seja a tua espada que me livre d'ella.  
 «Quê! tingir no teu sangue a minha espada!  
 —E quem se Oscar não for ha-de atrever-se,  
 E quem é digno de tirar-me a vida?  
 Morrendo por tua mão, morro com glória,  
 E eu quero a morte, amigo, mas honrada.  
 «Pois bem, cruel Dermid, empunha o ferro,  
 E ás mão de seu amigo Oscar expire.

## X

De Branno junto ás margens combateram,  
 Tingiu lhe o sangue as ondas fugitivas,  
 E sangue a relva que lh'as borda emtorno.  
 Dermid cahiu... n'um último sorriso  
 De morte o doce amigo saudando.  
 «Filho de Diaran — Oscar bradava:  
 Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio!  
 Tu que no mais ferido das pelejas  
 Não succumbiste nunca, agora, amigo,  
 Heide-te eu vêr assim morrer sem glória!...

## XI

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito;  
 Vagaroso se affasta, e ao triste objecto  
 Vae do seu triste amor; ella no rosto  
 Lhe leu a intensa dor que o atormenta,  
 E disse: —«Oscar, que nuvem tam pesada  
 Escurece a tua alma?

«A minha fama  
 Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.  
 Sabes, filha de Dargo, a nomeada  
 Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora  
 De erguido tronco suspendido o escudo  
 Estava de Gondur, Gondur o bravo  
 Que n'um combate minha mão prostrára.  
 Tentei de o traspassar com minhas frechas.  
 E em vãos esforços se me foi o dia  
 —«Pois bem! tental-o-hei eu?» lheolveu ella.  
 Sabem as minhas mãos tambem vibrál o  
 Esse arco desiruidor da tua glória.



Que doce é ser mãe

— Lyrical—Vol. 2.<sup>a</sup>

Pag. 204

Muitas vezes meu pae folgou de vêr-me  
Sempre certas cravar as frechas no alvo.

## XII

Partem. Traz do broquel Oscar se oculta.  
Rapida a setta sibilando vôa.  
Das mãos da bella para o seio amante.  
—«Arco ditoso!» moribundo exclama  
Já todo em sangue o campeão dos montes:  
«Oh adorada mão! eu te agradeço.  
Quem fôra digno de enviar-me ás sombras,  
Ao filho de Garuth quem se atrevêra  
Senão a filha do valente Dargo?  
Ah! seja inteiro este favor, querida!  
Leva-me ao pé do meu amigo e deixa-me,  
Que morrerrei em paz.» —«Oscar, responde  
A donzelia: e eu não sou filha de Dargo?  
Eu sei também morrer como tu. — Disse,  
E o bello seio atravessou n'um ferro:  
Corre o sangue... ella treme e caiu morta.

## XIII

Juntos descansam do ribeiro á margem:  
Cobre-lhe a campa a movediça copa  
De um alemo frondoso. Ao meio dia  
Desce o gamo fugaz do alto monte  
E ahi vem páscoa á sombra, em quanto as chamas  
Ardem no firmamento, e todo envolto  
Nas alvas, longas roupas o Silencio  
Em derredor dos proximos outeiros  
Reina em toda a mudez da natureza.

## XIV

Assim cantava o caledonio vate:  
E de seu canto as derradeiras notas  
Ainda em meu ouvido ressoavam  
Quando um raio do sol de luz creadora  
No aposento me entrou — e a nevoa toda  
De Escocia dissipou, — libertou-me alma

De não sei que oppressão, e me devolve  
Aos doces climas da risonha Elysia.

182...

## XVI

A DOMINGOS SEQUEIRA

SAHINDO DE PORTUGAL

Fuge littus avan-  
Vida.

FILHAS da natureza, Artes divinas,  
Que douraes a existencia,  
Que o mimo sois da vida, o doce affago  
Que abranda nossas penas,  
Nem iós, candidas virgens, nem vós mesmas  
Dos grilhões escapastes  
Com que amarrou, aos argolões do averno,  
A tyrannia, a terra.  
O sopro crestador do Despotismo  
Vos murchou graça e flores;  
Da escravidão o bafo pestilente  
Da face pura e ingenua  
Vos destinguiu a candidez e o pejo;  
A céfara lisonja,  
Co'a torpe mão, no rosto macerado  
Vos pôs fingida máscara.  
Trasmudadas assim vos viu o mundo  
Erguer com servil dextra  
Padrões inglorios ao coroado vicio,  
Monumentos á infamia.  
Tal o cinzel que lavra insigne estátua  
A Catões e a Titos,  
Corta o busto de Nero e de Calígula;  
Taes as divinas tintas  
Que as augustas feições eternizaram  
De Socrates, de Phócion,  
No adulador pincel perdendo a glória,  
De torpes Heliogábalos  
Rosto envergonhador da humanidade  
Criminosas conservam...

Bem vindo sejas, ó Sequeira illustre,  
D'essa terra maldita  
Onde crucificou a Liberdade  
Povo de ingratos servos.  
Tu que os louros de Vasco e de Campello  
Reverdecer fazias  
Por aquelle maninho preguiçoso  
Que foi terra de Lysia,  
Filho de Raphael, bem vindo sejas  
A este asylo sancto.  
Com o nobre pincel, não poluido  
No louvor dos tyrannos,  
Aqui celebrarás antigas glórias  
Da que foi nossa patria,  
Ou gravarás em lamina prophetica  
O supplicie tremendo  
Que a seus crueis algozes tem guardado  
O Deus da Liberdade.

1824.

## XVII

## A CAVERNA DE VIRIATHO

Yet came there the morrow  
That shines out, at last, on the longest dark night.  
T. Moore.

## I

Sobre os eternos gelos  
Que os picos annuviados  
Do alto Herminio coroam,  
Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,  
E dos anneis ondados  
As auras matutinas  
Sopravam brandamente  
Violas e boninas,  
Que para lhe toucar a rósea frente  
Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

## II

Da precursora estrella  
Alva amortece a luz languidamente,  
Qual nos olhos expira  
Da rendida donzella,  
Quando em braços do amante amor lh'os cerra,  
O espirito da serra,  
Cujo é o sceptro das horridas montanhas,  
D'essa luz indignado  
Que seu throno de nuvens lhe dispersa,  
O véo despregado  
Co'as azas fuscas bate.

## III

Sobre as aguas pairou do morto pégo  
Onde vivente fol'go não demora,  
E c'um sorriso negro,  
Similhante ao que ri na fatal hora  
O anjo do mal á cabeceira do impio,  
Contempla na voragem  
As anténas quebradas, rotas quilhas,  
Tributo de homenagem  
Que o genio lhe enviou da tempestade,  
Por vias não sabidas de olho humano,  
Dos sotopostos reinos do Oceano.

## XVII

### L'ANTRE DE VIRIATHE

TRADUCTION DE M<sup>ME</sup> DE FLAUGERGUES

#### I

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut *Herminio*, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatans, et dans ces ondoyans anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

#### II

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissement. Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissons d'un époux. Le génie de la *Serra*,<sup>1</sup> le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siégeait, le génie de la *Serra* déploie son vol, et, de ses noires ailes, i bat les airs dans son courroux.

#### III

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abîme et rit d'un rire semblable à celui qui, à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abîme avec joie; il voit flotter brisés et confondus les nef, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empîres sousmarins par des routes aux humains inconnues.

<sup>1</sup> Chaîne de montagnes. Le mot espagnol est *Sierra*.

## IV

Qual a seta desferida do arco d'ebano  
 Do archanjo da morte,  
 Desce de golpe o espirito da serra,  
 E mergulhou nas aguas. Treme a terra,  
 Os subjacentes mares  
 De abobada em abobada gemendo,  
 Do boqueirão tremendo  
 Mandam horrido som que estruge os áres.

## V

Mas já co'a doce luz do sol infante  
 As nuvens accossadas  
 A frente da alta serra destoucavam.  
 Sobre a relva, no calice das flores,  
 Qual indicô diamante,  
 Gotta acrysoladas  
 Do puro orvalho brilham multicôres;  
 E as plantas acordadas levantavam  
 Para saudar a luz a hâstea pendida  
 Do esfriado relento.  
 A toda a natureza  
 Vem do astro creador amigo alento,  
 Que remoça, que alegra e expande a vida.

## VI

Glória dos altos montes,  
 Magnifico Herminio, a quem saúda  
 A portuguez loquella  
 Co'o gentil nome da formosa Estrella  
 Com que tua fronte a topetar se atreve;  
 Nunca manhan mais bella  
 Por teus broncos penedos,  
 Tuas humidas grutas,  
 Teus altivos, giganticos rochedos,  
 Catadupas sonoras,  
 Torrentes gemedoras,  
 Viçoso, ameno prado  
 Jamais raiou no Oriente apavonado.

## VII

Salve, berço do nome lusitano!  
 N'esta manhan solemne,  
 Que, em volver de anno e anno,

## IV

Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la morte, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémît. Les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voûte en voûte<sup>1</sup> des sons horribles qui troublent les airs.

## V

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière Serra. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la rosée brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

## VI

Gloire des monts altiers! superbe Herminio! toi que le langage portugais salue du nom de brillante Étoile que ton front ose toucher, superbe Herminio, jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes sourcilleux et gigantesques rochers, tes cascades sonores, tes mugissants torrens, tes charmantes prairies, ne virent une matinée plus belle colorer le radieux orient.

## VII

Salut, berceau du nom lusitan, salut! J'aime à te

<sup>1</sup> Abebada

Jamais acabará que a apague o tempo  
 Da saudosa memória;  
 N'esta manhan de glória  
 A ti venho, a ti venho, asylo santo  
 Da lusitana antiga liberdade.

Tuas lobregas cavernas  
 Me serão templo augusto e sacrosanto,  
 Aonde da Razão e da Verdade  
 Celebrarei a festa.  
 Ouça-me o val, outeiro,  
 Escute me a floresta  
 Aonde do seguro azambujeiro  
 Seus cajados cortavam  
 Os pastores de Luso,  
 Que a defender a patria e a liberdade  
 N'esses tempos bastavam  
 De honra e lealdade.

## VIII

Hoje!...—Meu sacro rito  
 Aqui celebrarei n'esta caverna.  
 Teu sanctuário é toda a natureza,  
 Potestade superna,  
 Deus do homem de bem, Deus de verdade,  
 Immensa magestade  
 Que do nada tiraste a redondeza.

## IX

Ouve-me, ó Deus, recebe  
 Meu puro sacrificio.  
 No torpe malefício  
 Da traição não manchei  
 Minhas mãos innocentas,  
 Nem sacrilego ousei,  
 Teu altar profanando,  
 Queimar o incenso vil da hypocrisia  
 Com a dextra parricida gotejando  
 Sangue da patria, lagrimas fraternas,  
 Suor da viuva e do orpham.  
 Escuta, ó Deus, nas regiões eternas  
 Minhas accções de graças n'este dia,  
 Dia que a resgatar-nos  
 Do captiveiro odioso  
 Estendeste o teu braço poderoso;  
 E a razão, liberdade,

saluer en ce jour solennel, dont jamais la suite des années n'effacera la mémoire regrettée.

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie coupaient leurs rustiques houlettes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

### VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes rités sacrés en cette grotte. Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, ô puissance suprême! ô Dieu des hommes vertueux! Dieu de vérité, majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses!

### IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice! La vile et infâme trahison ne souilla jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner tes autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères... Oh! ce n'est pas moi!

Ecoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles, écoute et reçois mes actions de grâces! Qu'elles montent vers toi en ce jour où, pour nous délivrer d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puissant! en ce jour où tu daignas rendre à l'humanité si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme avait perdus!

Dons teus, do homem perdidos,  
Restituiste á oppresa humanidade.

## X

Mas que sinto! — Desvairam-me os sentidos?  
E'stas cavernas tremem ..  
Emtorno os áres fremem...  
D'ecco em echo medonhos estampidos  
Reflectem pavorosos!  
Do extremo fundo lá d'esse antro surde  
(Visão estranha é esta)  
Espectro, sombra...  
— Manes gloriosos  
Sois vós de algum heroe? — A lança, o escudo  
Embraça, empunha: aos pés Aguias romanas  
Prostradas! ... oh! Viriatho  
És tu, sombra magnanima... .

## XI

Tua caverna é esta:  
De tua glória e teu nome é cheio ainda.  
O val, monte e floresta,  
Libertador da antiga Lusitania,  
Das regiões da morte  
Viente ver raiar a doce aurora  
Da nova liberdade  
Sobre teus patrios montes;  
Esconde, esconde a face, ó varão forte,  
Volve ao tumulo: a raça trahidora  
Não acabou no vil que a preço indigno  
Te vendeu aos tyrannos do universo:  
O sangue d'esse monstro  
Em quantos corações bate hoje á larga!  
São mil por um perverso;  
Covardes todos. — Ferros que empunham  
Os Lusos teus para salvar a patria,  
Adagas de sicarios se tornaram  
Em mãos de Portuguezes. .

## XII

Patria! ... não temos patria ...  
Oh! não ha para nós tam doce nome.  
Grilhões, escravos, carcereis e algozes,  
De quanto outr'ora fômos,  
Isto só nos restou, só isto somos.

## X

Mais qu'entends-je ! . . Mes sens se troublent. . . Ces antres sombres mugissent... L'air autour de moi, l'air frémît. D'écho en écho se répètent des sons mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle vision se lève ? quelle ombre ? . . Mânes glorieux, êtes-vous ceux d'un de nos héros ? Mais la lance est dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier, ses pieds triomphants foulent les aigles redoutables de Rome... C'est toi, ô Viriathos ! ô guerrier magnanime ! c'est toi ! . . .

## XI

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais. Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique *Elysia*, des régions de la mort tu reviens pour voir briller sur tes monts paternels la douce aurore de la liberté nouvelle.. Détourne, détourne ton front auguste, ô noble guerrier ! Recouche-toi dans ton sépulcre ! Elle n'est point anéantie la race perfide de ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces monstres, ce sang infâme, hélas ! dans combien de lâches coeurs ne circule t-il pas aujourd'hui ? Pour un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont tout. O' portugais ! les glaives que vous saisites pour sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en poignards tels qu'en aiguiseut de lâches sicaires de la tyrannie.

## XII

La patrie! . . ah ! nous n'avons plus de patrie ; pour nous n'existe plus un nom si doux. Des fers, des esclaves, des cachots, des géoliers, de tout ce que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes

## XIII

## A SOMBRA DE VIRIATHO

«Não! sois mais que isso. O dia da justiça  
 Do Eterno chegará. Sua hora tarda,  
 Mas infalivel, soará n'altura;  
 E os eccos da planicie hão-de annunciar-a.  
 Os impíos buscarão onde esconder-se,  
 E a terra negará couto a seus crimes.  
 Mares de sangue cobrirão a terra,  
 E a morte folgará sobre as ruinas.

## XIV

«Mas quem, quem desprendeu as cataractas  
 Do sangue, do castigo?  
 O impio que blasphemou  
 E de dizer ousou  
 Nô tredo coração:  
 — *Não ha l'eus; abusemos*  
*Afioit-os de seu nome*  
*Para avexar os povos; escudemos*  
*Co'esse phantasma vâo nossos embustes.*—

## XV

«Cegos! nadae no pelago dos males,  
 Luctae com a ancia da morte: não ha tábua  
 Para vós, não, de salvação, de espr'ança.  
 — Uma arca só por esses mares voga,  
 Arca de alliança nova,  
 Santa, e sagrada é esta!...  
 Pacto de Deus co'os povos. Liberdade  
 Só restara do universal diluvio:  
 Da raça dos tyrannos,  
 Da fraticida guerra  
 Que ateára a oppressão entre os humanos.  
 Nem a memoria ficará na terra.»

## XIII

## L'OMBRE DE VIRIATHO

«Non ! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais ! il arrive le jour de la justice de l'Éternel. L'heure tardive mais infaillible va sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine proclameront l'heure terrible. Alors les impies voudront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.

## XIV

«Qui attira ces torrens de vengeances, dites, qui fait mugir ces cataractes de sang ? Le tyran impie qui blasphéma, le monstre qui osa dire dans son cœur pervers : *Il n'y a point de Dieu ; c'est un vain nom dont nous nous servons pour asservir les nations.* C'est un fantôme que nous offrons aux peuples abusés pour leur dérober les pièges que nous dressons sous leurs pas.

## XV

«Aveugles vous-mêmes ! niez Dieu maintenant ! surnagez, si vous pouvez, sur cet océan de maux que vos crimes ont enflé ! Luttez contre la mort !... vous luttez en vain. Pour vous, désormais, point de planche de salut, point de secours, point d'espérance !

«Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux ; c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une alliance nouvelle.

«C'est le gage du pacte immortel de Dieu avec les peuples. Liberté, céleste Liberté, seule tu survivras à ce naufrage universel. Et de la guerre fraticide que le despotisme alluma, et de la race des tyrans, aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.»

## XVIII

## O ANNO VELHO

Amara lenim  
Temperat risu.  
HORAT.

**V**AE-TE, anno velho, vae-te, e nunca volvas  
 Dos seculos no giro;  
 Sumido sejas tu nas profundezas  
 Da immensidão do nada,  
 Anno parvo e poltrão, chôcho e sem prestimo,  
 Inutil como um conejo.  
 Quem fez caso de ti? Nem praguejado,  
 Nem hermdito morreste,  
 Sem deixares legado ou testamento  
 A' desherdada historia.  
 Foram teus dias, dias de rotina,  
 Como as lições sibidas  
 Da encebeta, suja caderneta  
 De um lente de Coimbra;  
 Tuas horas, as horas marianas  
 Da velha abbadessona  
 Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio  
 O babado registo  
 Do santo favorito.—Vae-te, some-te,  
 Carunchoso anno velho:  
 Trague-te o olvido intiero; mais memoria  
 De ti não fica á terra  
 Do que deixa um abade de Bernardos,  
 Da Academia um socio.

1824

## XIX

## A TEMPESTADE

Cæco carpitur igni.  
VIRGIL.

## I

**S**OBRE um rochedo  
 Que o mar batia,  
 Triste gemia  
 Um desgraçado,

Terno amador.  
 Já nem lhe céem  
 Dos olhos lagrimas;  
 Suspiros fervidos  
 Apenas contam  
 Seu triste amor.

## II

Ondas, clamava o misero,  
 Ondas que assim bramaes,  
 Ouvi meus tristes ais!  
 Horrivel tempestade,  
 Medonho furacão,  
 Não é mais agitado  
 Do que o meu coração,  
 O vosso despregado,  
 Horrisono bramar!  
 Ancia que atropella  
 Meu languido peito,  
 É mais violenta  
 Que o tempo desfeito,  
 Que a onda encapella,  
 Que agita a tormenta  
 No seio do mar.

## III

Mas, ah! se o negrume  
 O sol dissipára  
 Calmára,  
 Seu nume  
 O horror do tufão.  
 Assim á minha alma  
 A calma  
 Daria  
 De Armaz  
 Um sorriso:  
 Um raio de esp'rança  
 Do paraizo  
 Traria  
 A bonança  
 Ao meu coração.

## XX

## TRONCO DESPIDO

Sine nomine corpus  
Vita.

**Q**UAL tronco despido  
De folha e de flores,  
Dos ventos batido  
No inverno gelado,  
De ardentes queimores  
No estio abrazado,  
De nada sentido,  
Que nada elle sente...  
Assim ao prazer,  
A' dor indiff'rente,  
Vão-me horas da vida  
Comprida  
Correndo,  
Vivendo,  
Se é vida  
Tam triste viver.

18-8.

## XXI

## SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi  
na soledade.  
ARRAES - DO PSALM.

I

**S**OVIDÃO, eu te saudo! silencio dos bosques,  
salve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.  
Venho depôr n'elle o pêso abhorrecido da exis-  
tencia; venho despir as fadigas da vida.

Quero pensar só commigo; quero falar a sós com  
o meu coração.

Os homens não me deixam; amparae-me vós, so-  
lidões amenas, abrigae-me, ó solidões deleitosas.

Franqueia-me, ó soledade, o thesouro das tuas  
selvas; abre-me o sanctuario das tuas grutas

Eu perguntarei aos troncos pelas edades que vivem corret; e os troncos me responderão, meneando as suas ramaç: — Ellas passaram.

Eu contarei aos prados os meus amores, e as boninas abrirão o calix para me dizer: — Também nós amámos.

Interrogarei os penhascos pelos eccos das vozes dos homens; e os penhascos mudos não ousarão repetir-me os sons felizes d'essa voz.

Eu direi ás ruinas: — Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram?

E as ruinas se calarão; mas a pedra de um sepulcro falará por ellás.

A pedra do sepulcro dirá: — A morte passou, e as suas pégadas ficaram impressas no caminho dos séculos.

Solidão, eu te saudo! silêncio dos bosques, salve!

## II

Que doce não é fugir dos homens para viver com as plantas!

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenhez; e vir no desalinhado dos campos folgar em liberdade com a natureza!

Nascentes que rompeis do seio das rochas! vós não sois comprimidas nos estreitos canaes que fabricou a arte:

Livres surgis da terra, livres jorraes das penhas; e livres correis dos montes a cobrejar nos prados por entre o matiz das flores.

Arvores frondosas, vegetae sem medo; a foice do jardineiro não vos despojará da rama para o monotono prazer do luxo contrafeito.

E vós, rochedos magestosos, repousae tranquillos nas elevações da terra: que não virá o cinzel do estatuario roubar-vos as fórmas da natureza;

Para transmitir ao neto degenerado as feições do avô ambicioso.

Solidão, eu te saudo! silêncio dos bosques, salve.

## III

Solidão, en venho a ti; já me não querro senão no teu seio.

Trago o coração opprimido; uma mão de ferro  
m' o aperta.

O espinho da dor está cravado no meio d'elle; a  
angustia o torce sem piedade.

O affogo lhe travou das arterias; todo o peso da  
desgraça está em cima d'elle.

O meu sangue já não tem vida; e circula de mão  
grado pelas veias froixas.

Arde-me não sei que fogo no intimo do peito;  
queria chorar e não tenho lagrimas.

Travam-me na bôcca os azedumes do passadoito  
aridez do futuro secou os meus olhos.

O que foi e o que hade ser anda-me esvoaçando  
pela phantasia; são pensamentos de azas negras  
como o corvo agoureiro.

O momento que é desapparece no meio d'elles;  
porque não é nada.

O homem não tem senão o passado e o futuro;  
o passado para chorar, o futuro para temer.

O presente não é nada; e é só o que elle sabe.

Já se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o  
disse Deus.

Eu vivo no futuro por uma esperança mais te-  
nue que o fio da aranha; existo no passado porque  
ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro  
do círculo; mas a sua existencia é chymera.

Os raios que partem para a circumferencia são  
reaes: tal é a minha vida.

D'aquelle ponto imaginario tiro linhas verdadeiras  
para o que fui e para o que heide ser; todas vão pa-  
rar na desgraça.

Eu tive coração, amei; ainda o tenho, e amo.

Mas o meu amor fadou-o a desventura; bafejou-o  
o sôpro do mal.

Fui planta que só lagrimas a regaram; o sol da fe-  
licidade não se riu para ella.

Deu flores outoniças que não desabrocharam: o  
granizo as crestou, e a geada lhes queimou os ger-  
mões.

Não houve esperança de fruto; só o prazer, mas  
tam louco! — de as colher sem ella.

Por isso está triste a minha alma; triste até à morte.

E os homens cuidam que eu sou feliz; e eu régo  
e noite o meu leito com as lagrimas dos olhos.

Porque a noite fez-se para chorar, quem tem  
que chorar; de dia o avisado mente e ri.

Por isso eu não quero viver mais com os homens;  
porque quero chorar de noite e de dia.

A cidade é para mim o deserto; a solidão é a mi-  
nha patria.

Solidão, eu te saudo ! silencio dos bosques, salve!

182...

---

## LIVRO SEGUNDO

### I

#### A VICTORIA NA PRAIA

Βε δωρεαν πάρα δυνα πληρότεροι διάλογοι;  
Ησέλλεις οι επειτή αποντε χιονι τραβή... .

Do mar ruídosso as praias mudas estava  
E em tais imprecções desabafava  
ILLAD. A.

### I

P<sub>E</sub>LAS vagas azuis do largo oceano,  
Co'as pandas azas ao galerno vento,  
Vae nobre armada; — desdobrando ufano  
O verde pavilhão nas altas pôpas  
Treme ao sôpro da brisa; e a cento e cento,  
    O ecco repetido,  
Reflecte pelas aguas o estampicô  
    De cem canhões que trôam.

— E morre pouco e pouco o som nas vagas;  
E a praia é só. A praia — onde inda eccôam  
A celeuma dos nautas e o zumbido  
De multidão confusa — só, calada,  
Erma ficou; e nas alpestres fragas  
Apenas se ouve a bulha compassada  
Da ressaca, gemendo e murmurando,  
Com que a maré das praias se despede,  
Foge e volta queixosa recuando;  
Qual amante em custosa despedida,  
Que adeus já disse e adeus — e retrocede,  
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

### II

E a praia é só. — Não só: n'esse penedo  
Que emtorno tapecou alga ramosa,  
Um vulto vejo ainda; mudo, quêdo,

C'os olhos longos na planicie aquosa;  
 Disseras que o feriu c' o mago dedo  
 De Harpocrates a sombra mysteriosa,  
 Que n'uma estátua sua o transformára,  
 E só a vida nos olhos lhe deixára.

Como que lhe caíu desfalecida  
 A esquerda sobre uma harpa desmontada,  
 E, com a dextra longa e estendida  
 Para o extremo horizonte, aponta á armada  
 Que a velas cheias singra, e lesferida  
 De amigo vento, corre empavezada:  
 Debuxa o rosto magoado peito,  
 De estranho menestrel é o trajo e aspeito.

## III

Mas lá se move, e em pé sobre a alta roca,  
 Como inspirado subito  
 De espírito fatídico,  
 Com a trémula mão nas cordas toca  
 Da harpa, que em sons responde inda mais trémulos.  
 Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,  
 E entre pena e saudade e glória e mágoas,  
 Assim coavam nas frementes aguas:

## I

«Alva pomba de esperança,  
 Voga na arca mysteriosa;  
 Que no dia da bonança,  
 Quando a enchente procellosa  
 A' voz do Eterno parar,  
 Penhor da nova aliança,  
 Tu a nós hasde voltar.

Sobre a lodosa voragem  
 Que inda cobre meio mundo,  
 Deixa o corvo negro immundo  
 Sua sede de carnagem  
 Em cadaveres fartar.

Para a pombinha mímosa  
 Hade chegar o seu dia;  
 E quando a flor da alegria

Na oliveira despontar,  
 C' o raminho de esperança  
 Penhor da nova aliança,  
 Tu a nós hasde voltar.

## II

«Mas que altivo baixel vae singrando  
 Pelo esteiro da armada leal.  
 Nem as Quinas do Luso arvorando,  
 Nem a Cruz do paiz de Cabral?  
 Que annuncia esse infausto pendão,  
 Estandarte de morte aziago?  
 Foge, foge, ó Maria, á traição;  
 São as cōres da nova Carthago.  
 Não o vês de cruor salpicado  
 Tremular co'essas nódoas fataes?  
 E o sangue á traição derramado,  
 E o sangue dos teus mais leaes.  
 —Não se lavam do Nilo na glória  
 Essas manchas de opprobrio e de horror;  
 E emmudece o clarim da victoria  
 Da Terceira ao gemido clamor.

## III

«Carthago desleal, embalde atrôam  
 Teus Hannons, teus Amilcares traidores  
 O incredulo fóro que povôam  
 Turba de vis, venaes declamadores,  
 E á tua plebe estupida os pregôam  
 Da republica os fortes defensores:  
 Essa nódoa jamais hasde laval-a,  
 E o universo em seu dia hade vingal-a

«Seu dia hade chegar: já desvendados  
 Se espantam do tam longo sofrimento  
 Os povos opprimidos e ultrajados;  
 Já seguem com o ancioso pensamento  
 Ao Scipião do oriente, alvoracados  
 O invocam contra Hannibal fraudulentio,  
 E folga o mundo ao contemplar presago  
 Nas ruinas de Byzancio as de Carthago.»

## IV

Assim cantava o peregrino vate  
 Nos rochedos do exílio; e as ermas praias  
 Da inhospita Carthago resoavam  
 C'os respeitosos sons que n'harpa trôa  
 Fremente indignação. Medonha entanto  
 Em derredor a cerração crescia,  
 E as grossas gôtas raras que despedem  
 As tumescentes nuvens, os lampejos  
 Que a mais e mais, de perto e perto ameudam,  
 Annunciavam tremenda tempestade  
 Que a instantes vae desabar no pégo.

## V

Eis subito, onde as nuvens m'is opacas,  
 Mais pejadas do fluido se mostram  
 Que so a Frâncilin subjugar foi dado,  
 Rompe e em golpes de luz no céu fulgura  
 Raio, que segue horrisono estampido  
 De trovão, l'ecco em ecco reboando  
 Por céus e mares, longo e longo... Os seios  
 Das nuvens se rasgaram; e entre o vívido,  
 Fluctuante clarão de mil relampagos,  
 Do atonito vate avulta aos olhos  
 Assombrosa visão. N'um corcel branco  
 Da cõr da lactea-via lhe apparece  
 Um cavalleiro ancião; lucidas armas  
 De espelhado brilhante ferro o vestem;  
 Descem lhe as alvas, venerandas barbas  
 Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente  
 Do equestre collar, sobre o aço fulge;  
 Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,  
 E ponderosas chaves traz na dextra,  
 Que aperta, e cuidadoso olha e segura.  
 Tal ás margens do Tejo iria outr'ora  
 A Toleão em briosa romaria  
 Da lusitana lealdade o symbolo;  
 Tal Martim-de-Freitas nos figura  
 O vivo imaginar, aspecto e forma.

## VI

«Suspende as notas do despeito iroso,  
 Brada o celeste cavalleiro ao vate:

«Cessa o funebre canto doloroso,  
E n'harpa lusitana os sons antigos  
Acorda da victoria;  
Hymnos entôa de triumpho e gloria:  
Inda ha sangue do meu por essas veias  
Da gente portugueza; extinto ainda  
Não foi o santo amor da liberdade  
Que os lusitanos peitos incendia,  
Nem o timbre da honra e lealdade  
Que entre os povos da terra os distingua;

»No meio d'esse pégo (e co'a bandeira  
Apostou para o ultimo occidente)  
Numa isolada rocha, que a fogucira  
Das subterraneas furnas sempre ardente  
De continuo rescalda, a derradeira  
Leal phalange intrépida e valente  
Com sangue imigo e seu tinge o oceano,  
E a nodosa lava ao nome lusitano.

## VII

«Olha, e verão teus olhos o alto feito,  
A alta gloria dos teus. — Disse, e brandindo  
Na dextra a lança, para Oeste accena:  
No concavo do escudo as ferreas chaves  
Deram tremendo som. O ecco dos mares  
O repétiu, e a negra tempestade  
Emmudeceu ante elle; as nuvens fogem,  
Os brados do trovão sumidos morrem,  
E a derradeiro lampejar dos raios,  
Como elles, des'parece o cavalleiro,  
Um sulco d'alva luz té o horisonte  
Descrevendo nos céus: — e qual nas scenas  
Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,  
Por feiticeira maravilha de arte,  
As terras longes e apartados povo  
Que além mares, que além desertos jazem,  
Tal aos olhos do vate deslumbrados  
O magnifico aspecto se descobre  
De uma ilha vicejante e pampinosa,  
Que ante elle, qual Delos, se offerece,  
Ou qual ao domador das iras cruas  
Do fero Adamastor a dos Amores.

## VIII

Alcantis bravos derredor a cercam;  
 E nos erguidos cumes pictorescos  
 De seus montes vegeta em morna cinza,  
 De mal extintas crateras em torno,  
 Todo o luxo de Flora e de Pomona,  
 Que ao lourejar de Ceres dá realce  
 E c'os thyrsos de Bacco se mistura.  
 O tempestuoso Atlântico lhe quebra  
 Nas ouriçadas pontas dos rochedos  
 Que em orla a cingem, onde em amplo seio  
 Mais à larga lhe é dado entrar na praia,  
 Sobre a pallida areia em rolos bate  
 E em alva franja se desfaz de espuma.

## IX

A espaços, e uns sobre outros terreando,  
 Baluartes avultam, e alto ondeia  
 A matutina brisa, n'hástea erguido  
 Das nobres Quinas o estandarte antigo.  
 Para nebrina cobre em parte o resto:  
 E á sombra d'ella, empavezada fróta  
 Vae na enseada penetrando a furto...  
 — Quinas também arvora; mas infame  
 Quebra de bastardia a meio parte  
 O glorioso escudo; e o sangue fresco  
 Na alvura da bandeira lhe resumba...  
 — Que sudario de mortos a disseras  
 N'uma armada de sombra defraldado  
 O aziago vento nos pêgões da Styge.

## X

Deu sinal a atalaia n'alta torre,  
 E as negras boccas dos canhões romperam  
 O crebro fuzilar; os áres cortam,  
 Cruzam-se as pélas que de morte silvam;  
 E os ecoos das pacíficas montanhas  
 Pasmam dos sons de guerra que repetem.  
 Nas náos desaba o rapido granizo  
 Do saltante peloiro: e o crebro estalo  
 Da palpitante, trépida, granada  
 Ferve de terra e mar.

## XI

Mas já baixando das erguidas pôpas  
 Das alterosas náos, leves esquifes  
 Armadas lanchas n'água vão poisando,  
 E a enseada povôam: lentas descem  
 As phalanges dos bravos, que mal soffrem  
 Ir ao feito traidor co'as mesmas armas  
 Que leaes nos campos de Coruche e Prado  
 Tanta gloria ganharam... Instam cabos,  
 Blasphemos centuriões, a infame brados  
 De ameaças, os pungem... Cede á força  
 O soldado fiel, mas n'alma leva  
 A tenção fixa de lavar a injuria  
 No sangue vil do chefe que o deshonra.  
 Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte  
 Audazes penetrando, á praia abicam;  
 E braço a braço, peito a peito, encontram  
 O cidadão c'o escravo; — trava a lucta  
 Da perjura traição, o'a lealdade,  
 E investe a escravidão co'a liberdade.

## XII

E quem são esses nobres defensores,  
 Que, em poder tam pequeno, fixos, quedos  
 Aguardam seus terríveis aggressores,  
 E immoveis sobre as pontas dos rochedos  
 Parecem desafiar seus vãos furores?  
 Ri-lhe a victoria já nos olhos ledos,  
 Não bate o coração, tranquilla é a alma;  
 E a sorte esperam que lhes trag: a palma.

A desmedida fôrça do inimigo  
 Não parecem contar; ou, se a contaram,  
 Suppõe-se cada qual n'este perigo  
 Que o ânimo ou os braços lhe dobraram;  
 A injúrias taes e tântas dar castigo  
 Os pedosos destinos lh'outorgaram  
 E só contam, só vêem co'a longa esp'rança  
 As delicias da proxima vingança

## XIII

Quaes injúrias, que affrontas? Inda ecoa  
 Do disperso senado nas abobadas,

Calumniosa voz que altiva sôa,  
 E de insultos cobriu a escolha impavida  
     Da lusa mocidade,  
 Que armas em vão pediu, e ás armas corre  
     Que lhe vedam traidores,  
 Combate, vence, onde não vence, morre,  
 E ensina a seus covardes detractores  
 Que é mais fiel o cidadão que o escravo,  
 E que no peito do liberto bravo  
     A antiga lealdade  
 Remoça e cresce mais co'a liberdade

## XIV

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro,  
 Glória da patria, em cuja nobre espada  
 Da afflita Lysia o amparo derradeiro,  
 A derradeira esp'rança está firmada:  
 Dize-o tu, Villaflor, quando primeiro  
 Assomaste na altura alcantilada,  
 Que assombros de valor, de patriotismo,  
 Que milagres não viste de heroísmo !

## XV

Qual, através de insolito perigo,  
 Vae de socorro a Diu o Castro forte,  
 Tal, entre a densa esquadra do inimigo,  
 O árdido Villaflor, sem medo á morte,  
 Villaflor, dos rebeldes o castigo,  
 E a quem domada não resiste a sorte,  
 Nas praias de Angra impavido surgira,  
 E com elle a victoria que o seguira.

E que pensaveis, desleaes traidores ?  
 Encontrar só valor ? — Têm chefe agora  
 Da patria liberdade os defensores:  
 Na tenda imbellé por Briseis não chora  
 O Achilles portuguez, e seus furores  
 Muito sangue leal insulto implora;  
 Não ha com vosco Heitor que vos defenda,  
 E Páris foge da marcial contenda.

## XVI

Eil-os! eil-os, que estólidos correndo,  
 Cegos se appressam a encontrar seu fado :  
 — Matae, não deis quartei! com gesto horrendo  
 O chefe canibal brada ao soldado.  
 • Perdoae, perdoae; crime tremendo  
 • É o d'elles; (do heróe tal era o brado)  
 Mas não sigaes o exemplo do tyranno,  
 Poupaes, poupaes o sangue lusitano »

Trava a peleja: quaes leões feridos  
 Os renegados chefes accommettem,  
 E blasphemando em horridos bramídos,  
 Instam c'os seus, despojos lhes promettem;  
 De affrontosos supplicios, que aos vencidos  
 O vencedor prepara, lhes repetem  
 Fábulas mil com que o soldado excitam,  
 E a combater, mão grado seu, o incitam.

## XVII

Mas não descança a espada que tempéra  
 Fogo que ardeu no altar da liberdade;  
 Nos gumes lhe poisoa a morte fera,  
 F nas mãos da briosa mocidade  
 É ruio que fulmina e reverbera,  
 Raio de honra, valor, de heroicidade,  
 Que nos rebeldes campeões desfeixa  
 E em negras cinzas sobre a praia os deixa.

## XVIII

Um por um céem na contendia ingloria,  
 Deshonrados cadaveres,  
 Trophéo ignobil que desdenha a gloria,  
 Que á corda do pátibulo  
 Roubou com pejo a espada da victoria.  
 Soprae do oceano tumido,  
 Soprae, ó ventos, derramae nos áres  
 Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.

E vós, illusas victimas  
 Da tyrannia perfida,  
 Vinde, accolhei-vos ao amparo amigo

Da bandeira leal;  
Soldados! já não ha mais inimigo,  
Bradae:—Real, Real!  
Por Maria, bradae, de Portugal!  
«Viva Maria e viva a liberdade!»  
Com lagrimas responde e a brados clama  
O soldado corrido e envergonhado.  
Nas fileiras da antiga lealdade  
A voz se uniram do heroe que os chama,  
E bendizendo a mão que os ha salvado,  
Lavar promettem a manchada fama  
No sangue d'esse monstro de maldade  
Que a patria c'o roubado sceptro opprime  
E involuntarios os forçou ao crime.

## XIX

Vencidos, vencedores, abraçados,  
Todos triumpham na ganhada gloria;  
Da mesma causa todos são soldados,  
E unidos cantam a commum victoria:  
Os seculos por-vir lerão pasmados  
Prodigo tal na lusitana historia...  
O ecco dos máres que repete o canjo  
Nas vagas se ouve murmurar de espanto.

## XX

Sonoros rufam trémulos tambores;  
Os bravos batalhões, de Ourique entoam,  
Em côro marcial, leaes clamores;  
E as alternadas coplas, que resoam  
Como em respostas, se unem aos clangores  
Das trompas,—dos clarins que agudo soam;  
Brande-se a espadainda sanguenta e nua,  
E a bandeira real no ar fluctua.

## CÔRDO DOS SOLDADOS

Real! real! real!  
Real por Maria de Portugal!

## UMA VOZ

Repita a Terceira as vozes de Ourique,  
Que ao throno elevaram o filho de Henrique,  
E a filha de Pedro ao throno alçarão.

CÔRDO

Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade !  
 Miguel é tyranno,  
 Feroz, deshumano,  
 Que reinar não hade.

CÔRDO

Real ! real ! real !  
 Real por Maria de Portugal !

UMA VOZ

Victoria cantemos, victoria, victoria !  
 Maria triumpha : — seu nome é de gloria,  
 Seu nome, que adora a luza nação . . .

CÔRDO

Defende, protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade !  
 Miguel é tyranno,  
 Feroz, deshumano,  
 Que reinar não hade.

CÔRDO

Real ! real ! real !  
 Real por Maria de Portugal !

UMA VOZ

Sua mão dêlicada bordou a bandeira  
 Que altiva tremúla na heroica Terceira:  
 Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CÔRDO

Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade !  
 Miguel é tyranno  
 Feroz, deshumano,  
 Que reinar não hade.

CÔRDO

Real ! real ! real !  
Real por Maria de Portugal

Lond. 1809.

II

O JURAMENTO

CANTO PATRIOTICO

Posnisti nos opprobrium vicinis nostris...  
Exurge, quare obdormis, Domine?

PSALM, XLIII

I

DEUS, que ouviste o juramento  
Do teu Povo lusitano,  
Oh rei dos reis soberano,  
Ouve-o, que a ti vem bradar !  
Nós jurámos : santa jura  
Que ninguem fará quebrar.

II

Nossas armas humilhadas  
Que abandonou a victoria,  
Estes pendões já sem gloria  
Depômos no teu altar.  
Mas juramento que démos  
Ninguem nos fará quebrar.

III

Já tua mão omnipotente  
Sobre nós luz co'a esperança,  
Já vem o Iris da bonança  
No horizonte a raiar.  
Juramento que lhe démos  
Ninguem nos fará quebrar.

IV

Do nosso Libertador,  
De dous mundos maravilha,

Eis do grande Pedro a filha  
 Que sobre nós vem reinar.  
 Juramento que lhe démos  
 Ninguem nos fará quebrar.

## V

Nas terras, ungidas mãos  
 A paterna magestade  
 Pôs a nossa liberdade  
 Co proprio sceptro a guardar.  
 Juramento que lhe démos  
 Ninguem nos fará quebrar.

## VI

Nós, invocando o seu nome,  
 E o teu nome, ó Deus de Ourique,  
 Do filho do grande Henrique  
 O pendão vamos hasteiar:  
 Jurámos — e o juramento  
 Ninguem nos fará quebrar

## VII

São também teus inimigos  
 Os crus inimigos seus,  
 Que renegaram de Deus  
 Antes de a pátria negar.  
 Nós, a jura que fazemos,  
 Ninguem nos fará quebrar

## VIII

Vamos, a esses traidores  
 Que a tua lei desprezaram,  
 Que a lei do povo calcaram,  
 Vamos, senhor, castigar.  
 Este santo juramento  
 Não nol-o deixes quebrar.

## IX

Confunda-os, Senhor, tua ira,  
 Desarme-os teu braço eterno;

Manda a confusão do inferno  
Suas hostes baralhar:  
Que nós jurámos—e a jura  
Ninguem nos fará quebrar.

X

Jurámos livrar a patria,  
A patria libertaremos;  
F, no throno que lhe erguemos,  
A rainha hade reinar.  
Jurámos, sim; e ésta jura  
Ninguem nos fará quebrar.

1839.

III

NO ALBUM DE UM AMIGO

Nos valles do destérro são colhidas  
Estas singelas, desmaiadas flores  
Que por mãos da saudade vão tecidas  
C'os acerbos espinhos de suas dores:  
Mas doce esp'rança as leva offerecidas  
Ao casto altar dos conjugaes amores;  
E ahi, morta a Saudade na ventura,  
C'os espinhos cahirão—Amor o jura.

Lond. 1831.

IV

NÃO CREIO N'ESSE RIGOR

Não creio n'esse rigor  
Que nos olhos se desmente:  
E' traidor  
O deus d'amor,  
Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,  
E na verdade consente:  
Que é traidor  
O deus d'amor  
E nos olhos te desmente.

Lond. 1831.

## V

## O RAMO DE CYPRESTE

À EX<sup>MA</sup> SR<sup>A</sup> D. ANNA LEITE DE TEIVE

A esta frente desbotada  
 De angústias e dissabores  
 Não cabe o louro da glória  
 Nem as rosas dos amores:  
 A triste fado votada,  
 Sem renome, sem memoria,  
 Nem terá piedosas flores  
 Sobre a campa abandonada.  
 Sei que do negro cypreste  
 Só me toca a palma obscura.  
 Mas nem essa rama escura  
 Que por tuas mãos colheste,  
 Nem essa quiz a ventura  
 Que me viesse coroar...  
 Tam cruel é minha estrella.  
 Tam funesto é meu desar.

A mão innocent e bella  
 Que o triste ramo colheu,  
 Por mui alto para meu,  
 Volta pois o dom fatal;  
 Mas fica, esse sim, o agoiro  
 Que prophetiza o meu mal.  
 — Oh ! quando faminta espad<sup>a</sup>  
 Ou sibilante peloiro  
 Houver emfim terminada  
 A amarga, penosa vida...  
 Ao menos — se, assim pedida,  
 Mercê tal é de outorgar —  
 D'esses teus olhos divinos  
 Uma lagrima sentida  
 Venha piedosa os destinos  
 Do proscripto vate honrar.

VI  
FLOR SINGELA

NO ALBUM

De S. A. A. S. S. I. D. A. J. N.

LINDA flor que nos jardins  
Fôrça de arte cultivou,  
Tem dobrada a folha, o cheiro  
Mas de fructo se privou.  
Passa abelha diligente,  
E admirou tanto primor;  
Mas para os favos o nectar,  
Vae buscâ-lo a outra flor.

Singelinha de tres folhas  
Co'a musqueta deparou,  
E em seu calix meio-aberto  
Oh que thesouro encontrou !

Como a abelha diligente  
Que busca a singela flor,  
Um singelo coração  
Tambem só procura amor

Paris, 1833

VII  
RAMO SECCO

NO ALBUM DE UMA SENHORA BRASILEIRA

I

No paiz doce de Cabral nascida  
Affeita áquelle eterna primavera  
Que perpetúa a vida  
Na folhagem vivaz que não se altera,  
Nem conhece as fadigas e a pobreza  
De nossa lenta e velha natureza,  
Porque, filha mimosa  
Da Atlântida formosa,

Porque tam tarde vens, nos tristes dias  
 De nosso feio inverno,  
 Visitar estas praias tam sombrias,  
 Estas devezas horridas e frias,  
 Só povoadas pelo gêlo eterno?

## II

De m te quero brindar, que és boa e bella;  
 Mas confuso e corrido  
 Venho co'as mãos vazias,  
 Que por esse vallado desabrido  
 Nem bonina singela,  
 Que offertar-te, desponta ...  
 A queimada vergonta  
 Da combatida estêva  
 Açoita o furacão; o alvor que neva  
 Pende entre os ramos sécos do arvoredo  
 E escarnece com perfido arremêdo  
 Os seus mortos amores  
 Que tarde—ai, tardel— volverão co'as flores.

## III

E que culpa tenho eu que, esperdiçada  
 Em dons contigo e com teu doce clima,  
 Tam pouco me deixasse a natureza,  
 Tam pouco e minguado?  
 —Vês: o pobre poeta estropeado,  
 Velho no coração, velho na rima,  
 Não tem, na sua pobreza,  
 Com que te pôr aqui outra memória  
 De sua boa amisade,  
 Mais do que um seco ramo de saudade,  
 Sem flor, sem folhas... todo o viço e gloria  
 Se lhe foi com o inverno d'esta edade,  
 Velhice d'alma... Oh! tam desconsolada,  
 Tam peior que a do corpo!—descontento  
 Perenne, tam pesado e sem conforto,  
 E em que, por mór tormento,  
 Sente a alma ainda—e o coração é morto.

## VIII

## NUNCA MAIS

E o meu contentamento  
Que eu cuidava que era meu,  
Deu-me depois tal tormento  
Qual nunca me deu.

CRIFAL.

## I

Não, não creio nos teus olhos:  
— Se eu já sei o que elles mentem!  
Se conheço á minha custa  
Que o que dizem não sentem!  
Oh! quem me dera ignorá-l-o  
Para ser feliz ainda...  
Era feliz com mentira;  
Mas se a mentira é tam linda !

.....

## II

Uma vez — ha quanto tempo !  
Seis lentos giros no céu  
A lúa inteiros volveu,  
E aquelle instante divino  
Na memoria de contíno,  
Inda me não esqueceu !  
— Uma vez, teu braço trémulo  
No meu braço repousava,  
De tua bocca celeste,  
Anjo do céu que então eras !  
A quella voz desprendeste,  
Que sumida e vacillante  
Acceitou meu voto amante...

.....

— Mal o labio a proferiu,  
Mal o ouvido a sentiu;  
Mas ouviu-a o coração...  
— Não que a ventura não mata,  
Por isso ali não morri:  
Mas foi peor do que a morte,  
Mais fatal... — endoudeci

## III

Lembra-te? Foi longa a noite ...  
 Longa aos outros pareceu:  
 A mim vóou-me entre glórias,  
 Como os instantes do céu.  
 Lembra-te? — O resto da noite,  
 D'esses olhos eloquentes  
 Que expressões tam vehementes  
 Sahiram de amor, de fé!

Vivi um seculo inteiro  
 N'essa noite de ventura,  
 Vivi na illusão, no engano;  
 Mas êrro tam lisongeiro  
 Oh, porque inda não dura!

## IV

Da cor da aurora que nasce,  
 Entre roxo e côn de rosa,  
 Vestida essa fórm'a airosa  
 Inda a vejo, que balança  
 Nos vagos giros da dança  
 Que ante mim se confundia!  
 E eu desvairado, eu sem tino,  
 Eu que a ti — a ti só via...  
 Hoje ainda, ainda agora  
 Vejo em teu rosto divino  
 Aquelle brilhar de aurora  
 Que tanto me prometia...  
 Oh! mas a aurora mentiu;  
 Que veiu importuno dia  
 E de nuvens se cobriu.

## V

Sei que as apparencias culpadas  
 Estiveram contra mim...  
 Mas julgar, punir assim  
 E sem ouvir....

Oh! como eu então vivi!

Como de aancia e de amargura  
 Nessses dias não morri !  
 Foram seculos pesados,  
 Longos, lentos, — e contados  
 Hora a hora de tortura.

## VI

Via-te, e nem vêr-te ousava:  
 N'um tremor, n'um paroxismo,  
 De tua vista recuava  
 Como se fosse do abysmo.  
 Fugia de ti: — mesquinho !  
 Com te não vêr me matava...  
 Triste de mim ! e era morte  
 Mais cruel se te encontrava.  
 Teus olhos, aquelles olhos  
 Onde bebi tanto amor,  
 Teus olhos, fugia d'elles,  
 Cobrei-lhes medo e terror.

E se os traidores, um dia,  
 Por cruel divertimento,  
 Renovando o engano antigo,  
 Me dessem novo tormento?...  
 Co'a só ideia do p'rigo  
 Todo eu estremecia,  
 E do horrivel pensamento  
 Como um covarde tremia.  
 Jurei, protestei mil juras .  
 —Para insensato as quebrar !  
 Bastou-te querel-o um dia,  
 E eu proprio—fui-me entregar.

## VII

Espessa treva fazia  
 N'aquelle solemne estancia,  
 E em pausada consonancia  
 A voz da oração se ouvia.  
 Interno presentimento  
 O coração me batia ...  
 Mas era o fatal momento,  
 —Fatal, funesto, fadado...

E ninguem foge ao seu fado.  
 Não fugi, fiquei,—perdi-me.  
 E sem combater—rendi-me. .  
 Com um só de teus sorrisos  
 —D'aquelles que dás a mil!--  
 Em meu peito árido, morto  
 Mais esperanças nasceram  
 Do que flores tem abril:  
 Tristes flores, que vieram  
 Sem abrigo nem confôrto,  
 E açoitadas dos granizos,  
 Dos varios ventos, morreram !

## VIII

Que novos sonhos sonhei  
 De amor, de felicidade'!  
 Com que feia crueldade  
 Teus lindos olhos fingiam,  
 Tam expressivos diziam,  
 Crueis!... o que não sentiam !

## IX

Ah! quebrou-se emfim o encanto,  
 Já me não torno a illudir;  
 Foi sonho de que acordei  
 E que não volvo a dormir:  
 Que d'esta vez entrou n'alma  
 Socegado desengano,  
 E, um por um, co' dedo experto  
 Os golpes do coração  
 Andou sondando sem dô:  
 Hade curar-se, elle diz,  
 Fica leso—e porque não?  
 De que me serve elle agora?  
 Para amar-te o tinha eu só,  
 Só para t'o dar o quiz...

## X

Vae... de quanto coração  
 Em peito de homem batia  
 O mais valente quebraste,  
 Pois com tanto amor podia,

Todo o amor que lhe inspiraste.  
 Vae... como este coração  
 Não fez outro a natureza,  
 Formou-o co'a mesma mão  
 Com que fez tua belleza:  
 Unicos ambos! — Já agora  
 Brilharás entre os mortaes,  
 Reinarás, serás senhora,  
 Serás admirada. — Embora!  
 Mas amada... nunca mais.

1837,

## IX

## A MINHA ROSA

QUEM, se uma vez pôz os olhos  
 N'aquellea face tam bella,  
 Não viu n'ella — a sua estrélla,  
 Rainha dos seus amores?  
 Em seus labios um sorriso  
 E' a luz do paraizo;  
 E o corar da face linda  
 E' desabrochar de rosa  
 Que a manhan, com a sua vinda,  
 Debruçou n'hástea mimosa  
 Para inveja das mais flores.  
 — Assim fôra ella — singela  
 A minha rosa tam bella,  
 Nem mudasse assim amores  
 Com as outras folhas e côres!

183...

## X

## SUSPIRO D'ALMA

SUSPIRO que nasce d'alma,  
 Que á flor dos labios morreu...  
 Coração que o não entende  
 Não n'o quero para meu.

Fallou te a voz da minha alma,  
 A tua não n'a entendeu:

Coração não tens no peito,  
Ou é diff'rente do me'u.

Queres que em lingua da terra  
Se digam coisas do céu?  
Coração que tal deseja,  
Não n'o quero para meu.

183 ..

## XI

## O EMPRAZADO

They seem'd... unto the last  
To... forget the present in the past,  
To share between themselves some separate fate  
Whose darkness none besid should penetrate

Byron, *Lara*.

## I

No chão a hástea da lança está cravada;  
E a luzente armadura  
Em tropheu se encastella  
De emtórno da hástea dura.  
I rilha, na cinzelada,  
Ponderosa rodella,  
O antigo emblema heraldico sabido,  
Que o nome conhecido  
Do senhor d'essas armas apregôa.  
O elmo emplumado, que brilhante c'roa  
O soberbo tropheu,  
Ao vento baloiçando, ouco rebôa.  
Vae socegada resvalando a'lua  
No puro azul do céu,  
E nas fulgentes laminas  
Cáem seus raios tremulos,  
Como o vago lampejo  
De luz que surde de encantado brejo,  
O pendão enrolado,  
Nas mysteriosas, variadas côres  
Traz segredo de amores  
A ninguem revelado:  
Oh, se alguém o entendeu, não n'o dissera,  
Que n'éssa hora morrêra.

## II

É a justa ámanhan, cavalleiros.  
 É a justa; acudi a brigar.  
 Quem ficar na tranqueira estendido,  
 É signal que era fraco no amar.

Pois venha já brigar, Ipois venha já morrer,  
 Quem diz que tem amor, quem n'o quer merecer

Tropheu que ahi se ergue arrogante,  
 Um nobre senhor o arvorou:  
 Quer ser elle o mais fino amante;  
 Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não ?  
 Quem se atreve a tocar-lhe no escudo  
 Com a ponta da lança ou contão ?  
 Quem se atreve? Ninguem. Ficou mudo  
 O tropel dos guerreiros então.

## III

Arreda, arredar, fasta, affasta!  
 Que ahi vem, brida sólta, correndo  
 Guerreiro de aspecto tremendo  
 Montado n'um negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,  
 Tenção nem lettreiro que diga  
 A empreza de guerra que siga,  
 A dama que sirva de amor.

Da guerra d'el-rei Almançor  
 Virá co'essas armas sangrando,  
 Ou foi que na estrada algum bando,  
 O quiz, por má traça, matar !

Não sabe ninguem decifrar  
 Mysterio de tanto segredo...  
 Chegou elle,—investe sem medo  
 O altivo tropheu do senhor:

Feriu-o no ponto d'honr,  
 Do conto da lança lhe dava,  
 O escudo insolente voltava  
 Ao nobre, soberbo campeão...

## IV

Em sua tenda de damasco  
 Bordado de oiro á porfia,  
 Alli junto ás suas armas,  
 O nobre dono dormia.

Ouviu o golpe atrevido  
 Que no escudo lhe batia;  
 Chamou pagens, escudeiros,  
 Muito á pressa se vestia.

No escudo das suas armas,  
 O coração lhe dizia  
 Que um homem só neste mundo  
 A tocar se atreveria.

Não quer lança nem cavallo,  
 Seus homens não requeria;  
 Co'a espada nua na mão,  
 Só, pela tenda sahia:

— «Aqui estou, diz, que me queres?»  
 E a forte voz lhe tremia...  
 — A tua vida, emprazado,  
 Que já passou anno e dia.

## V

Não houve mais falas; o nobre emprazado  
 Montou na garupa do negro corcel.  
 Partiram por monte e vallado,  
 O estrondo fazendo d'um grande tropel...

D'alli a tres dias, tres noites contadas,  
 Saiu saimento com grande primor  
 De além do castello de Penamacór:  
 Duas tumbas levava pregadas, fechadas...

Juntava-se o povo de todo o arredor  
A ver saimento de tanto primor.  
Mas cruz nem caldeira, ninguem n'a levou:  
Sem rezas nem frades, o enterro passou...

VI

N'aquelle castello dois irmãos viviam...  
Nunca mais os viam.  
E a bella condessa  
De Penamacôr  
D'allí a um anno fê freira professa  
Em San Salvador.

1841.

XII

A ESTRELLA

Há uma estrella no céu  
Que ninguem vê senão eu:  
Inda bem! — que a não vê mais ninguem

Como as outras não reluz;  
Mas dá tam serena luz,  
Que, inda bem! — não a vê mais ninguem.

No cantinho azul do céu  
Onde ella está, não digo eu  
A ninguem! — sei o eu só: inda bem;

184...

## XIII

## L'ALCYON AU CAP

DE M<sup>LLÉ</sup> DE FLAUGERGUES

This is so be alone, this is solitude.

**C**HANTE et rase les flots d'une aile paresseuse !  
 Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,  
 Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,  
 Vogue mollement balancé !

Moi, je sens que je touche au terme du voyage,  
 Quelques douleurs encore : puis la paix du cercueil !  
 Ne me plains pas ! long-temps sur moi gronda l'orage ;  
 Mieux vaut dormir au port, que trembler sur l'écueil.

Mais, toi ! rase les flots d'une aile paresseuse !  
 Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,  
 Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,  
 Vogue mollement balancé !

Heureux ! tu n'as point fui ta famille chérie,  
 Tu n'es point triste et seul par la vague emporté,  
 Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie  
 Te suit et vogue à ton côté.

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'imploré ;  
 Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a cherché.  
 Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore  
 Un regard, un accent ami ?

## XIII

## O ALCYON NO CABO

## TRADUÇÃO

Isto sim que é estar só.

CANT, e co'a ponta d'aza priguiçosa  
 Varre a onda serena !  
 Como o innocent que no berço embalam  
     Com branda cantilena,  
 Canta, suave Alcyon, e mollemente  
     Voga ao som d'agua amena !

Por mim, já da viagem chego ao termo.  
     Mais uma dôr talvez...  
 E o túmulo depois: ninguem me cuite !  
     Descançarei de vez.  
 Antes quero dormir no porto agora,  
     Que ir dar n'outro reves.

Tu canta, e varre co'a aza priguiçosa  
     Essa onda serena !  
 Como o innocent que no berço embalam  
     Com branda cantilena,  
 Canta, suave Alcyon, e mollemente  
     Voga ao som d'agua amena.

Feliz és tu, que nem os teus deixaste,  
     Nem vaes triste e sosinho  
 Das ondas tempestuosas arrojado  
     A ignorado caminho:  
 Comigo a patria, aonde vaes, a levas  
     Boiando no teu ninho.

Longe, ai ! tam longe, eu tenho o lar que choro ;  
     Quanto á vida me liga  
 Tam longe me ficou... Oh ! ser-me-ha dado  
     Que eu ainda consiga  
 O vêr um doce olhar, o ouvir ainda  
     Um som de voz amiga ?

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme !  
 Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau...  
 Eh ! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme !  
 De ma pensée ardente éteindre le ambeau !...

Quoi ! rien qu' un roc muet, rien, rien qu' un sable aride !  
 Une atmosphère lourde, un ciel tempétueux !  
 Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide  
 Qui blesse mes débiles yeux !

S'il était seulement sur ce morne rivage,  
 Un écho solitaire à ma voix s'éveillant,  
 Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,  
 Si je voyais au ciel un astre vacillant.

Oh ! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,  
 L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé !  
 Je leur dirais : — Rendez à mon âme souffrante  
 Sympathie et pitié ! —

Oui, pitié : car je souffre et respire avec peine,  
 D'un fardeau meurtrissant mon cœur este opprassé,  
 Oui, pité ; car je meurs, et la mouvante arène  
 Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé !

Je disais : tu passas sur l'onde frémisante,  
 De ton aile d'azur à peine l'effleurant.  
 Ton doux chant répondit à ma voix gémissante,  
 Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.

Nobre filha do céu, doce amizade,  
 Tua chamma não consente,  
 Tua chamma só, que ao gêlo do sepulchro  
     A vida se arrefente...  
 E eu heide assim viver, morrer, sumir-me  
     Com este facho ardente  
 A quei nar-me alma—e eu a apagal-o á força,  
     Não me revele a mente!

Que! só, n'este areal deserto e mudo,  
     Só, essa penedia!  
 Ar que se não respira, um céu pezado,  
     E esta má luz de dia...  
 Uma luz alyacente que me cega  
     Mais que a noite sombria!

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia  
     Um ecco a minha voz!...  
 Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas  
     Eu vira ahi tam sós!...  
 E trémula no céu, vira uma estrella  
     Entre o negrume atroz!...

A esse ecco gemedor á flor mortica,  
     Oh, como lhe eu quizera!  
 À estrella que desmaia, ao tronco secco  
     Oh, como eu dissera:  
 •Piedade, sympathia para uma alma  
     Que a mágoa dilacera!»

Piedade sim, porque eu padeço muito:  
     Um pezo que o matou,  
 Me opprime o coração; e já presinto  
     Na agonia em que estou,  
 Sudario alvo de areia ir-me cobrindo  
     A frente que gelou.

Eu dizia, e tu vinhas rente d'agua,  
     Ao som dos ais sentidos,  
 Roçando-a com as pennas azuladas.  
     Aos tristes sons carpidos  
 Teu canto respondeu, como o alahude  
     Que vibra estes gemidos.

Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance!  
Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux!  
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,  
Et ta couleur brillante est la couleur des cieux!

Chante et rase[les] flots d'une aile paresseuse !  
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,  
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,  
Vogue mollement balancé!

Volta,"responde ainda"aos meus lamentos,  
Que em vêr-te a alma descança!  
O teu canto"de amor nos meus ouvidos  
É um hymno de[esp'rança],  
E a tua cõr"brilhante" a cõr do céu  
Quando ri na bonança.

Canta, e"co'a ponta d'aza" priguiçosa  
Varre a onde serena!  
Como o innocent que no berço embalam  
Com branda cantilena,  
Canta, suave Alcyon, e mollemente  
Voga ao som d'agua amena!

## XIV

## O PHAROL E O BAIXEL.

Como está segura a tôrre  
 No meio d'água! não vês?  
 No cimo a luz da esperança,  
 O escôlho da morte aos pés...  
 Assim luz amor na vida,  
 Que é pharol de salvação,  
 Assim tem aos pés traidores  
 O escôlho da perdição.  
 E' bonança, e junto á torre  
 Dorme tranquillo o baixel!  
 Mas quem pôs firmeza em ventos,  
 Quem teve o mar por fiel?

Na torre ardia o pharol,  
 A onda morta se espelhava  
 E o baixel já fatigado  
 Pela brisa suspirava  
 O baixel é novo e lindo,  
 Velha a torre e desdentada;  
 Ouvirás o que ella diz  
 Com a voz cava e rachada:

—Baixelzinho tam ligeiro,  
 Que essa calma impacienta,  
 Ai! não chames tanto a brisa,  
 Que pôde vir a tormenta.

«Tu és uma torre velha,  
 Ali prêsa n'esse escôlho:  
 Cega todo o dia, apenas  
 Te accendem de noite um olho.

Que sabes tu do que vae  
 No immenso campo do mar?  
 Eu tenho mais fé na vida,  
 Quero vêr, viver e andar.»

— Sólta pois no mar da vida,  
 Lindo baixel, sólta as vellas;  
 Ventura te assopre os ventos,  
 Guie-te amor das estrellas!

Mas se ao voltar (na viagem  
Da vida, o p'risgo é voltar)  
Te vires perdido... Oh! vem,  
Vem a mim, que me has-de achar.

1842...

## XV

## SENTENÇA D'AMOR

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

**T**IROU das azas a penna  
E lavrou aqui Amor,  
N'este livro de primor,  
Sentença que já condena,  
Por sacrilego e traidor,  
A todo o que a mão impura  
N'estas paginas pozer,  
Tomando, com falsa jura,  
O seu santo nome em vão,  
Para n'ellas escrever  
O que impresso não tiver,  
Bem fundo no coração.

1842..

## XVI

## GRINALDA

Date illia.  
Visa.

**A**NDEI pelo prado vagando, vagando  
Em busca da flor  
Que aqui heide pôr.  
Grinalda tam bella, que se vae trançando  
Com tanto primor.  
Que flor lhe heide eu pôr?

Vou-me á borboleta, que n'esses vergeis  
Anda a namorar,  
Vou-lh'o perguntar...  
Não: heide ir á abelha que mais sábias leis  
Tem no seu gostar;  
Ir-lh'o hei perguntar.

Mas a borboleta é doida, coitada,  
 Não sabe das flores  
 Senão viço e côres;  
 E a pobre da abelha sempre carregada,  
 Não vê no vergel  
 Senão o seu mel.

E eu n'esta flor quero da rosa a belleza,  
 Do lirio a candura,  
 Do nardo a doçura...  
 Diz-me o coração que nem natureza  
 Fez tal formosura,  
 Nem arte ou cultura.

Mas tambem me diz - e eu creio - oh! que sim:  
 Que o jardim d'amor  
 Produz a tal flor.  
 Mancebos, correi, correi lá por mim:  
 O que achar a flor.  
 Que a venha aqui pôr.

184...

## XVII

## JÁ NÃO SOU POETA

**E**u queria apanhar uma rosa  
 De um rosal que já tive no céu,  
 Quando eu era poeta - e mimosa  
 D'essas flores que a tantos já deu,  
 Minha mão punha a c'roa ao valor,  
 E prendia em grinaldas amor.

Eu queria apanhar uma rosa  
 Do rosal que já tive no céu  
 Rosa pura, singela e mimosa,  
 Para a dar a quem tanto a mer'ceu,  
 A quem junta ao precioso valor  
 D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou já poeta; caiu-me  
 Da cabeça a corôa, o poder:  
 A innocencia do Eden fugiu-me,  
 Fructo amargo provei do saber...

Sei, perdi-me. . e na triste memoria  
Nem saudades já tenho da gloria.

Bem o vês, o alahude cahiu-me  
D'estas mãos que não têem já poder;  
E o som derradeiro fugiu-me  
Do hymno eterno que ergui ao nascer.  
Ai por ti, por ti só, á memoria  
Vêm saudades do tempo da gloria!

184...

## XVIII

## LIVRO DA VIDA

\ NO ALBUM DO SR. J. M. DO AMARAL

**V**AE o talento e a amizade  
Nas folhas brancas pintando  
D'este livro os seus primores.  
Memorias de saudade  
Aqui ficam retratando  
As várias, dispersas flores

Que no caminho da vida  
Se vão colhendo e esfolhando...  
E esta é a historia sabida  
De toda a vida — e da flor  
Que é, que foi, ou que fôr.

Eu deixo aqui só memoria  
De uma sincera vontade,  
De affeição, de lealdade:  
Deve ter logar na historia  
De que este livro é padrão,  
Que é historia do coração.

1843.

## XIX

## AS MINHAS AZAS

**E**U tinha umas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,

Que, em me eu cansando da terra,  
Batia-as, voava ao céu.

—Eram brancas, brancas, brancas,  
Como as do anjo que m'as deu:  
Eu inocente! como ellas,  
Por isso voava ao céu.  
Veiu a cubica da terra,  
Vinha para me tentar;  
Por seus montes de thesouros  
Minhas azas não quiz dar.  
—Veiu a ambição, co'as grandezas,  
Vinharam para m'as cortar,  
Davam-me podér e gloria;  
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Em me eu cansando da terra,  
Batias-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lúa  
Que eu contemplava as estrellas,  
E já suspenso da terra,  
Ia voar para ellas,  
—Deixei descahir os olhos  
Do céu alto e das estrellas...  
Vi entre a névoa da terra,  
Outra lüz mais bella que elles.

E as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Para a terra me pesavam,  
Já não se erguiam as céu.  
Cegou-me essa lüz funesta  
De infeitiçados amores...  
Fatal amor, negra hora  
Foi aquella hora de dores !

—Tudo perdi n'essa hora  
Que provei nos seus amores  
O doce fel do deleite,  
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Penna a penna me cahiram.  
Nunca mais voei ao céu.

184...

## XX

### KYRIELEISÃO

A senem Christeleijom  
EGAS MONIZ?

ESTE é o hymno derradeiro  
Que, no fim do seu caminho,  
Cantava o triste romeiro:

No cansaço e desalinho  
Do longo peregrinar  
Não sabia já cantar;  
Nem as cordas do alahude  
I he podiam affinar...

Teimou, e pôz-se a cantar  
Este cantar tosco e rude :

«A' porta santa de Roma  
Eu bati c'o meu bordão;  
O padre santo me abria  
I izendo: Kyrieleisão!

«Kyrieleisão! — por minha alma,  
Que morro sem confissão,  
Se não digo áquelles olhos  
Que me dêem a absolvição »

—Absolvição! — aqui tendes;  
Toma-e-a com devoção:  
E uma bullá cruzada  
Que manda ter compaixão

«Compaixão! — minha senhora,  
Tende-a de mim, que é razão  
O que manda o santo padre,  
Fazê-l-o fiel christão.

Christão! — é este meu peito;  
 O vosso, infiel pagão!  
 As indulgencias que trago  
 Não sei se cá valerão...

Valer! — só Deus á minha alma,  
 Que morro sem confissão!  
 Senhora, vós, que a matastes,  
 Dizei-lhe: Kirieleisão!»

182...

## XXI

## OLHOS NEGROS

~~X~~ Por teus olhos negros, negros,  
 Trago eu negro o coração,  
 De tanto pedir-lhe amores...  
 E elles a dizer que não.

E mais não quero out'os olhos,  
 Negros, negros como são;  
 Que os azues dão muita esp'rança,  
 Mas fiar-me eu n'elles, não.

Só negros, negros os quero;  
 Que, em lhes chegando a paixão,  
 Se um dia disserem sim...  
 Nunca mais dizem que não.

184...

## XXII

## A UMA VIAJANTE

Que heide eu dizer á amavel estrangeira  
 Que lhe fique em memoria  
 D'esta terra onde viça a laranjeira  
 Co'a doce flor d'amor  
 Junto ao louro da gloria?  
 Eu cantei como canta no verdor  
 Do bosque o rouxinol,

Sem saber o que faz—ledo co'a aurora,  
E triste ao pôr do sol...  
Deixei de ser poeta como o fôra,  
Não sci porquê,—sei que o não sou j'agora

184...

## XXIII

### ELLA

Oui, mon âme se plait à secouer ses chaînes:  
Déposant le fardeau des misères humaines,  
Laisson errer mes sens dans ce monde des corps.  
Au monde des esprits je monte sans efforts.

De LAMARTINE, Méd.

### I

Eu caminhava só e sem destino  
No deserto da vida,  
N'alma apagada a luz, e o desatino  
Na vista esmorecida:  
E affastava de mim, que me empeciam  
No caminhar adiante.  
Os prazeres dos homens que sorriam,  
E a turba delirante  
De seus empenhos vãos.—Aos que gemiam  
Sorria eu de inveja...  
Quem podéra gemer!... mas arredava  
Esse tambem: não seja  
Traição a sua dor? — Eu caminhava  
Só, triste, só, sem luz e sem destino,  
A vista esmorecida,  
A alma gasta, apagada, e ao desatino  
No deserto da vida.

### II

Olhava para o céu, não via estrella,  
Nem eu buscava norte:  
Que importava o guiar da luz mais bella,  
Se das trevas da morte  
Se ennevoavam meus olhos, que a não via?...  
Morte d'alma que morre  
De enfado e dissabor... e seca e fria

Pezando jaz no coração! — ahí corre  
 O sangue com a vida:  
 A vida que é da terra, a bruta, a grossa,  
 Que, da outra desprendida,  
 Caiu n'essa existencia absurda, insôssa,  
 Que é durar só, andar, cansar com ella...  
 E eu ia d'esta sorte,  
 Olhava para o céu, não via estrella,  
 Nem eu buscava norte.

## III

A aurora para mim não tinha flores,  
 Nem o sol resplendores;  
 E a morte-luz da lua, que é tam bella,  
 —Lembra-meinda de vél-a!—  
 Branquejava-me só como um sudario  
 Que ondeia ao vento vário,  
 Pendão de spectros que por noite fria  
 Vão a alguma aziaga romaria.  
 Os campos arrelvados,  
 Que de longe me riam, matizados  
 De viçosas boninas;  
 Em chegando, eram áridas campinas,  
 Gandras salgadas e ermas,  
 De uma areia alvacenta e nua — enférmas  
 E feias de avistar  
 Como terras malditas... — Oh! nem flores  
 Não tinha que esfolhar  
 A aurora para mim, nem resplendores  
 O sol que derramar.

## IV

E sentei-me cansado n'um rochedo  
 Triste como eu e só,  
 No meio d'este valle de degrêdo,  
 De lagrimas e dó.  
 Caiu-me a frente sobre as mãos pesada,  
 E meditei commigo:  
 «Não é melhor pôr fim a esta jornada  
 E poisar no jazigo?  
 Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,  
 Sem causa, sem esp'rança,

Só nas cidades, abafando no êrmo,  
 Faminto na abastança,  
 Morto na vida, e só, só só! . . . — Quem dera,  
 Quem me dera uma dor  
 Das que eu sentia d'antes quando era,  
 Quando impio e sem temor  
 Bradava ao céu: «Fatal presente d'alma  
 Que tanto, tanto sente!»  
 Puniu-me Deus: coalhou-se em podre calma  
 O oceano fervente  
 Das paixões tempestuosas de meu peito;  
 As velas lassas batem,  
 Baloiça o baixel torpe e desconfeito,  
 E, nas cordas que latem  
 De impaciente priguiça, balanceia.  
 A vida que me anceia,  
 Oh! quem já naufragará n'um rochedo  
 Ermo como eu, e só  
 No meio d'estes mares de degrêdo  
 De lagrimas e dól!

## V

Que é do anjo que, ao gerar da minha vida,  
 Recebeu a palavra proferida  
 Da bôcca do Senhor,  
 O verbo creador  
 Que me deu alma e sér? o guarda, o guia  
 Que, desde esse momento,  
 Ém fiel companhia  
 Habitar veiu o coração que enchia,  
 De minha mãe banhal-o de contento,  
 De amor e de ternura?  
 O que depois, na timida candura  
 De minha tam ingenua puberdade,  
 Quando os olhos sequiosos de ventura  
 Se ergueram a pedir felicidade  
 A primeira mulher que viram bella,  
 M'os guiou com piedade  
 Para os olhos d'aquella  
 Que amei quasi co'a simplice innocencia  
 Com que amei minha mãe?... Pobres amores!  
 Sem fogo, sem vehemencia,  
 Mas suaves e brandos como as flores...

Como elles, desbotaram á luz viva  
 Com que, na quadra estiva,  
 Dardeja o sol—e a terra ha sêde, sêde  
 Que orvalhos não apagam;  
 Quer torrentes onde a agua se não mede,  
 E que, a afogar, saciam quando alagam...

.....

Ai! esse anjo onde está que a minha vida  
 Da bocca do Senhor  
 Recebeu na palavra proferida,  
 No verbo creador?

## VI

Com um longo suspiro derradeiro,  
 Um longo, ultimo olhar de piedade  
 Elle me abandonou,  
 Quando ao festim grosseiro  
 Me viu sentar nas salas da impiedade,  
 Quando, ai Deus! blasphemou  
 Minha bôcca em palavras consagradas,  
 E jurou fé e prometteu verdade  
 A essas imagens vans, falsas, pintadas  
 Que a torpe necedade  
 Do mundo idолос fez d'amor...—Que amores!

.....

Elias, como a saloia vende as flores  
 Que achou na horta ou no prado,  
 E as traz, em mólhos feitos, ao mercado,  
 Murchas no viço, pallidas nas côres,  
 Do atar, do repartir...  
 Assim vendem, nos bailes e nas festas,  
 A preço de vaidades e mentir  
 De ambiciosas requestas,  
 O que só tem valor  
 Quando se dá — e que o dá amor...

Co' esse longo suspiro derradeiro,  
 N'um longo, último olhar de piedade  
 O anjo me abandonou  
 Quando ao festim grosseiro  
 Me viu sentar nas salas da impiedade.

## VII

Eu corri-me, chorei, quebrei a fronte  
 Na lage dura que soava em'ouco,  
 Quando acordei de meu sonhar tam louco,  
 E vi enlodaçada e séca a fonte  
 D'esse impio templo—o do prazer... Corri-me,  
 Bradei, chorei, carpi-me,  
 E tornei a vogar só, sem destino  
 No deserto da vida,  
 N'alma apagada a luz, e o desatino  
 Na vista amortecida.

## VIII

E fui a erguer os olhos com despeito  
 Para o céu, ás estréllas scintillantes  
 Queria perguntar se esta era a vida  
 Que me fadavam d'antes  
 Quando me entrou no peito  
 Esta ância, este desejo, esta incendida  
 Sêde fatal de amar...  
 Olhei... e vi o azul do firmamento  
 Só, sem nenhum brilhar  
 De estréllas ou de lua...  
 Mas logo se inundava n'um momento  
 De uma luz alva, doce e resplendente,  
 Que me entrou toda n'alma. A névoa caiu  
 Da terra, mais e mais, se encruencia  
 E cerrava—que a vista já não via...  
 Mas tam suavemente  
 Elevada d'aquelle doce luz  
 A alma subia, placida subia...  
 .....  
 Deve subir assim  
 Abraçada na Cruz,  
 A alma do justo no bemdito dia  
 Que ao martyrio da vida lhe pôe fim...  
 .....  
 Já não erguia os olhos com despeito  
 Para o céu, ás estréllas scintillantes  
 Não perguntava já se esta era a vida  
 Que me fadavam d'antes.

## IX

Eu subia, subia... O brilho, a alvura  
 Da luz mais requintava,  
 E como que o meu sér compenetrava:  
 Então na immensa altura  
 Vi, claramente vista, a face pura  
 Da primitiva, etherea Formosura  
 E que á terra só vae reflexo baço,  
 Vislumbre froixo, escasso  
 Que um momento, revela  
 Na face virginal—e a faz tam bella!—  
 Esse mysterio da eternal Grandeza  
 Que desde a eternidade,  
 Antes de todo o sér, fez a belleza.

.....  
 Disse a minha alma: «Esta é a Formosura  
 E o que eu sinto, Amor...»  
 E eram Que fiz eu pois téqui? Á impura,  
 Falsa imagem de um ídolo traidor  
 Trouxe a alma rendida,  
 E sem remorso prostitui a vida...

## X

O meu amor primeiro,  
 Unico, derradeiro,  
 Achei-o pois: é ELLA.—Ella, um mysterio,  
 Um sonho—um véo cahido  
 Sobre um symbolo! um mytho...  
 Mas é ELLA... Oh! é ella! Eterno imperio  
 Lhe foi, desde o principio, concedido  
 Em meu sér immortal Sou, fui... escripto  
 Está que sou: que fui, que era já d'ella,  
 Desde que ha sér em mim.  
 Não tem comêço, nunca terá fim  
 Este amor, que é do céu:  
 Vida não n'o accendeu, morte o não gela,  
 Que não pôde morrer—se não nasceu!  
 No sempiterno Seio  
 Coexistiu c'o meu sér:  
 N'este da vida turbulentu enleio  
 Passará a gemer  
 Como eu gemo. Mas toda a eternidade  
 Será nossa, depois, co'a Divindade.



Filha do mar, receive-a!

## XXIV

### NOVA HELOIZA

#### I

JUNTO á ribeira do Tejo  
Ha um valle escuso e quieto,  
Que escolheu nova Heloiza  
Para novo Paracleto.  
Alli um doce bafejo  
De perfumes tem a brisa;  
E n'um longo, longo beijo  
Flora e Zephyro esquecidos  
Alli se ficam detidos  
Em dobrada primavera;  
Alli não murcham' as flores...  
Se hão de então muchar amores!

#### II

Onde a relva é mais mimosa  
E a verdura mais viçosa.  
De alto cume despenhado  
Cae um lençol de agua pura  
Nas brancas orlas franjado  
De mais reluzente alvura.  
Emtorno da penedia  
Cresce o jasmim, vive a rosa;  
E a hera crespa e luzedia,  
A madresilva cheirosa  
Não deixam chegar do dia  
Aquella estancia sombria,  
Senão já meio perditos,  
Os raios amortecidos...  
Luz querida dos amores  
Que alli vivem sós co'as flores!

#### III

O nome d'aquelle valle  
É mysterio... não o sei:  
Mandado me foi que o calle...  
O seu nome callarei.  
Tambem querem que o esqueça... .

Esquecel-o é que eu não sei.  
 Quiz a sorte — e se era avessa,  
 Se propicia, não direi —  
 Que um dia alli descuidado  
 Por acaso eu fosse ter.  
 E' um labyrinto encantado:  
 Quem lá for, se hade perder...  
 Que andam alli os amores  
 Escondidos entre as flores.

## IV

Entre as flores — tantas eram  
 Vi uma, duas... vi mais...  
 Que não sei nem qual nem quaes  
 O coração me prenderam.  
 Sei bem certo que o levava  
 Aqui no peito, ao entrar:  
 Aos baques que me elle dava  
 Milagre foi não quebrarl!  
 Antes quebrasse... perdi-o:  
 La me anda como um vadio,  
 Doido, doido, entre essas flores,  
 O louco! a sonhar d'amores...

## V

Lindo valle escuso e quieto  
 Que banhas os pés no Tejo,  
 E floreces ao bafejo  
 Da suave aura d'amor,  
 Tu serás o Paracleto  
 Adonde se accoite a dor  
 Da nova, terna Heloiza.  
 Tuas aguas a correr,  
 A suspirar a tua brisa,  
 Os teus bosques a gemer,  
 Vós todos lhe heisde dizer  
 Que alli no seio das flores  
 Não é que esquecem amores

## VI

— e com lagrimas salgadas  
 Ella as tuas flores regar,

Tu bem sabes, valle umbroso,  
Que t'as não pôde queimar.  
Tristes rosas desbotadas  
Bem poderá desfolhar...  
E a tez ao jasmim cheiroso  
Com os suspiros crestar...  
Mas, por cada flor d'amor  
Que assim matar sem piedade,  
Verá crescer-lhe ao redor  
Mais dobrada a—saudade.  
Que a mate... não mata, não;  
Que a queime... torna a florir.  
Vegeta em toda a estação,  
Sol e chuva a faz abrir.  
Oh, mal vae viver co'as flores  
Quem se quer deixar d'amores!

## VII

Mas vá a bella Heloiza,  
Vá para o seu Paracleto;  
E que tome por devisa  
Triumphar de um doce affecto.  
Vá com esse crédo vêo  
Que a condena á solidão...  
Vá com sua fortaleza  
Desafiar a natureza  
A duello singular...  
Vá... que pôde batalhar,  
Pôde, vá... mas vencer, não:  
Que no melhor da peleja,  
Quando o contrario fraqueja,  
E' que cede o coração.  
Vera então entre as flores  
Como riem os amores!

## XXV

## O NATAL DE CHRISTO

Verbe incrédé, source féconde  
 De justice et de liberté !  
 Parole que guéris le monde,  
 Rayon vivant de vérité !

LAMARTINE, HIST.

## I

O Cesar disse do alto do seu throno :  
 «Pereça a liberdade !  
 Quero contar os homens que ha na terra,  
 Que é minha a humanidade.»  
 E, cabeça a cabeça, como rês,  
 As gentes são contadas.  
 Proconsules e reis fazem resenha  
 Das escravas manadas,  
 Para mandar a seu senhor de todos  
 Que, um pé na Aguiia romana,  
 Com o outro opprime o mundo. A isto chegára  
 A vil progenie humana.

## II

E era noite em Bethlem, cidade illustre  
 Da vencida Judéa,  
 Que a domada cabeça já não cinge  
 Com a palm' idumea:  
 Dois afflictos e pobres peregrinos  
 Gansados vêm chegando  
 Aos tristes muros, a cumprir do Cesar  
 O imperioso bando...  
 Tarde chegaram; já não há poisadas.  
 Que importa que elles venham  
 Da stirpe de Jessé, e o sangue regio  
 Em suas veias tenham?  
 Na geral servidão só uma avulta  
 Distinção — a riqueza;  
 Na corrupção geral só uma avulta  
 Degradação — pobreza.  
 Os filhos de David foram coitar-se  
 No presepe entre o gado,  
 E dos animaes brutos receberam  
 Amparo e gasalhado.

## III

E alli nasceu JESUS... alli a eterna,  
    Immensa Magestade  
Appareceu no mundo — alli começa  
    A nova liberdade.  
Cantam-na os anjos que no céu pregãoam  
    Gloria a Deus nas alturas,  
E paz na terra aos homens! — Paz e gloria,  
    Promessas tam seguras  
Do céu á terra n'esta noite santa,  
    O que é feito de vós?  
Jesus, filho de Deus, que alli vieste  
    Humanar-te por nós,  
Tu que mandaste os córos dos teus anjos  
    Aos humildes pastores  
Que dormiam na serra — ao pobre, ao povo,  
    Primeiro que aos senhores,  
Que aos sabios e que aos reis, te revelaste—  
    Oh! que é d'ellas, senhor,  
Que é das tuas promessas? : resgatados,  
    Lívino salvador,  
Do antigo captiveiro não seriam  
    Os homens que fizeste  
Lívres c'o sopro teu, quando os criaste,  
    Lívres, quando nasceste,  
Lívres pelo Evangelho de verdade  
    Que em tua lei lhes déste,  
Lívres em fim pelo teu sangue puro  
    Que por elles verteste  
Do alto da Cruz, no Gólgota de infamia  
    Em que por nós morreste?

## IV

Vê, ó filho de Deus! quasi passados  
    Dois millenios já são  
Que, esta noite em Bethlem principiava  
    Tua longa paixão;  
E o edicto do Cesar inda impera  
    No mundo avassailado.  
Os Cesares, seu throno — e quantos thronos!  
    Têm caído prostrados...  
Embalde! — as leis iniquas, que destróem  
    A Santa liberdade

Que n'esta pia noite annunciaste  
 A' oppressa human'dade,  
 Essas estão em pé. Será que o pacto,  
 Será que o testamento  
 Celebrado na Cruz tu quebrarias,  
 Senhor no ethereo assento?...

## V

Não meu, Deus, não: etérea é a Palavra,  
 Eterno é o Verbo teu  
 Que, antes do sér dos seculos, nos déste  
 Que o mundo recebeu  
 N'esta noite solemne e sacrosanta.  
 Nós, nós é que o quebrâmos,  
 Nós, sim, o novo pacto e juramento  
 Sacrilegos violâmos;  
 Esas do Evangelho, nós vendemos,  
 Com torpe necedade,  
 Por appetites sordidos, a herança  
 Da gloria e liberdade.  
 Por isso os reis da terra inda nos contam  
 Escravos, ás manaias;  
 Por isso, em vão, do j'sgo sacudimos  
 As cervizes chagadas.  
 Porque não temos fé, não temos crença,  
 E a Cruz abandonâmos.  
 D'onde sómente está, só vem, só fulge  
 A luz que procurâmos.  
 E os vãos sabedores, esses magos  
 Que a vaidade cegou,  
 Não olham para o céu, não vêem a estrella  
 Que hoje em Bethlem raiou.

184...

## XXVI

## O REDEMPTOR

## SEQUENCIA

Ave apes unica.  
 Hrus.

Tu morreste por nós na cruz da affronta,  
 E o sangue derradeiro

Derramaste do alto do madeiro,  
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta.  
Innocente cordeiro,  
Quando foste no alto do madeiro  
Lavar, com sangue, o último e o primeiro.

E n'aquella hora o mundo foi mudado:  
A antiga, frouxa luz  
Se apagou no Calvario ao pé da Cruz;  
E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos  
Para o pobre que lida,  
Que trabalha, que sua pela vida  
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos  
A tinham submettida  
Ao êrro torpe que embrutece a vida  
E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram se as leis dos reis da terra;  
E esta só lei ficou,  
«O rei que está na Cruz nos libertou,  
E com seu sangue a todos equalou.»

184...

---

## AVULSA

DA VERSÃO DE CATULLO

---

## ODE A FÁBULLO

Cedo commigo se lhe apraz aos numes  
Mui lautamente cearás o Fábullo  
De farta boa ceia, e generoso,  
Vinho, e mais galhofeiras bagatellas,  
(Sem que alva moça apetitosa esqueça)

As trouxeres comtigo: sim, meu caro,  
Se as trouxeres, terás mui lauta ceia:  
Que o teu pobre, o teu misero Catúllo  
Tem ás aranhas alugada a bolsa;  
Em troca te darei pelos amores,  
Ou se mais guapa, mais suave que elles,  
Alguma coisa houver dar-t'a-hei contente:  
Perfumes te darei, que á minha bella  
Deram Graças, e Amor, Cupidos deram:  
Taes, que ao provar-lhe o cheiro delicioso  
Aos deuses pedirás, Fábullo amigo,  
Que em nariz todo inteiro te convertam.

---

## NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

### Nota A

Cuja sciencia... não vê mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia pag. 4

Shakespeare faz dizer esta sentença a um dos profundos pensadores que elle põe a falar n'aquelles seus dramas immortaes;

There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.

São justamente essas coisas de cuja existencia não sonha a philosophia humana, as com que não contou, em seus cálculos, esta moderna sciencia da Economia política; sciencia que hode estragar a civilização e o mundo, porque nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequencia inevitável das doutrinas dos utilitários.

Já se vae percebendo no coração da Europa, não tardará a sentir-se em toda ella amargamente, a fatal verdade d'esta observação, que não é para aqui estender, mas que era forçoso apontar para se entender o texto citado.

### Nota B

Esse principe allemão que é tanto moda... não cuidem que é... o aventureiro que aqui andou ha dois annos..... pag. 6

O principe Muskaw, engracado auctor de «Tutti-frutti» das Viagens de Semí lasso e de outras rhapsodias elegantes e desgarradas, é um escriptor bem conhecido e geralmente estimado. Receou-se porém que

algum litterato de botequim o não confundisse com ess'outro apenas conhecido pela sua publicação sobre Hespanha, em que tam insultada é a memoria de D. Pedro IV (de Portugal). Da brochura que elle ultimamente deu á luz sobre a nossa terra, crê-se que o bom do principe não é senão o «editor responsável.»

#### Nota C

Recontar fadigas  
De procellas, de calmas acintosas..... pag. 13

Este fragmento foi escripto no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa á ilha Terceira. Em parte já tinha sido publicado no numero IV do jornal litterario *O Chronista*, que saiu em Lisboa em 1827.

#### Nota D

Belleza e bondade (de Sappho)..... pag. 19

Na elegante collecção de poesias publicada nos fins do seculo passado em Paris com o titulo *Ouvres de Sappho*, vem-lhe attribuida esta especie de epigramma, ou antes, apothegma poetico. D'ahi o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara collecção de Lyricos gregos de Henrique Stephano impressa em Paris em 1826.

O mesmo me sucedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por titulo *O Sacrificio*.

#### Nota E

Foi Anacreonte  
Que ao seu bem amado..... pag. 24

Eliminou-se, na traducção d'esta linda Ode, o nome de Bactylo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgilio dedicou a Alexis a sua segunda Egloga.

Salva esta infidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige, em tudo o mais os presentes estudiosos sobre Anacreonte são traduções tam severamente litteraes quanto o genio das duas linguas o permite. O mesmo digo das de Alceu, Horacio, etc.

## Nota F

Não me enganei; era de Ossian a sombra,  
E assim cantou..... pag. 29

A especie de introducção que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o auctor das «Poesias de Ossian»; fil-a eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes—como elle já pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epílogo, que se contém nos ultimos oito versos do poemeto, também é da mesma lavra.

## Nota G

Caverna de Viriatho..... pag. 36

Na que pôde considerar-se como «a primeira parte» do que chamarei minhas «Poesias menores» a qual se publicou em Londres 1819, sob o titulo de *Lyrical de João Mímino*, vem já incluida esta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como esta segunda, obrigou a collocar aqui a *Caverna de Viriatho*.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho *À bord du Tage*, Paris, 1841, publicou a tradução francesa que aqui se dá aopé do texto, que foi o mais lisongeiro cum rimento que o auctor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente collecção.

## Nota H

O anno velho..... pag. 46

Foram já impressos, por engano de data, estes versos na *Lyrical de João Mímino*. Vêja nota antecedente (G ao Liv. I), e o que se diz no prologo da presente collecção.

## NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

## Nota A

Desdobrando milano  
 O verde pavilhão nas altas pôpas  
 Treme ao sopro da bise..... pag. 52.

A joven Rainha de Portugal então de onze annos, e a joven Imperatriz do Brasil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1829 n'uma fragata brasileira, acompanhada por mais dois navios de Guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a notícia da victoria da Praia, nos Açores. Esta notável coincidencia inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal portuguez intitulado *O Chaveco*, num. III dê 23 de setembro d'aquelle anno, com o titulo: *A Lealdade, ou a Vitoria da Terceira, canção* — ahia a pouco, no mesmo anno ainda, com estoutro titulo: — *A Lealdade em triunfo, ou a vitoria da Terceira — Canção — ao general conde de Vilalflor e ao valeroso batalhão da Senhora D. Maria II. — Londres — etc. etc. M DCCC XIX.*

## Nota B

Estandarte de morte aixago...  
 São as cores da nova Cartago..... pag. 54.

Allude-se á fragata ingleza que seguia os navios brasileiros, e que, á vista do procedimento que o governo britannico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão entendiamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos analogos n'esta peça. Até para a Russia, que então se achava com o seu exercito sobre Constantinopla, appellavamos nós, para vêr por ali começar a destruição do obnoxio podér inglez que tanto nos avevava.

Commentar todo este poemeto seria quasi escrever a historia d'aquelle anno tam cheio — 1829.

Nota C

Uma ilha vecejante e pampinosa ..... pag. 56

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as relíquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia, em 11 d'Agosto d'esse mesmo anno de 1829.

Nota D

E quem são esses nobres defensores ..... pag. 58

O batalhão de Voluntarios da Rainha, que não cram soldados de profissão, foi o que ganhou a vitória da Praia.

Nota E

Quase injúrias, que affrontas ..... pag. 58

Na camara dos Pares em 1826-27 tinham-se dito e feito as maiores injúrias aos voluntarios, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pelejavam pela causa commun. Pouco menos lhes tinha feito o governo. Elles desaffrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitável linguagem, — *Morre... e vinga-se.*

Nota F

Cinzas que a mão do algoz devia aos mortos ..... Pag. 60

Este verso cuja barbara allusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos depois da contendia, que ninguem accusará nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em publico ou em particular, soltasse tæs expressões, e menos ainda tivesse tæs pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre portuguezes. Se não fosse meia duzia de más almas que ahi ha por desgraça, talvez se pudesse escrever sem sangue toda esta historia das desavenças políticas.

## Nota G

A mão innocent e bella  
Que o triste ramo colheu..... Pag. 66

Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora —que hoje deve ser anjo no céu—colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor... no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituuisse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. É quanto basta para se elles entenderem; com o mais não tem nada o leitor.

## Nota H

O emprazado..... pag. 74

Talvez não devesse collocar-se aqui esta composição, que pertenceria melhor ao Romanceiro.—Romance é ella, mas não no estylo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se lisongeia que são as suas outras composições da mesma natureza. N'este quiz-se mais imitar a eschola de Schiller, e provar forças por todos ou quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isto é que o não quiz incluir no Romanceiro a par d'ess'outros.

Penamacor só deixou de ser um titulo vago e um nome vão depois de impresso este livro; aliás, ter-se-hia mudado: agora é impossivel fazê-lo.

## Nota I

O alcyon no cabo..... pag. 79

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqui se dá ao pé da tradução, apareceu, a primeira vez em um jornal francez *L'Abeille*, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a auctora d'estes lindos versos. Traduzi-os logo, e sahiram impresos, n'esse mesmo anno, no *Portuguez Constitucional*. Nem a tradução foi esmerada nem a publicação correcta. Apesar d'isso, M.<sup>me</sup> de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, já por vezes citada, *Au bord du Tage*. Mas ahi apareceu muito peior ainda, graças aos compositores

francezes que decerto não entendiam o que compunham.

Agora não vae só restituída, vae refeita a tradução, porque realmente o merecia a belleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora.(\*)

#### Nota K

Não olham para o céu, não vêem a estrela  
Que hoje em Bethlem raiou..... pag. 102

Ponho uma só nota a este verso, a toda a ode, e serve também para a seguinte: — é em duas linhas mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a crn, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho — ahí, liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito; e o espirito é o menos para os povos. O coração é tudo e ao coração só a religião pode chegar.

Appareceu a primeira vez impressa esta ode na *Revista universal Lisbonense* de dezembro 1844.

(\*) Para ilustração do que se diz n'esta nota I, transcrevemos n'este logar outra nota, que é a que Mlle. de Flaugergues faz à tradução portugueza do Sr. Garrett quando a publicou em Paris:

«Le poète qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite pièce est un des hommes plus marquans qu'il y ait aujour d'hui en Portugal, soit dans les lettres, soit dans la politique : le nombre de ses écrits en divers genres est très considérable, et la tribune législative lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Au nombre de ses œuvres poétiques est un recueil de rimes qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de João Minímo (et Jean). Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée: *L'Amre de Virizate* dont nous nous hazardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poète et qu'il obtienne son approbation, nous oserons donner la version complète du recueil.

(Nota dos Edit.)

# LYRICA

---

IV

ULTIMOS VERSOS

FOLHAS CAHIDAS

---

DOS EDITORES

Cumpre-se a promessa feita no primeiro volume d'esta collecção reunindo aqui, em segunda edição muito aumentada e correcta, as FOLHAS CAHIDAS.

Apezar de estarem no prelo desde 1851, o auctor tinha descuidado na primeira edição o seu habitual escrupulo de revêr e corrigir; e não teve paciencia para as aumentar com muitas peças que agora vão, e que então não estavam postas a limpo. Trabalhos mais serios o distrahiram durante os dois annos que levaram a imprimir tam poucas paginas.

Julgou-se agora melhor dividir em dois livros o que, assim augmentado, ficaria demasiado para um só.

Maio—1853.

LYRICA IV

ADVERTENCIA<sup>1</sup>

Antes que venha o inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahi cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu já as ultimas recordações de minha vida poetica. Enganei o publico, mas de boa fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro—ás vezes imaginario, porque ninguem os corôa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem, têem razão; mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outono da vida, heide sel-o no inverno se lá chegar, e heide sel-o em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o erro.

Os cantos que formam esta pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida que nada tem com as minhas outras colleções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta deante do publico. DAS FOIHAS CAHIDAS ninguem tal dirá, ou bem pouco entende de stylos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais d'elles do que de nenhum outros que fizesse. Porque? E' impossivel

<sup>1</sup> Do auctor na primeira edição.

dizel-o, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o publico sinta bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e mais recto juiz que pôde ter um escriptor, é elle proprio, quando o nño cega o amor proprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de vêr os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *Ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os anniquelle se quiser: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *Ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, approximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes FORHAS CAHIDAS representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacillantes oscillações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tel o alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raixa impotente por sua credulidade van.

Deixae o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendéis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides; vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu comvosco. E essa falta que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.

Mas não triumphais, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro—1853.

---

# FOLHAS CAHIDAS

---

## LIVRO PRIMEIRO

### I

#### IGNOTO DEO

D. D. D.

**C**REIO em ti, Deus: a fé viva  
De minha alma a ti se eleva.  
És: — o que és não sei. Deriva  
Meu sér do teu: luz... e treva,  
Em que—indistinctas!—se envolve  
Este espirito agitado,  
De ti vem, a ti devolve.  
O Nada, a que foi roubado  
Pelo sopro creador  
Tudo o mais, o ha-de tragar.  
Só vive de eterno ardor  
O que está sempre a aspirar  
Ao infinito d'onde veiu.  
Belleza és tu, luz és tu,  
Verdade és tu só. Não creio  
Senão em ti; o olho nu  
Do homem não vê na terra  
Mais que a dúvida, a incerteza,  
A fórmula que engana e erra.  
Essencial a real belleza,  
O puro amor — o prazer  
Que não fatiga e não gasta...  
Só por ti os pode vêr  
O que inspirado se affusta,  
Ignoto Deus, das ronceiras,  
Vulgares turbas: despidos  
Das coisas vans e grosseiras

Sua alma, razão, sentidos,  
 A ti se dão, em ti vida,  
 E por ti vida têem. Eu, consagrado  
 A teu altar, me prostro e a combatida  
 Existencia aqui ponho, aqui votado  
 Fica este livro — confissão sincera  
 Da alma que a ti vóou e em ti só spera.

## II

## ADEUS!

A DEUS! para sempre adeus !  
 Vae-te, oh! vae te, que n'esta hora  
 Sinto a justiça dos céus  
 Esmagar-me a alma que chora.  
 Chôro porque não te amei,  
 Chôro o amor que me tiveste;  
 O que eu perco, bem n'o sei,  
 Mas tu... tu nada perdeste;  
 Que este mau coração meu  
 Nos secretos escaninhos  
 Tem venenos tam damnínhos  
 Que o seu podér só sei eu.

Oh! vae... para sempre adeus !  
 Vae, que ha justiça nos céus.  
 Sinto gerar na peçonha  
 Do ulcerado coração  
 Essa vibora medonha  
 Que por seu fatal condão  
 Hade rasgal-o ao nascer:  
 Hade sim, serás vingada,  
 E o meu castigo hade ser  
 Ciume de vêr-te amada,  
 Remorso de te perder.

Vae-te, oh! vae-te, longe embora,  
 Que sou eu capaz agora  
 De te amar—Ai! se eu te amasse!  
 Vê-se no árido pragal  
 D'este peito se ateass:  
 De amor o incendio fatal!  
 Mais negro e feio no inferno  
 Não chammeja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? — Ai, triste!  
 Não sabes o que pediste.  
 Não te bastou supportar  
 O cebo-rei; impaciente  
 Tu ousas a deus tentar  
 Pedindo-lhe o rei-serpentel

E cuidas amar-me ainda?  
 Enganas-te: é morta, é finda,  
 Dissipada é a illusão.  
 Do meigo azul de teus olhos  
 Tanta lagrima verteste,  
 Tanto esse orvalho celeste  
 Derramado o viste em vão  
 N'esta seara de abrolhos,  
 Que a fonte seccou. Agora  
 Amarás... sim, hasde amar,  
 Amar deves. . Muito embora...  
 Oh! mas n'outro hasde sonhar  
 Os sonhos de oiro encantados  
 Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?  
 Se em meus olhos encovados  
 Der a luz de teus ardores...  
 Se com ella cegarei?  
 Se o nada d'essas mentiras  
 Me entrar pelo vão da vida...  
 Se, ao vêr que feliz d'eliras,  
 Tambem eu sonhar... Perdida,  
 Perdida serás — perdida.

Oh! vae-te, vae, longe, embora!  
 Que te lembre sempre e agora  
 Que não te amei nunca... ai! não;  
 E que pude a sangue frio,  
 Covarde, infame, villão,  
 Gosar-te — mentir sem brio,  
 Sem alma, sem dó, sem pejo,  
 Commettendo em cada beijo  
 Um crime... Ai! triste, não chores,  
 Não chores, anjo do céu,  
 Que o deshonrado sou eu.

Perdoar-me tu?... Não mereço.  
 A immundo cerdo voraz

Essas perolas de preço  
 Não as deites: é capaz  
 De as desprezar na torpeza  
 De sua brutal natureza.  
 Irada, te hade admirar,  
 Despeitosa, respeitar,  
 Mas indulgente . Oh! o perdão  
 É perdido no villão,  
 Que de ti hade zombar.

Vae, vae... para sempre adeus!  
 Para sempre aos olhos meus  
 Sumido seja o clarão  
 De tua divina estrella,  
 Faltam-me olhos e razão  
 Para a vêr, para entendêl-a:  
 Alta está no firmamento  
 Demais, e demais é bella  
 Para o baixo pensamento  
 Com que em má hora a fitei;  
 Falso e vil o encantamento  
 Com que a luz lhe fascinei.  
 Que volte a sua belleza  
 Do azul do céu á pureza,  
 E que a mim n' e deixe aqui  
 Nas trevas em que nasci,  
 Trevas negras, densas, feias,  
 Como é negro este aleijão  
 D'onde me vem sangue ás veias,  
 Este que foi coração,  
 Este que amar-te não sabe  
 Porque é só terra — e não cabo  
 N'elle uma ideia dos céus...  
 Oh! vae, vae; deixa-me, adeus !

## III

## QUANDO EU SONHAVA

**Q**UANDO eu sonhava, era assim.  
 Que nos meus sonhos a via;  
 E era assim que me fugia,  
 Apenas eu despertava,

Essa imagem fugidia  
 Que nunca pude alcançar,  
 Agora que estou desperto,  
 Agora a vejo fixar...  
 Para quê? — Quando era vaga,  
 Uma idéa, um pensamento,  
 Um raio de estrella incerto  
 No immenso firmamento,  
 Uma chymera, um vão sonho,  
 Eu sonhava — mas vivia:  
 Prazer não sabia o que era,  
 Mas dor, não n'a conhecia...

---

## IV

## AQUELLA NOITE

**E**RA a noite da loucura,  
 Da sedução, do prazer,  
 Que em sua mantilha escura  
 Costuma tanta ventura,  
 Tantas glórias esconder.  
 Os felizes ... e ai! são tantos!  
 — Eu por tantos os contava!  
 Eu que o signal de meus prantos  
 Do afflito rosto lavava —  
 Os felizes presumpcosos  
 Iam nos coches ruidosos  
 Correndo aos salões doirados  
 De mil fogos alumadiados,  
 D'onde em torrentes sahia  
 A clamorosa harmonia  
 Que à festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido  
 Como o confuso bramar  
 De um mar ao longe movido  
 Que à praia vem rebentar:  
 E disse commigo: — «Vamos,  
 Os luctos d'alma dispamos,  
 A festa heide ir também eu!»

E fui: e a noite era bella,  
 Mas não vi a minha estrella

Que eu sempre via no ceu:  
 Cubriu-a de espesso véo  
 Alguma nuvem a ella,  
 Ou era que já vendado  
 Me levava o negro fado  
 Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,  
 A funda melancolia  
 Que todo o meu sér revia,  
 Qual o atahude levado  
 A egypcio festim, dizia:  
 — Como vós fui eu tambem;  
 Folgae, que a morte ahi vem!—  
 Dizia-o, sim, meu semblante,  
 Que, onde eu chegava, o prazer  
 Cessava no mesmo instante;  
 E o labio que ia a dizer  
 Doçuras de amor, gelava;  
 E o riso que ia a nascer  
 Na face linda, expirava.  
 Era eu — e a morte em mim,  
 Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas  
 Ebrias de amor e desejos,  
 Quantas vi saltar-lhe os beijos  
 Da hócca ardente e lasciva!  
 E eu, que ia chegar-me a ellas...  
 Para logo a fronte esquia  
 De recatos se envolvia  
 E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,  
 Nu, ardente e palpitante  
 Andavam como entregando  
 A cubica mal desperta,  
 Gasta já e desdenhosa;  
 Dos que as estavam mirando  
 Com vaga luneta incerta  
 Que diz: — «Aquella é formosa,  
 Não se me dava de a ter.  
 E esta? É só baroneza,  
 Vale menos que a duqueza:  
 Não sei a qual attender.»

E a isto chamam prazer!  
A grande ventura é ésta?  
Vale a pena vir á festa  
E vale a pena viver.  
Como então quiz á tristura  
Do meu viver isolado!  
Fique-se embora a ventura,  
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,  
Senti-me crescer — e a frente  
Desanuviar-se contente  
Do feio negrume espesso  
Que assustava aquella gente.  
Logo os sorrisos cahiam  
Para o meu lado tambem;  
Já como um dos seus me viam  
Que em mim não viam ninguem.  
Eu, de olhos desencantados,  
A ellas, como as eu via!  
Meus entusiasmos passados,  
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia  
De meus labios descôrados,  
E sem dó e sem pôdor  
A todas falei de amor...  
De amor bruto, degradante  
Que no seio palpítante,  
Na espadua nua se accende...  
Amor lascivo que offende,  
Que faz córar... Ellas riam  
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta:  
—Festa, festa! e salta, salta!—  
Os seus guizos delirantes  
Sacode a louca Folia...  
Adeus, requebros de amantes!  
Suspiros, quem n'os ouvia?  
As palavras meias ditas,  
Meias nos olhos escritas,  
Voavam todas perdidas,  
Dispersas, rotas no ar;  
Que se foram almas, vidas  
Tudo se foi a walsar.

Quem é esta que mais voltas  
 Gira, gira sem cessar?  
 Como as roupas leves, sóltas,  
 Aérias leva a ondular  
 Em torno á forma graciosa,  
 Tam flexivel, tam airosa,  
 «I am fina! — Agora parou,  
 E tranquilla se assentou.  
 Que rosto! Em linhas severas  
 Se lhe desenha o perfil;  
 E a cabeça, tam gentil,  
 Como se fôra deveras  
 A rainha d'essa gente,  
 Como a levanta insolente!  
 Vive Deus! que é ella... aquella,  
 A que eu vi na tal janella,  
 E que triste me sorria  
 Quando passando me via  
 Tam pasmado a olhar para ella.  
 A mesma melancholia  
 Nos olhos tristes — de luz  
 Oblíqua, viva mas fria;  
 A mesma alta intelligencia  
 Que da face lhe transluz;  
 A mesma altiva impaciencia  
 Que de tudo, tudo cansa,  
 De tudo o que foi, que é,  
 E na erma yida so vê  
 O raio da yaga esp'rança.

«Pois isto sim, que é mulher»  
 Disse eu — e aqui ha que vêr.»

Já vinha a pallida aurora  
 Annunciando a manhan fria,  
 E eu falava e eu ouvia  
 O que até aquella hora  
 Nunca disse, nunca ouvi...  
 Toda a memoria perdi  
 Das palavras proferidas...  
 Não eram d'estas sabidas,  
 Nem quaes eram não n'o sei...  
 Sei que a vida era outra em mim,  
 Que era outro sér o meu sér,

Que uma alma nova me achei  
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi? — D'ahi, a historia  
Não deixou outra memoria  
D'essa noite de loucura,  
De seduccion, de prazer...  
Que os segredos da ventura  
Não são para se dizer.

V

O ANJO CAHIDO

ERA um anjo de Deus  
Que se perdéra dos céus  
E terra a terra voava.  
A setta que lhe acertava  
Partira de arco traidor,  
Porque as pennas que levava  
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,  
E se viu aos pés rendido  
Do tyranno caçador.  
De aza]morta e sem splendor  
O triste, peregrinando  
Por estes valles de dôr,  
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos céus,  
O abandonado de Deus,  
Vi-o, n'essa tropelia  
Que o mundo chama alegria,  
Vi-o a taça do prazer  
Pôr ao labio que tremia...  
E só lagrimas beber.

Ninguem mais na terra o via,  
Era eu só que o conhecia...  
Eu que já não posso amar!  
Quem n'o havia de salvar?  
Eu, que n'uma sepultura  
Me fôra vivo enterrar?  
Loucural ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos céus  
 Faltava um anjo ao seu Deus;  
 E remil-o e resgatal-o,  
 D'aquelle infamia salval-o  
 Só força de amor podia.  
 Quem d'esse amor hade amal-o,  
 Se ninguem o conhecia?

Eu só.—E eu morto, eu descrido,  
 Eu tive o arrojo atrevido  
 De amar um anjo sem luz.  
 Gravei-a eu n'essa cruz  
 Minha alma que renascia,  
 Que toda em sua alma puz.  
 E o meu sér se dividia.

Porque ella outra alma não tinha  
 Outra alma senão a minha...  
 Tarde, ai! tarde o conheci,  
 Porque eu o meu sér perdi,  
 E elle á vida não volveu...  
 Mas da morte que eu morri  
 Tambem o infeliz morreu.

## VI

## O ALBUM

**M**INHA Julia, um conselho de amigo;  
 Deixa em branco este livro gentil:  
 Uma só das memorias da vida  
 Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada  
 Pelas mãos do mysterio hade ser;  
 Que não tem lingua humana palavras,  
 Não tem letra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja  
 De uma vida o tecido matiz,  
 Um só fio da tela bordada,  
 Um só fio hade ser o feliz.

Tudo o mais é illusão, é mentira,  
 Brilho falso que um tempo seduz,  
 Que se apaga, que morre, que é nada,  
 Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos  
 Dos enganos que a esp'rança forjou?  
 Vãos reflexos de um sol que tardava  
 Ou vans sombras de um sol que passou!

Crê-me, Julia: mil vezes na vida  
 Eu co'a minha ventura sonhei;  
 E uma só, d'entre tantas, o juro,  
 Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tam firme,  
 Tam segura por dentro a fechou,  
 Que o passado fugiu da memoria,  
 Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Julia bella, o conselho:  
 Deixa em branco este livro gentil,  
 Que as memorias da vida são nada,  
 E uma só se conserva entre mil.

## VII

### SAUDADES

LEVA este ramo, Pepita,  
 De saudades portuguezas;  
 É flor nossa, e tam bonita  
 Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz,  
 Não tem variado matiz,  
 Vive á sombra, foge á luz,  
 As glorias de amor não diz,

Mas na modesta belleza  
 De sua melancholia  
 E tam suave a tristeza,  
 Inspira tal sympathia!...

E tem um dote esta flôr  
 Que de outra igual se não diz:  
 Não perde o viço ou frescor  
 Quando a tiram da raiz.

*em gosto*  
 Antes mais e mais floresce  
 Com tudo o que as outras mata;  
 Até ás vezes mais cresce  
 Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,  
 Que te não devo esconder:  
 Plantada no coração,  
 Toda outra flôr faz morrer. X

E, se o quebra e despedaça  
 Com as raízes mofinas,  
 Mais ella tem brilho e graça,  
 É como a flôr das ruínas.

Não, Pepita, não t'a dou...  
 Fiz mal em dar-te essa flôr,  
 Que eu sei o que me custou  
 Tratal-a com tanto amor.

### VIII

#### ESTE INFERNO DE AMAR

Este inferno de amar — como eu amo!  
 Quem m'o pôz aqui n'alma... quem foi?  
 E'sta chamma que alenta e consome,  
 Que é a vida — e que a vida destroe —  
 Como é que se veiu a atear,  
 Quando — ai quando se ha-de ella apagar? X

Eu não sei, não me lembra: o passado,  
 A outra vida que d'antes vivi  
 Era um sonho talvez... — foi um sonho —  
 Em que paz tam serena a dormi!  
 Oh! que doce era aquelle sonhar...  
 Quem me veiu, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso  
 Eu passei... dava o sol tanta luz!

E os meus olhos, que vagos giravam.  
Em seus olhos ardentes os puz.  
Que fez ella? eu que fiz? — Não n'o sei;  
Mas n'essa hora a viver comecei...

## IX DESTINO

QUEM disse á estrella o caminho  
Que ella hade seguir no céu?  
A fabricar o seu ninho  
Como é que a ave apprendeu?  
Quem diz á planta — Florece!  
E ao mudo verme que tece  
Sua mortalha de seda  
Os fios quem lh'os enreda?  
Ensinou alguém á abelha  
Que no prado anda a zumbir  
Se á flor branca ou á vermelha  
O seu mel hade ir pedir?  
Que eras tu meu sér, querida,  
Teus olhos a minha vida,  
Teu amor todo o meu bem.  
Ai! não m'o disse ninguem.

Como a abeija corre ao prado,  
Com no céu gira a estrella,  
Como a todo o ente o seu fado  
Por instincto se revela:  
Eu no teu seio divino  
Vim cumprir o meu destino...  
Vim, que em ti só sei viver,  
Só por ti posso morrer.

## X GOSO E DOR

SE estou contente, querida,  
Com esta immensa ternura  
De que me enche o teu amor?  
— Não. Ai! não; falta-me a vida,  
Succumbe-me a alma á ventura:  
O excesso do goso é dor.

Doe-me alma, sim ; e a tristeza  
 Vaga, inerte e sem motivo,  
 No coração me poisou.  
 Absorto em tua belleza,  
 Não sei se morro ou se vivo,  
 Porque a vida me parou.

É que não ha sér bastante  
 Para este gosar sem fim  
 Que me inunda o coração  
 Tremo d'elle, e delirante  
 Sinto que se exhaure em mim  
 Ou a vida — ou a razão.

## XI

## PERFUME DA ROSA

**Q**uem bebe, rosa, o perfume  
 Que de teu seio respira ?  
 Um anjo, um sylpho ? Ou que nume  
 Com esse aroma delira ?

Qual é o deus que, namorado,  
 De seu throno te ajoelha,  
 E esse nectar encantado  
 Bebe occulto, humilde abelha ?

Ninguem ? — Mentiste : essa frente  
 Em languidez inclinada,  
 Quem t'a pôz assim pendente ?  
 Dize, rosa namorada.

E a cõr de purpura viva  
 Como assim te desmaiou ?  
 E essa pallidez lasciva  
 Nas folhas quem t'a pintou ?

Os espinhos que tam duros  
 Tinhas na rama lustrosa,  
 Com que magos esconjuros  
 T'os desarmaram, ó rosa ?

E porquê, na hâstea sentida  
 Tremes tanto ao pór do sol ?

Porque escutas tam rendida  
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro  
Sussurrar-te na folhagem?  
Nas águas d'este retiro  
Não espreitei a tua imagem.

Não a vi afflita, anciada...  
—Era de prazer ou dor?—  
Mentiste, rosa, és amada,  
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nume  
O que em teu seio delira,  
Hade matal-o o perfume  
Que n'esse aroma respira.

## XII

### ROSA SEM ESPINHOS

PARA todos tens carinhos,  
A ninguem mostras rigor!  
Que rosa és tu sem espinhos?  
Ai, que não te entendo, flor!

Se a borboleta vaidosa  
A desdem te vae beijar,  
O mais que lhe fazes, rosa,  
E sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,  
Tam modesta em seu zumbir,  
Te diz: — O' rosa vermelha,  
Bem me podes acudir:

Deixa do calix divino  
Uma gotta só libar...  
Deixa, é nectar peregrino,  
Mel que eu não sei fabricar...—

Tu de lástima rendida,  
De maldita compaixão,

Tu á súpplica atrevida  
Sabes tu dizer que não ?

Tanta lástima e carinhos,  
Tanto dó, nenhum rigor !  
Es rosa e não tens espinhos !  
Ai ! que não te entendo flor.

### XIII

#### ROSA PALLIDA

Rosa pallida, em meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Esconder a afflita cór.  
Ai ! a minha pobre rosa !  
Cuida que é menos formosa  
Porquê desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,  
Sólta de alma e pensamento.  
Forte de tua isempção,  
Tinhas na folha incendida  
O sangue, o calor e a vida  
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella  
Coitada, coitada d'ella,  
A minha rosa gentil !  
Coravam-n'a então desejos,  
Desmaiaram-n'a agora os beijos...  
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores !  
Inveja de quê, amores ?  
Tu, que vieste dos céus,  
Comparar tua belleza  
As filhas da natureza !  
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha !... de quê, vida ?  
Vergonha de ser querida,  
Vergonha de ser feliz !  
Porquê?... porquê em teu semblante

A pallida cõr da amante  
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha  
Não vinha zangão e abelha  
Emtorno de ti zumbir?  
Não ouvias entre as flores  
Historias dos mil amores  
Que não tinhas, repetir?

Que hâode elles dizer agora?  
Que pendente e de quem chora  
É o teu languido olhar?  
Que a tez fina e delicada  
Foi, de ser muito beijada,  
Que te veiu a desbotar?

Deixa-os: pallida ou corada,  
Ou isempta ou namorada,  
Que brilhe no prado flor,  
Que fulja no céu estrella,  
Ainda é ditosa e bella  
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Vem a frente recinar.  
Que pallida estás, que linda!  
Oh! quanto mais te amo ainda  
Des que te fiz desbotar.

## XIV

### FLOR DE VENTURA

A flor de ventura  
Que amor me entregou,  
Tam bella e tam pura  
Jámais a creou:

Não brota na selva  
De inculto vigor,  
Não cresce entre a relva  
De virgem frescor;

Jardins de cultura  
Não pôde habitar  
A flor de ventura  
Que amor me quiz dar.

Semente é divina  
Que veiu dos céus;  
Só n'alma germina  
Ao sopro de Deus.

Tam alva e mimoso  
Não ha outra flor;  
Uns longes de rosa  
Lhe avivam a cõr;

E o aroma... Ai! delirio  
Suave e sem fim!  
E' a rosa, é o lirio,  
E' a nardo, o jasmim;

E um philtro que apara,  
Que exalta o viver;  
E em doce tortura  
Faz de âncias morrer.

Ai! morrer... que sorte  
Bem dita de amor!  
Que me leve a morte  
Beijando-te, flor.

## XV

## BELLA \*D'AMOR

Pois essa luz scintillante  
Que brilha no teu semblante  
D'onje lhe vem o splendor?  
Não sentes no peito a chamma  
Que aos meus suspiros se inflamma  
E toda reluz de amor?  
Pois a celeste fragrancia  
Que te sentes exhalar,  
Pois, dize, a ingenua elegancia  
Com que te vês ondular,  
Como se baloiça a flor

Na primavera em verdor,  
 Dize, dize: a natureza  
 Pôde dar tal gentileza?  
 Quem t'a deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,  
 Aí! vê-te por tua vida,  
 E diz se ha no céu estrella,  
 Diz-me se ha no prado flor  
 Que Deus fizesse tam bella  
 Como te faz, meu amor.

## XVI

## OS CINCO SENTIDOS

São bellas — bem o sei, essas estrellas,  
 Mil cōres — divinaes tēem essas flores;  
 Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:  
     Em toda a natureza  
     Não vejo outra belleza  
     Senão a ti — a ti!

Divina — aí! sim, será a voz que affina  
 Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.  
 Será; mas eu do rouxinol que trina  
     Não oiço a mellodia,  
     Nem sinto outra harmania  
     Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre ás flores gira,  
 Celeste — incenso de perfume agreste.  
 Sei... não sinto: minha alma não aspira,  
     Não percebe, não toma  
     Senão o doce aroma  
     Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pômos saborosos,  
 E' um mimo — de nectar o racimo;  
 E eu tenho fome e sêde... sequiosos,  
     Famintos meus desejos  
     Estão... mas é de bejos,  
     E' só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia  
 Do leito — ser por certo em que me deito;  
 Mas quem, ao pé de ti, quem poderia  
     Sentir outras caricias,  
     Tocar n'outras delícias  
     Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos  
 Todos n'um confundidos,  
 Sentem, ouvem, respiram;  
 Em ti, por ti deliram.  
 Em ti a minha sorte,  
 A minha vida em ti:  
 E quando venha a morte,  
 Será morrer por ti.

## XVII

## ROSA E LIRIO

A rosa  
 E' formosa;  
 Bem sei.  
 Porque lhe chamam — flor  
 D'amor,  
 Não sei

A flor,  
 Bem de amor  
 É o lirio;  
 Tem mel no arôma,— dor  
 Na cõr  
 O lirio.

Se o cheiro  
 E fagueiro  
 Na rosa;  
 Se é de belleza—mor  
 Primor  
 A rosa:

No lirio  
 O martyrio  
 Que é meu

Pintado vejo: — côr  
É ardor  
É o meu.

A rosa  
É formosa,  
Bem sei...  
E será de outros flor  
D'amor...  
Não sei.

## XVIII

### COQUETTE DOS PRADOS

**C**OQUETTE dos prados,  
A rosa é uma flor  
Que inspira e não sente  
O encanto d'amor.

De purpura a vestem  
Os raios do sol;  
Suspiram por ella  
Ais do rouxinol:

E as galas que traja  
Não as agradece,  
E o amor que accende  
Não o reconhece.

Coquette dos prados  
Rosa, linda flor,  
Porquê, se não sentes,  
Inspiras amor?

## XIX

### CASCAES

**A**CABAVA alli a terra  
Nos derradeiros rochedos;  
A deserta arida serra  
Por entre os negros penedos  
Só deixa viver mesquinho  
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados  
opravam ríjos na rama,  
E os céus turvos, annuveados,  
O mar que incessante brama...  
Tudo alli era braveza  
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,  
Entre uns juncos mal-medrados,  
Sêcco o rio, secca a fonte,  
Ervas e matos queimados,  
Ahi n'essa bruta serra,  
Ahi foi um céu na terra.

Alli sós no mundo, sós,  
Santo Deus ! como vivemos !  
Como eramos tudo nós  
E de nada mais soubemos !  
Como nos folgava a vida  
De tudo o mais esquecida.

Que longos beijos sem fim,  
Que falar dos olhos mudo !  
Como ella vivia em mim,  
Como eu tinha n'ella tudo,  
Minha alma em sua razão,  
Meu sangue em seu coração !

Os anjos aquelles dias  
Contaram na eternidade :  
Que essas horas fugidias,  
Seculos na intensidade,  
Por millenios marca Deus  
Quando as dá aos que são seus.

Ai ! sim, foi a tragos largos,  
Longos, fundos, que a bebi  
Do prazer a taça :— amargos  
Depois... depois os senti  
Os travos que ella deixou...  
Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem: que é preciso amar  
Como eu amei—ser amado  
Como en fui; dor, e tomar

Do outro sér a quem se ha dado  
Toda a razão, toda a vida  
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai ! que pesados annos  
Tardios depois vieram!  
Oh! que fataes desenganos,  
Ramo a ramo a desfizeram  
A minha choça na serra,  
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não' quero vê-lo  
Aquelle sitio encantado;  
Certo isto não conhecê-lo,  
Tam' outro estará mudado,  
Mudado como eu, como ella,  
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda alli acaba'a terra,  
Mas já o céu não começa;  
Que aquella visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa,  
E deixou núa a bruteza  
D'essa agreste natureza.

## XX

## ESTES SITIOS !

**O**LHA bem estes sitios queridos,  
Vê-os bem n'este olhar derradeiro...  
Ai! o negro dos montes erguidos,  
Ai! o verde do triste pinheiro!  
Que saudades que d'elles teremos..  
Que saudade! ai, amor, que saudade!  
Pois não sentes, n'este ár que bebemos,  
No acre cheiro da agreste ramagem,  
Estar-se alma a tragar liberdade  
E a crescer de innocencia e vigor!  
Oh! aqui, aqui só se engrinalda  
Da pureza da rosa selvagem,  
E contente aqui só vive Amor.  
O ár queimado das salas lhe escalda  
De suas azas o niveo candor,  
E na frente arrugada lhe cresta

A innocencia infantil do pudor.  
 E oh! deixar taes delicias como esta!  
 E trocar este céu de ventura  
 Pelo inferno da escrava cidade!  
 Vender alma e razão á impostura,  
 Ir saudar a mentira em sua corte,  
 Ajoelhar em seu throno á vaidade,  
 Ter de rir nas angústias da morte,  
 Chamar vida ao terror da verdade...  
 Ai! não, não... nossa vida acabou,  
 Nossa vida aqui toda ficou.  
 Diz-lhe adeus, n'este olhar derradeiro,  
 Dize á sombra dos montes erguidos,  
 Dize-o ao verde do triste pinheiro,  
 Dize-o a todos os sitios queridos  
 D'esta ruda, feroz soledade,  
 Paraizo onde livres vivemos,  
 Oh! saudades que d'elle teremos,  
 Que saudade! ai, amor, que saudade!

## XXI

## NÃO TE AMO

Não te amo, quero-te: o amor vem d' alma.  
 E eu'n' alma — tenho a calma,  
 A calma — do jazigo.  
 Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.  
 E a vida — nem sentida  
 A trago eu já commigo.  
 Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero  
 De um querer bruto e fero  
 Que o sangue me devora,  
 Não chega ao coração.

Não te amo. Esbelta; e eu não te amo, ó bella.  
 Quem ama a aziaga estrella  
 Que lhe lux na má hora  
 Da sua perdição? 5

E quero-te, e não te amo, que é forçado,  
 De mau feitiço azado  
 Este indigno furor.  
 Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto  
 Que de mim tenho espanto,  
 De ti medo e terror...  
 Mas amar!... não te amo, não.

## XXII

### NÃO ÉS TU

Era assim, tinha esse olhar,  
 A mesma graça, o mesmo ar,  
 Córava da mesma cõr,  
 Aquella visão que eu vi  
 Quando eu sonhava de amor,  
 Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,  
 O semblante pensativo,  
 E uma suave tristeza  
 Que por toda ella descia  
 Como um véo que lhe envolvia,  
 Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu falar,  
 Ingenuo e quasi vulgar,  
 Tinha o poder da razão  
 Que penetra, não seduz;  
 Não era fogo, era luz  
 Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,  
 No seio o mesmo perfume,  
 Um cheiro a rosas celestes,  
 Rosas brancas, puras, finas,  
 Viçosas como boninas,  
 Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu... ai! não és:  
 Toda a illusão se desfez,  
 Não és aquella que eu vi,

Não és a mesma visão,  
Que essa tinha coração,  
Tinha, que eu bem lh'o senti.

## XXIII

## BELLEZA

VEM do amor a Belleza,  
Como a luz vem da chamma.  
É lei da natureza:  
Queres ser bella? — ama.

Fórmas de encantar,  
Na tela o pincel  
As pôde pintar;  
No bronze o buril  
As sabe gravar;  
A estatua gentil  
Fazer o cinzel  
Da pedra mais dura...  
Mas Belleza é isso? — Não; só formosura.

Sorrindo entre dores  
Ao filho que adora  
Inda antes de o vêr,  
Qual sorri a aurora  
Chorando nas flores  
Que estão por nascer —

A mãe é a mais bella das obras de Deus.  
Se ella ama! — O mais puro do fogo dos céus  
Lhe ateia essa chamma de luz crystalina:

E a luz divina  
Que nunca mudou,  
E a luz... é a Belleza  
Em toda a pureza  
Que Deus a creou

## XXIV

## ANJO ÉS

Anjo és tu, que esse poder  
 Jámais o teve mulher,  
 Jámais o hade ter em mim.  
 Anjo és, que me domina  
 Teu sér o meu sér sem fim ;  
 Minha razão insolente  
 Ao teu capricho se inclina,  
 E minha alma forte, ardente,  
 Que nenhum jugo respeita,  
 Covardemente sujeita  
 Anda humilde a teu poder.  
 Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és. Mas que anjo és tu ?  
 Em tua frente annuveada,  
 Não vejo a c'rão nevada  
 Das alvas rosas do céu.  
 Em teu sejo ardente e nu  
 Não vejo ondear o véo  
 Com que o sôffrego pudor  
 Vela os mysterios de amor.  
 Teus olhos têem negra a côr,  
 Côr de noite sem estrella ;  
 A chamma é vivaz e é bella,  
 Mas luz não tem.—Que anjo és tu ?  
 Em nome de quem vieste ?  
 Paz ou guerra me trouxeste  
 De Jehovah ou Bélzebú ?

Não respondes—e em teus braços  
 Com freneticos abraços  
 Me tens apertado, estreito !...  
 Isto que me cae no peito  
 Que foi ?... — Lagrima? — Escaldou-me...  
 Queima, abraza, ulcéra... Dou-me,  
 Dou-me a ti, anjo maldito,  
 Que este ardor que me devora  
 É já fogo de precito,  
 Fogo eterno, que em má hora  
 Trouxeste de lá... De d'onde?

Em que mysterios se esconde  
 Teu fatal, estranho sér !  
 Anjo és tu ou és mulher ?

## XXV

## VIBORA

**C**omo a vibora gerado,  
 No coração se formou  
 Este amor amaldiçoado  
 Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri;  
 E em meu cadaver nutrido,  
 Foi a vida que eu perdi  
 A vida que tem vivido.

---

## LIVRO SEGUNDO

### I

#### BARCA BELLA

PESCADOR da barca bella,  
Onde vás pescar com ella,  
Que é tam bella,  
Oh pescador?

Não vês que a última estrella  
No céu nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Oh pescador!

Deixa o lanço com cautella,  
Que a sereia canta bella...  
Mas cautella,  
Oh pescador!

Não se enrede a rête n'ella,  
Que perdido é remo e vela  
Só de vél-a,  
Oh pescador.

Pescador da barca bella,  
Inda é tempo, foge d'ella,  
Foge d'ella  
Oh pescador!

### II

#### A CORÔA

BEM sei que é toda de flores  
Essa corôa de amores  
Que na frente vaes cingir.

Mas é corôa — é reinado;  
 E a pôsto mais arriscado  
 Não se pôde hoje subir.

Nesses reinos populosos  
 Os vassallos revoltosos  
 Tarde ou cedo dão a lei.  
 Quem hade conter, domal-os,  
 Se são tantos os vassallos  
 E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,  
 Para fugir essa estrella  
 Que os reis persegue sem dó,  
 Mais que um meio — falo serio:  
 E' pôr limites ao imperio  
 E ter um vassallo só.

## III

## SINA

XPor todas quantas estrellas  
 Tem o céu que possam mai,  
 Pelas flores virginæs  
 De que se c'roam donzellæs,  
 Pelas lagrimas singelas  
 Que o primeiro amor derrama,  
 Por aquella etherea chamma  
 Que a mão de Deus accendeu  
 E que na terra allumia  
 Quanto ha na terra do céu!  
 Por tudo quanto eu queria  
 Quando eu sabia querer,  
 E por tudo quanto eu criei  
 Quando me era dado crer!  
 Bem fadada seja a vida  
 Que por estas folhas brancas<sup>1</sup>  
 Sua historia hade escrever!  
 Que as dores lhe venham mancas  
 E com azas o prazer!

<sup>1</sup> As folhas do album em que se escreveram estes versos.

E'sta sina que lhe dou,  
Bruxa não n'a adivinhou,  
Nem duende m'a ensinou:  
Li-a eu por meu condão  
Em seus olhos inocentes,  
Transparentes — transparentes  
Até dentro ao coração.

#### IV

##### AI HELENA!

Ai, Helena! de amante e de espôso  
Já o nome te faz suspirar,  
Já tua alma singela presente  
Esse fogo de amor delicioso  
Que primeiro nos faz palpitar!...  
Oh! não vás, donzellinha inocente,  
Não te vás a esse engano entregar:  
É amor que te illude e te mente,  
É amor que te hade matar!  
Quando o sol n'estes montes desertos  
Deixa a luz derradeira apagar,  
Com as trévas da noite que espanta  
Vêm os anjos do inferno encobertos  
A sua vítima incauta affagar.  
Doce é a voz que adormece e quebranta,  
Mas a mão do traidor... faz gelar,  
Treme, foge do amor que te encanta,  
E amor que te hade matar.

## V

THE ROSE—A SIGH<sup>1</sup>

If this delicious, grateful flower,  
 Which blows but for a little hour,  
 Should to the sight so lovely be,  
 As from its fragrance seems to me,  
 A sigh must then its colour show,  
 For that is the softest joy I know,  
 And sure the rose is like a sigh,  
 Born just to soothe and then—to die.

<sup>1</sup> By a young lady born blind.

## V

## A ROSA—UM SUSPIRO

Sz esta flor tam bella e pura,  
 Que apenas uma hora dura,  
 Tem pintado no matiz  
 O que o seu perfume diz,  
 Por certo na linda cõr  
 Mostra um suspiro de amor:  
 Dos que eu chego a conhecer  
 È este o maior prazer.  
 E a rosa como um suspiro  
 Hade ser; bem se discorre:  
 Tem na vida o mesmo giro,  
 È um gôsto que nasce e — morre.

<sup>1</sup> Por uma menina cega de nascença

## VI

RETRATO  
(NUM ALBUM)

Ah! despreza o meu retrato  
Que lhe eu queria aqui pôr!  
Têm medo que lhe desfeie  
O seu livro de primor?  
Pois saiba que por despeque  
Eu sei também ser pintor:  
Co'esta pena por pincel,  
E a tinta do meu tinteiro,  
Vou fazer o seu retrato  
Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto — Sentada  
Na cadeira *morenâge*,  
O cabello *en chateâmes*,  
As mangas soltas.—E' o traje.

Em longas prégas negras  
Caia o velludo e arraste;  
De si com desdem regio  
Com o péssimo o affaste...

N'essa attitude! Está bem:  
Agora mais um geitinho;  
A airosa cabeça a um lado  
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,  
Nem Daguerre lh'os tira melhor.  
Este é o ár, esta a rose, eu lh'o juro,  
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difícil:  
Tirar feição por feição;  
Entendel-as, que é o ponto,  
E dar-lhe a justa expressão

Os olhos são côn da noite,  
Da noite em seu começar,  
Quandoinda é joven, incerta,  
E o dia vem de acabar;

Têm uma luz que vai longe,  
 Que faz gosto de queimar;  
 É uma especie de lume  
 Que serve só de abrazar.

Na bocca ha um sorriso amavel.  
 Amavel é... mas queria  
 Saber se é todo bondade  
 Ou se meio é zombaria.

Ninguem m'o diz? O retrato  
 Incompleto ficará,  
 Que n'estas duas feições  
 Todo o sér, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho  
 É tudo o que n'elle fiz;  
 E o que lhe falta—que é muito,  
 Tambem o espelho o não diz.

## VII

### LUCINDA

Ergue a frente, lirio,  
 Ergue a branca frente!  
 astro do delirio  
 Já surgiu no oriente.

Vês o sol ardente,  
 Lá cahiu no mar;  
 A frente pendente  
 Ergue ja respirar!

Alvo é o luar,  
 Teu alvor não cresta;  
 A hora de gosar,  
 De vivir, é esta.

Longa foi a sésta,  
 Longo teu dormir;  
 Ergue a branca testa,  
 Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir  
Tua bocca linda...  
Despertar, sentir  
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda  
Será o teu sonhar,  
Se a dormir, Lucinda,  
Te sentes amar.

## VIII

### AS DUAS ROSAS

**S**OBRE se era mais formosa  
A vermelha ou branca rosa,  
Ardeu séculos a guerra  
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jámais!  
Reinar ambas as rivaes,  
Tambem não; e uma ceder  
Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra  
Para acabar com a guerra.  
Eil-as aqui bem eguaes,  
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito:  
Que artista fui, com que geito!  
E oh! que lindas são, que amores  
As minhas flores!

Dirão que é cópia;—bem sei:  
Que todo inteiro o roubei  
Meu pensamento brilhante  
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam bello  
Que lhe dêm esse modello.  
Do meu quadro, na verdade,  
Tenho vaidade.

## IX

## VOZ E AROMA

A brisa voga no prado,  
Perfume nem voz não tem;  
Quem canta é o ramo agitado,  
O arôma é da flor que vem.

A mim tornem-me essas flores  
Que uma a uma eu vi marchar,  
Restituam-me os verdores  
Aos ramos que eu vi seccar...

E em torrentes de harmonia  
Minha alma se exhalará,  
Esta alma que muda e fria  
Nem sabe se existe já.

## X

## SEUS OLHOS

S EUS olhos—se eu sei pintar  
O que os meus olhos cegou—  
Não tinham luz de brilhar,  
Era chamma de queimar;  
E o fogo que a ateou  
Vivaz, eterno, divino,  
Como o facho do Destino.

Divino, eterno!—e suave  
Ao mesmo tempo: mas grave  
E de tam fatal poder,  
Que, um só momento que a vi,  
Queimar toda alma senti...  
Nem ficou mais de meu sér,  
Senão a cinza em que ardi.

## XI

## A DÉLIA

CUIDAS tu que a rosa chora,  
Que é tamanha a sua dor,

Quando, já passada a aurora,  
 O sol ardente de amor,  
 Com seus beijos a devora?  
 —Feche virgineo pudor  
 O que ainda é botão agora  
 E ámanhã hade ser flor;  
 Mas ella é rosa n'esta hora,  
 Rosa no arôma e na cõr.

—Para ámanhã o prazer  
 Deixe o que ámanhã viver.  
 Hoje, Délia, é nossa a vida;  
 A'manhã... o que hade ser?  
 A hora de amor perdida  
 Quem sabe se hade volver?  
 Não desperdices, querida,  
 A duvidar e a sofrer  
 O que é mal gasto da vida  
 Quando o não gasta o prazer.

## XII

### A JOVEN AMERICANA

D'ONDE é que te eu vi, donzella,  
 E o que eras tu n'esta vida  
 Quando não tinhast vestida  
 A fórmâa de virgem bella  
 Que ora te vejo trajar?

Estrella foste no céu,  
 Serias no prado flor?  
 Ou, no diaphano splendor  
 De que Iris faz o seu véo,  
 Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda  
 Que te não visse e cantasse,  
 Mulher que não te invejasse,  
 Nem pintor que a face linda  
 Te não fôsse copiar.

Seculos tens. — E ahi... já sei  
 Quem és, quem foste e hasde ser:  
 Bem te eu estava a conhecer  
 Quando primeiro te olhei  
 Sem te podér estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade  
 De nossas terras fugiste  
 Quando perdidos nos viste,  
 E te foste á soledade  
 Do novo mundo accoitar.

Pois que ora piedosa vens  
 E nos sentes resurgir,  
 Oh! não tornes a fugir,  
 Que melhor patria não tens  
 Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos  
 Hoje e sempre: teus amigos  
 Somos na lealdade antigos,  
 E no ardor novos seremos,  
 No desvéllo em te adorar:

Porque tu és o Ideal  
 Da só belleza — do Bem;  
 Não és estranha a ninguem,  
 E de ti só foge o mal  
 Que te não pôde encarar.

### XIII

#### ADEUS MÃE

ADEUS, mãe!, adeus, querida,  
 Que eu já não posso co'a vida  
 E os anjos chamam por mim.  
 Adeus, mãe, adeus!... Assim,  
 Junta os teus labios aos meus,  
 E recebe o último adeus  
 N'este suspiro... Não chores,  
 Não chores: aquellas dores  
 Já sinto accalmar em mim.  
 Adeus, mãe, adeus!... Assim,

Junta os teus labios aos meus...  
Um beijo—um ultimo... Adeus!

E o corpo desanimado  
No collo da mãe cahia;  
E ella o corpo... só pesado,  
Só mais pesado o sentia!  
Não se lamenta, não chora,  
E quasi a sorrir, dizia:  
—Que tem este filho agora,  
Que tanto pésa? Não posso...—  
E uma a uma, osso por osso,  
Com a mão trémula tenta  
As mãosinhos descarnadas,  
As faces cavas, myrradas.  
A testa inda morna e lenta.  
—Que febre, que febre!—diz;  
E em tudo pensa a infeliz,  
Tudo que ha mau lhe ocorreu,  
Tudo—menos que morreu.

Como nos gelos do norte  
O sonno traidor da morte  
Engana o desfalecido  
Que imagina adormecer,  
Assim cansado, esvahido  
De tam longo padecer,  
Já não ha no coração  
Da mãe força de sentir;  
Não tem já lume a razão  
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,  
Que é tempo de despertar!  
Anda vêr a eça armada,  
As luzes que ardem no altar.  
Ouves? É a rouca toada  
Dos padres a psalmear!..  
Vamos, que a hora é chegada,  
É tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:  
—Alleluia!  
E os santos clamavam:  
—Hossanna!

Ao triste cantar da terra  
 Responde o cantar do céu;  
 Todos lhe bradam:—Morreu!  
 E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,  
 E os padres a rezar,  
 E ella ainda a accalentar  
 Nos braços o filho morto,  
 Que já não tem mais conforto,  
 Mais socego n'este mundo  
 Que o jazigo humido e fundo  
 Unde hade ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,  
 Levae essa dor aos céus.  
 Com a alma do innocent  
 Aos pés do Juiz Clemente  
 Ahi fique a santa dor  
 Rogando á Eterna Bondade  
 Que estenda a immensa piedade  
 A quantos peccam de amor.

## XIV

## AVE, MARIA !

MARIA, doce mãe dos desvallidos,  
 A ti clamo, a ti brado!  
 A ti sobem, senhora, os meus gemidos,  
 A ti o hymno sagrado  
 Do coração de um pae vôa, ó Maria,  
 Pela filha innocent  
 Com sua débil voz que balbucia,  
 Piedosa mãe clemente,  
 Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,  
 Pedir ao Pae dos céus  
 O pão de cada dia. As preces minhas  
 Como irão ao meu Deus,  
 Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços.  
 Se tu, mãe de piedade,  
 Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços  
 Da velha humanilade;

Despe de mim todo outro pensamento  
E van tenção da terra;  
Outra glória, outro amor, outro contento  
De minha alma desterra.  
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora  
Pela filha querida.  
De mais tenho vivido, e só agora  
Sei o preço da vida,  
D'esta vida, tam mal gasta e prezada  
Porque minha só era...  
Salva-a, que a um santo amor está votada,  
N'elle se regenera.

## XV

### OS EXILADOS

#### A SENHORA ROSSI-CACCIA <sup>1</sup>

ELES tristes, das praias do desterro,  
Os olhos longos e arrazados de agua  
Estendem para aqui... Cravado o ferro  
Da saudade têem n'alma; e é negra máguia  
A que lhes rala os corações afflictos,  
É a maior da vida — são proscritos.

Dôr como outra não ha, é a dor que os mata!  
Dizer eu: «Essa terra é minha... minha,  
Que nasci n'ella, que a servi, a ingrata!  
Que lhe dei... dei por ella quanto tinha,  
Sangue, vida, saude, os bens da sorte...  
E ella, por galardão, me entrega á morte!»

Morte lenta e cruel — a de Ugolino! <sup>2</sup>  
Bem lhes quizeram dar...

Mas não será assim: sôpro divino  
De bondade e nobreza  
Não o pôde apagar

<sup>1</sup> Cantando em um baile de subscrição que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que nesse anno estavam emigrados por fugir às perseguições do Governo.

<sup>2</sup> Foi morto à fome com os filhos.

Nos corações da gente portugueza  
 Esse rancor de fera  
 Que em almas negras, negro e vil impera.

Tu, genio da Harmonia,  
 Tu solta a voz em que triumpha a glória,  
 Com que suspira amor!  
 Bella de entusiasmo e de fervor,  
 Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:  
 A tua voz divina  
 Hoje um echo immortal deixa na historia.  
 Inda no mar d'Egina  
 Sôa o hymno de Alceu;  
 E atravessaram séculos  
 Os cantos de Tyrteu,  
 Mais poderosa e válida  
 A tua voz será;  
 A tua voz etherea,  
 Tua voz não morrerá.

Nós no templo da patria pendurâmos  
 Esta c'roa singela  
 Que de myrtho e de rosas entrançâmos  
 Para essa fronte bella:  
 Aqui, de voto, ficará pendente,  
 E um culto de saudade  
 Aqui, perennemente,  
 Lhe daremos no altar da Liberdade.

## XVI

## PREITO

É lei do tempo, Senhora,  
 Que ninguem domine agora  
 E todos queiram reinar.  
 Quanto vale n'esta hora  
 Um vassallo bem sujeito,  
 Leal de homenage e preito  
 E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:  
 E aqui juro e firmo agora  
 Que a um despotico reinar  
 Me rendo todo n'esta hora,

Que a liberdade sujeito...  
 Não a reis! — outro é meu preito:  
 Anjos me hão de governar.

## XVII

## NO LUMIAR

Era um dia de Abril; a primavera  
 Mostrava apenas seu virgíneo seio  
 Entre a folhagem tenra; não vencera,  
 De todo, o sol o mysterioso enleio  
 Da nevoa rara e fina que estendera  
 A manhã sobre as flores; o gorgojo  
 Das avesinda timido e infantil...

Era um dia de Abril,  
 E nós íamos lentos passeando  
 De vergel em vergel, no descuidado  
 Socêgo d'alma que se está lembrando  
 Das luctas do passado,  
 Das vagas incertezas do porvir.  
 E eu não cansava de admirar, de ouvir,  
 Porque era grande, um grande homem de veras  
 Aquelle Duque—allí maior ainda,  
 Allí no seu Lumiar, entre as sinceras  
 Bellezas d'esse parque, entre essas flores,  
 A qual mais bela e de mais longe vinda  
 Esmaltar de mil cōres  
 Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,  
 Tam suaves ao pé—muito ha cansado  
 De pisar alcatifas ambiciosas,  
 De tropeçar no perigoso estrado  
 Das vaidades da terra.  
 E o velho Duque, o velho homem d'Estado,  
 Ao falar d'essa guerra  
 Distante—e das paixões da humanidade,  
 Sorria malicioso  
 D'aquelle sorrir fino sem maldade,  
 Que tam seu era, que, entre desdenhoso  
 E benevolo, a quanto lhe sahia  
 Dos labios dava um cunho de nobreza,  
 De razão superior.  
 E então como elle a amava e lhe queria  
 A esta pobre terra portugueza!

Velha tinha a razão, velha a experiençia,  
Joven só esse amor.

Tam joven, queinda cria, inda esperava,  
Inda tinha a fé viva da innocencia!...

Eu, na força da vida,  
Tristemente de mim me envergonhva.  
—Passeavamos assim, e em reflectida  
Meditação tranquilla descuidados  
Iamos sós, já sem falar, descendo  
Por entre os velhos olmos tam copados,  
Quando sentimos para nós crescendo  
Rumor de vozes finas que zumbia  
Como enxame de abelhas entre as flores,  
E vimos, qual Diana entre os menores  
Astros do céu, a forma que se erguia,  
Sobre todas gentil, d'essa estrangeira  
Que se esperava alli. Perfeita, inteira  
No velho amavel renasceu a vida  
E a graça facil. Cuidei vêr o antigo  
O nobre Portugal que resurgia

No venerado amigo;  
E na formosa dama que sorria,  
O genio da subida,  
Rara e fina elegancia que a nobreza,  
O gôsto, o amor do Bello, o instincto da Arte  
Reune e faz irmãos em toda a parte:  
Que affere a grandeza  
Pela medida só dos pensamentos,  
Do stylo de viver, dos sentimentos,  
Tudo o mais como futilez desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre  
Em seus ultimos dias  
E a despedir-se, até Deus sabe quando,  
De nossas praias tristes e sombrias,  
Vinha esse genio... Tristes e sombrias,  
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,  
E onde tudo o que é alto vai baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça  
Sou eu talvez — que, à mingua de fé, sinto  
O cerebro gelar-me na cabeça,

Porque no coração o fogo é extinto.

Elle não era assim,  
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

— Como o nobre corcel que envelheceu  
Nas guerras, ao sentir o aureo telim  
E as armas sobre o dorso descarnado,  
Remoça o garbo, em juvenil meneio  
Franja de espuma o freio,  
E honra os brazões da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!

Nem os olhos, as talas, e a sincera  
Admiração da bella dama ingleza

Por tudo quanto via;  
O fructo, a flor, o arôma, o sol que os gera,  
E esta vivaz, vehementemente natureza,  
Toda de fogo e luz,  
Que ama iacessante, que de amar não cansa,  
E continua produz  
Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança.

Alli as nações todas se juntaram,

Alli as várias linguas se falaram;

A Europa convidada  
Veiu ao festim — não ao festim, ao preito.  
Vassallagem rendida foi prestada

Ao talento, à beleza,  
A quanto n'alma infunde amor, respeito,  
Porque é devéras grande: - que a grandeza  
Os homens não a dão;  
Põe-na por sua mão  
N'aquelles que são seus,  
Nos que escolheu — só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades  
D'aquelle dia! Como se me aperta  
O coração no peito co' as vaidades,  
Co' as misérias que aí vejo andar áleras,  
A' sólta, appregoando-se! Na intriga  
Na traição, na calúnia é forte a liga,  
É fraca em tudo o mais...

Tu, socegado  
Descansa no sepulchro; e cerra, cerra

Bem os olhos, amigo venerado,  
 Não vejas o que vae por nossa terra.  
 Eu fecho os meus, para trazer mais viva  
     Na memoria a tua imagem  
 E a d'essa bella Ingleza que se esquiva  
     De nós entre a folhagem  
 Dos bosques de Parthenope. Cansado,  
     Fito n'esta miragem  
 Os olhos d'alma, em quanto que arrastado  
     Vae o tardio pé  
     Por este que inda é,  
 Que cedo não será, nem cedo—em mal!  
     O velho Portugal.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Norton à quinta do Luminar, onde o falecido duque de Palmela reúna, para a festejar, alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos últimos tempos de sua vida. Mrs. Norton reside actualmente em Nápoles, a Parthenope, de que fala o texto.

## XVIII

### A UM AMIGO

FIEL ao costume antigo,  
Trago ao meu joven amigo  
Versos proprios d'este dia.  
E que de os vêr tam singelos,  
Tam simples como eu, não ria:  
Qualquer os fará mais bellos,  
Ninguem tam d'alma os faria.

Que sobre a flor de seus annos  
Soprem tarde os desenganos;  
Que emtorno os bafeje amor,  
Amor da espôsa querida,  
Prolongando a doce vida  
Fructo que succeda á flor.

Recebe este voto, amigo,  
Que eu fiel ao uso antigo  
Quiz trazer-te n'este dia  
Em poucos versos singelos;  
Qualquer os fará mais bellos,  
Ninguem tam d'alma os faria.

## XIX

## OS LUSIADAS

EPILOGO DE PAGGI<sup>1</sup>

## I

C o'a doce voz o Cysne lusitano  
 Assim as proprias feras abrandava;  
 Mas nem o Tejo, de seu canto ufano,  
 Nem as ingratas Tagides tocava:  
 De seu impio destino deshumano  
 Nunca as iras fataes, nunca domava;  
 Nem achou entre os seus humanidade  
 Quem moveria as pedras á piedade.

## II

Ingrata patria, o engenho sublimado  
 Digno de um capitolio em Roma antiga,  
 Tu não o ergueste d'esse baixo estado  
 Em que só por tua glória se afadiga !  
 O engenho que te inveja malogrado  
 Toda a nação de meritos amiga,  
 Tu na vida em misérias o deixaste,  
 E em leito vil á fome o assassinaste !

## III

Vae ! Sua glória é mais hoje a maravilha  
 Das gentes, porque mais o perseguiste;  
 Morre o teu nome quando o seu mais brilha,  
 Despojam d'ele a tua lingua triste;  
 Iberia o adoptou, França o perfilha,  
 Britannia o quer; e agora eterno existe,  
 Que n'um e n'outro italico idioma  
 Entre os seus vates o colloca Roma.

<sup>1</sup> Paggi esteve muitos annos em Lisboa, e aqui publicou duas edições da sua tradução dos Lusiadas, que, se não tem o valor poético da de Nervi, nem a fidelidade da de Briccolini, é todavia muito apreciável. Este epílogo foi tirado da seg. edição de 1659 — que é a mais correcta, conservando-se-lhe a propria orthographia.

## XIX

### LA LUSIADA

#### EPILOGO DI PAGGI

##### I

COTAL cantava il lusitano cigno  
Molcendo con sue voce anco le fere,  
Non che l'amato patrio Tago e'l Migno,  
E le del canto suo Tagide altere:  
Che pur del suo destino empio e maligno  
Non puote unqua addolcir l'ire severe;  
Non trovando fra suoi humanitade  
Quei ch'i scelsi avria mossi anco a pietade.

##### II

Potesti, ingrata patria, un spirto degno  
D'un campidoglio in una Roma antica,  
Non sollevar da basso stato, indegno  
Di cui fiè per te gloria o'ni fatica?  
Un spirto che t'invidia al maggior segno  
Ogni altra nazion di mer'ti amica,  
Veder soffristi vivo egro e scontento  
Ed in vil letto di disagio spento!

##### III

Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera  
Fusti con lui, tanto fra l'altre genti  
Sorgerà la sua gloria ove tua pera,  
Fino a caciарne i tuoi nativi accenti.  
Adotteranlo la nazione ibera,  
La franca, use adottar spirti eminenti,  
L'angla; ed ambe le italiche faveile  
Vorran che viva fra suoi poeti anch'elle.

## IV

Tu fica-te c'os ossos deshonrados  
 Que te accusam de ingrata ao céu e á terra;  
 Seu espirito, esse vae onde prezados  
 São virtude e talento, e onde impia guerra  
 Stulto o poder não faz aos mais honrados:  
 Mais de outros já que teu, já não se encerra  
 N'um canto do orbe sua altiva fama,  
 Que Augusto a ampara e um Alexandre a acclama.

## V

Lá onde surge de alto monte, e brilha  
 Sobre a escolhida grey de Deus a estrella,  
 E igual áquella antiga maravilha  
 Que os reis guiou a Deus, sobre os reis vela,  
 Lá onde ao merito o poder se humilha,  
 Beija a paz da justica a face bella,  
 E de illustre carvalho á sombra amena  
 Descansa Roma no velar de Siena.<sup>2</sup>

## VI

Lá vae, minha obra, e d'esta luz roubada  
 Tu leva á patria musa esses primores;  
 Em fala ignota estava sepultada,  
 Raios de estranho sol são seus fulgores.  
 Vae, viverás: tambem com luz furtada  
 Deu vida Prometheu. Se mais não fores,  
 Serás reflexo de belleza, lustre,  
 E de eterno splendor émula illustre.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Cidade do gran-ducado de Toscana, patria do papa Alexandre VII, a quem a versão dos Lusitadas foi dedicada.

<sup>3</sup> Publicando-se a primeira vez esta tradução dos versos de Paggi no 2.<sup>o</sup> num. do vol. II do jornal a SEMANA, apareceu com uma introdução, da qual julgamos dever extractar alguns paragraphos:

«Um nome illustre e portuguez, germanado pela inspiração pelas tradições patrias com a gloria de Camões, associa-se hoje à nobre desafironta que um estrangeiro soube, há seculo e meio, escrever no fim dos LUSITADAS em hora das esquecidas cinzas de Camões. O estrangeiro foi Carlos António Paggi, que na sua tradução italiana dos LUSITADAS acrescentou, como Epílogo, seis formosas strophes em hora do poeta que a patria, ou antes a corte do seu tempo, votara à humiliação e à indigencia. O nome glorioso na historiæ contemporanea das nossas letras é o de Jineida Garrett, que em bellissimos versos portuguezes transladou a elegia melancólica com que o italiano Paggi apostrophou a indiferença, ou o desprezo que foram em vida de Camões a tença mais avultada que os poderosos lhe destinaram no seu livro de mercês.

«Quem gravou mais estes versos na loixa de Camões, quem

## IV

Tienti pur l'ossa inonorate ancora  
 Che t'accusan d'ingrata anco sepulte;  
 Che lo spirto di lui, già di te fuora  
 Non errará, ne fien sue pene insulte;  
 Vedrai lo accolto ove virtu s'onora:  
 Già più d'altri che tuo, fra le più culte  
 Genti del orbe, è maturar sua speme  
 Sotto un Augusto e un Alessandro insieme

## V

La ve ad illuminar da eccelso monte  
 Astro di Dio, l'eletta gregia, sorge,  
 Che al par di quel che ad inchinar la fronte  
 Condussi i regi a Dio, i regi scorge,  
 La dove il merto abbatte sforzi ed onte,  
 La giustizia à la pace il labro porge,  
 E di quercia Feretria à l'ombra amena  
 Riposa Roma al vigilar di Siena.

## VI

Or la vanne, opra, ed à le patrie muse,  
 Quasi terzo cristal le luci rendi  
 Che sotto ignoto dir sepolte e chiuse  
 Da sol che altrove splende or furi e prendi.  
 Vanne, e qual già Prometteo anima infuse  
 Con le luci non sue, tu vita attendi:  
 Spechio del altrui bello, emulo industre  
 E d'eterno splendor riflesso illustre.

Ihe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como n'um traço conciso, toda uma regeneração litteraria, o poeta que marca no stadio das lettras um repouso ameno depois do servilismo, ou da inanição da poesia nacional; o mesmo que cei trou Camões em versos ungidos de sentimento e de saudade íntima; aquelle que interrogou os portuguezes sobre o lugar onde jaziam os ossos do maior genio da nossa terra; foi o proprio que em Portugal, onde só a opulencia tem monumentos, e a maioria estatutas, levantou o mais clamoroso brado a favor d'aquelle pobre nessada, perdida, profanada, pisada talvez sacrilegamente pelos filhos degenerados d'uma patria envilecida; foi aquelle mesmo que rematou tambem um dos seus mais graciosos e sentidos poemas, com esta apostrophe, tenerosa e solemne, já tantas vezes citada por nacionaes e estrangeiros:

Onde jaz, portuguezes, o moimento  
 Que do immortal cantor as cinzas guarda?  
 Homenagem tardia lhe pagastes  
 No sepulcro siquer? Nasça de ingratos!

## XX

## O TEJO

AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

PELO CONDE DE CANDUZIANO

N'ESSAS margens risonhas do Tejo  
 Não ha som que não cante de amor;  
 Em suas ondas azues o lampejo  
 Das estrellas, no albor, se espelhou.

Essa terra produz a violeta  
 Ao primeiro sorrir da manhã,  
 Vago Zephyro a flor indiscreta,  
 Sussurrando, lascivo beijou.

É loquaz este bosque sombrio,  
 Cheio ainda do canto dos bardos;  
 Aqui é Tempe, aqui o Ménalo frio,  
 E o Meandro que os cysnes produz.

Oíço uns eccos de magica lyra  
 Pela noite ir ao longo da praia...  
 Quem é esse tam fero que ahi gira  
 E do dia desdenha da luz?

É Catão,<sup>1</sup> — só a este não doma  
 Quem a terra fez muda a seu mando;  
 É Catão — a infâmia de Roma  
 Na sua frente jámaiis não pesou.

Como gême alva pomba ferida,  
 Assim Méropé<sup>2</sup> gen e e lamenta;  
 Sóam trompas guerreira alarida,  
 E a alegria ao seu peito voltou.

Nas cumiadas de Herminio<sup>3</sup> nevosas,  
 Que dos horridos gelos s. c'rôam,

<sup>1</sup> Allude à tragedia CATÃO do Sr. Garrett.

<sup>2</sup> Allude à tragedia MÉROPÉ do Sr. Garrett.

<sup>3</sup> Do mesmo modo allude à LAVERNA DE VIRIATHO, publicada ultimamente nas FLORES SEM FRUCTO, com a tradução francesa por M. Lile de Flaugergues.

## XX

## IL TAGO

AL SIGNOR VISCONTE DE ALMEIDA-GARRETTI

DAL CONTE DI CAMBURZANO

**S**ULE sponde ridenti del Tago  
 Dice ogni eco canzone d'amore,  
 In que' flutti d'azzuro si vago  
 C'gni stella al mattin si specchiò.

Quella terra produce la viola  
 Al primiero dell' alba sorriso,  
 Zefiretto che lene trasvola  
 Susurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,  
 Piene ancora del canto de' bardi;  
 Quivi è Tempe, qui Menalo agreste,  
 E'l Meandro che i cigni nutri.

Odo un suono di magica lira  
 Lungo il lido sull' umida sera..  
 Chi é colui che s' fiero s'aggira  
 E disdegna la luce del di?

Egli é Cato, <sup>1</sup> lui solo non doma  
 Chi la terra fè muta á suoi cenni;  
 Egli é Cato, l'infamia di Roma  
 Sul suo capo giammai non pesò.

Come gemon le bianche colombe,  
 Così Merope <sup>2</sup> piange e lamenta;  
 Ma improvviso squillare di trombe  
 Alta gioja id suo cuore versò.

Su le cime d'Erminio <sup>3</sup> nevose,  
 Cui fan gl'orridi ghiacci corona,

<sup>1</sup> Idem.<sup>2</sup> Idem.<sup>3</sup> Idem.

Vê a aurora coberta de rosas  
De beleza em que pompa surgiu!

Na hastea débil as tenras florinhas  
Vão o puro rocio bebendo,  
Cada gota do céu, nas hervinhas,  
Rica perola ardente luziu.

Mas "o Genio do monte, que horrendo  
Entre as sombras impéra da noite,  
Bate as azas, já fogeje tremendo  
No profundo do mar mergulhou.

Repentino lá surge um guerreiro,  
Torvo o cenho, a armadura de ferro...  
É Viriatho... a seus pés--o primeiro!—  
Cae as águias que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe encerra  
Surde a voz... Inclinae as cabeças  
Ante o livre que impavido á terra  
—Ou morrer — ou salval-a jurou...

Emmudece a harpa.—O nome adorado  
Da sua Julia<sup>4</sup> as Dryades cantem!  
Sobre a fronte ao poeta sagrado  
Phebo proprio os seus loiros poisou.

## XXI

### CANÇÃO DA DONZELLA FINLANDEZA

**O**H! se o meu Bem me volver,  
Se quem d'antes via, eu vejo.  
Traga elle a bôcca a escorrer  
e lobo em sangue, lh'a beijo;  
E a mão vou lh'a apertar,  
Cobras lh'a andem a enroscar.  
Ah! se o vento alma tivera,  
Lingua o ár da primavera,  
Fôra a sua voz bastante:

<sup>4</sup> Allude igualmente à ode ou canção II do livro primeiro — *FLORES SEM FRUCTO*.

Ve' l'aurora cosparsa di rose  
Qual fa pompa di rara belta!

I floretti sul gracile stelo  
Van bevendo la pura rugiada,  
Ogni stilla caduta dal cielo  
Fra l'erbe una perla si fa.

Ma lo Spirto del monte, che orrendo  
Tiene impero fra l'ombre di notte,  
Bate l'ali, già fugge fremendo  
Nel profondo dei mari piombò.

Um guerriero repente si destà,  
Torvo il ciglio, rachiuso nell'arme,  
È Viriato... un vessillo calpesta  
Che tremante la terra mirò.

Dallo speco che l'ossa ne serra  
Una voce si parte — t'inchina  
A colui che la libera terra  
O far salva o perire giurò...

Tace l'arpa... Di Giulia\* ripeta  
Ogni Driade il nome soave!...  
Su la fronte del sacro poeta  
Febo istesso l'alloro posò.

## XXI

### EYTON RUNO SUOMALAISEN

Jos mun tuttuni tulisi,  
Ennen nähtyni näkyisi,  
Sillea suuta suikkajaisin;  
Jos olis suu suden weressä;  
Sillen kättä käppäjäisin.  
Jospo käärme kämmen-päässä  
Olisko tuuli mielellisnä,  
Ahawainen kielellisnä  
Sanan toisi, sanan weisi,

\* Idem.

Novas levára e trouxera  
Entre um e outro amante.  
Desprézo finos guizados,  
Deixo ao cura os seus assados;  
Só quero amar, ser constante  
A quem o verão me deu  
E o inverno affez a ser meu.<sup>1</sup>

## XXI

### CARMEN FENICAE PUELLÆ

ILLE si meus veniret,  
Visus ante si veniret;  
Illitum lupi cruento  
Os libenter oscularer;  
Si ter implicaret anguis,  
At manum manu tenerem.  
Si qua mens adesset austro,  
Si qua lingua veris aurae;  
Ferret aura, ferret auster,  
Et referret usque verba,  
Nuntians amanti amantis.  
Nil moror dapes opimas,  
Presbiter nihil quod assat,  
Dum mihi meum reservem,  
Quem mihi subegit aestas,  
Bruma quem dedit domandar.

A. HEDNER.  
Praepositus Yariensis.

<sup>1</sup> O original é fenício ou finlandês.

Esta pequena Runa, canção em metro runico, é considerada no Norte como um d'esses raros exemplares da literatura primitiva dos povos que a caracterizam. Como tal tem sido traduzida em muitas línguas com o auxílio das versões latinas, que para isso se publicaram em Stokolmo.

Sanan liian liikuttaisi,  
 Kahden kaunihin wällä.  
 Ennen heitän herkku-ruuat,  
 Paistit pappilan unohdan,  
 Ennenkun heiän herttaseni,  
 Kesän kestyteltyäni,  
 Talwen taiwuteituani. 1

## XXI

## ΕΙΑΤΑΣΙΩΝ ΦΕΝΝΙΚΟΝ

Ως ἵκειν ο προσφύγεις μοι  
 Ταν τόσαι φράντι θέσαιμ,  
 Έπειδε κακ λυτο φιδσίμ ον  
 Λημαστοστραγή τάχ γείλη.  
 Εν γερον αυτοι δι φίσα  
 Οφεις ου ταρβίσιμ Ελγυσους.  
 Ει γενιτ έμπρων μίν αύρα,  
 Ει πνον δέ ενκυδος ήρος.  
 Συν τάχει πρόσω πόλειν τε,  
 Τους ον διλλελιν έξωνται.  
 Πίστεις λέγεις κορικοι.  
 Πίλιν ληγευμοτ ον μεθειν,  
 Οππά κρέι δι ιέλινε έγρυγε  
 Μάλλον, τι τάνδες λαθωσαν,  
 Τούπερ έν θέρει θαυμέντοι.  
 Εν κρύει κατεκρότησα.

J. SPONBERG  
 Professor Linguae Graecae

Por este modo se fez a portuguesa: e creio ser a primeira que aparece nas línguas do Sul. Dou com ella as versões todas, poéticas e litteraes, que me chegaram à mão. Muito aproveitaria ao estudo das línguas e literaturas da Europa se os nossos litteratos se dessem com o mesmo empenho ao estudo das runas e sages do Norte, com que alli se dão as das nossas xacaras e solos.

## TRADUÇÕES LITTERAES

## ALLEMAN

Oh! wenn mein Geliebter<sup>1</sup> kommen würde,  
 Der früher gesehene, w<sup>o</sup>-un er erschienne (erscheinen würde):  
 Sgleich würde ich einen Kuss auf seinen Mund drücken,<sup>2</sup>  
 Auch wenn er (der Mund mit Wolfsblut besudelt,<sup>3</sup> wäre!  
 Seine Hand würde ich zugleich auch warm (berlich) fassen,<sup>4</sup>  
 Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlängelt!  
 Ach! wenn der Wind Verstand hätt,<sup>5</sup>  
 Der frische Lenzeshanche, venu er einer Sprache mächtig wäre.<sup>6</sup>  
 Ein Wort würde er hibringen,<sup>7</sup> ein Wort würde er zurückbringen;  
 Mit Nachrichten würde er schnell eilen.<sup>8</sup>  
 Zwischen zwei Liebenden —  
 Lieber verschmähe ich die kostbarsten Speisen,<sup>9</sup>  
 Vergesse lieber den Braten auf des Priesters Tische,<sup>10</sup>  
 Als dass ich meines H<sup>erz</sup>ens Geliebten verlasse,  
 Den, welchen ich im Sommer mir ergeben machte,<sup>11</sup>  
 Den, welchen ich im Winter (an mich) befestigte.<sup>12</sup>

<sup>1</sup> Eigentl.: mein Bekannter.

<sup>2</sup> Ganz wörtl.: ihm den Mundlich sgleich hinhalten würde, d. h. ihn küssen.

<sup>3</sup> Ganz wörtl.: wäre auch sein Mund in Wolfsblut, d. h. wäre er mit Wolfsblut befleckt.

<sup>4</sup> Wörtlicher: ich würde ihm einen leichten Handschlag geben.

<sup>5</sup> Ganz wörtl.: wäre der Wind als Verstand besitzend.

<sup>6</sup> Oder: wäre als sprachmächtig.

<sup>7</sup> Eigentl.: bolen.

<sup>8</sup> Ganz wörtl.: ein Welt zur Genüge, würde er (der Wind, der H<sup>erz</sup>) in Bewegung bringen (rege machen), d. d. würde er wechselweise bringen zwischen, etc. Dieser Vers ist, wie man sieht, na Geist und Sinn, nur ein Parallelismus zu dem nächst vorangehenden. Solche findet man nicht selten in der finnischen Runen-Dichtung.

<sup>9</sup> Überhaupt: Herrenessen.

<sup>10</sup> Ganz wörtl.: des Pfarrhauses Braten (Pfer.) ich lieber vergesse.

<sup>11</sup> Oder: mit anstockte, d. h. machte dass er sich an mich schloss.

<sup>12</sup> Oder: bändigte, d. h. nach meinem Sinne lenkte.

## II

## INGLEZA

Oh! if my beloved<sup>1</sup> would come,  
 The before seen, if he would appear;  
 Instantly I should press a kiss on his mouth,<sup>2</sup>  
 Even though it (the mouth) were stained with the blood of a wolf.<sup>3</sup>  
 His hand I should at the same time warmly (cordially) seize,<sup>4</sup>  
 Even though a snake wound round his fingers!  
 Oh! if the wind had understanding,<sup>5</sup>  
 The fresh zephyrs of the spring, if they were capable of speech:  
 A word they would bring hither,<sup>6</sup> a word they would return,  
 With intelligence they would quickly hasten!  
 Between two lovers—  
 I should sooner give up the most dishes,<sup>7</sup>  
 Forget rather the roast-meat on the priest's table<sup>8</sup>  
 Than I forsake my dear beloved,  
 Him, whom in the summer I made attached to me,<sup>9</sup>  
 Him, whom in the winter I captivated.<sup>10</sup>

<sup>1</sup> Or: intimate; properly; well-known.

<sup>2</sup> Literally: so him I should instantly offer my mouth, that is to say: kiss him.

<sup>3</sup> Quite literally: even though his mouth were in the blood of a wolf; that is, o say: if it were besmeared with the blood of a wolf.

<sup>4</sup> More literally: I should give him a light squeezing of the hand.

<sup>5</sup> Quite literally: if the wind were as if possessing understanding.

<sup>6</sup> Properly: fetch.

<sup>7</sup> Literally: a word which were sufficient, they (the winds, the zephyrs) would set a-going; that is to say: they would alternatively bring between, etc. This verse forms, as it appears, in sense and thought, a parallelism with the preceding verse. Such are not seldom met with in the Finlancian runic poetry.)

<sup>8</sup> Very-near: the gentlemen's (the lord's) meat.

<sup>9</sup> Quite literally: forget rather the roast meats of the priest's house.

<sup>10</sup> Or: attracted to me, that is to say: caused him to become attached to me.

<sup>11</sup> Or: tamed, that is to say: made him submit to my mind or will.

## III

## LATINA

O, si ille familiaris meus veniret,  
 Antea visus mihi appareret!  
 Statim ei os porrigerem,<sup>1</sup>  
 Etiam si esset os lupi cruento maculatum.<sup>2</sup>  
 Mamum ejus calide<sup>3</sup> premerem,  
 Etiam si anguis digitos cingiret.<sup>4</sup>  
 O! si ventus esset mentis praeditus,<sup>5</sup>  
 Si flamen<sup>6</sup> veris alacre<sup>7</sup> linguae<sup>8</sup> esset potens;  
 Verbum luc ferret, verbum referret,<sup>9</sup>  
 Nuntium vicissim motu ageret.<sup>10</sup>  
 Inter duos amantes.—  
 Rejiciam potes laudissimas cupedias,  
 Quin carnis assae de mensa presbyteri<sup>11</sup> obliviscar,  
 Quem meum ex corde amatum deseram;  
 Quem aestate mihi deditum reddidi,<sup>12</sup>  
 Quem hieme satis mansuferci.<sup>13</sup>

<sup>1</sup> Exim mox oscularer.

<sup>2</sup> Propriez: etiam si in lupi cruento os esset, i. e. etiam si lupi cruento in ore ejus esset.

<sup>3</sup> Propriez: facile.

<sup>4</sup> Propriez: etiam si anguis in extrema manu (esset).

<sup>5</sup> Sive: O, si ventui esset intellectus!

<sup>6</sup> Sive: aura.

<sup>7</sup> Recreas.

<sup>8</sup> Se: verbum adduceret, verbum reportaret.

<sup>9</sup> Propriez: verbum plus quam sufficiens in motum ageret (moveveret).

<sup>10</sup> Propriez: de villa presbyteri, i. e. quae in villa presbyteri sollet esse. Carnis assae frustra presbyteri mensae apposita.

<sup>11</sup> Sive: quem aestate ita tractavi, ut se mihi dederet.

<sup>12</sup> Sive: quem hieme ita tractavi, ut mihi obediret.

## IV

## FRANCEZA

Ah ! si mon bien-aimé<sup>1</sup> voulait venir,  
 Celui que je voyais jadis, voulut-il reparaltre !  
 A l'instant je presserais un baiser sur sa bouche,<sup>2</sup>  
 Si même elle était tachée de sang de loup.<sup>3</sup>  
 Je saisrais ardemment sa main<sup>4</sup>.  
 Quand même un serpent fut roulé autour de ses doigts.  
 Oh ! si le vent avait de la raison,<sup>5</sup>  
 La fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue ;  
 Elle irait chercher un mot, un mot elle rapporterait ;  
 Vite elle se hâterait avec des nouvelles<sup>6</sup>.  
 Entre deux amants. —  
 Plutôt je me passerai des mets les plus délicats,<sup>7</sup>  
 J'oublierai plutôt le rôti sur la table du pasteur,<sup>8</sup>  
 Que je n'abandonne le cheri de mon cœur,  
 Celui qu'en été je m'attachai,<sup>9</sup>  
 Celui que j'enchalmai pendant l'hiver.<sup>10</sup>

<sup>1</sup> Proprement dit: *mon bien-connu*.

<sup>2</sup> Littéralement: *je lui tendrais à l'instant la bouche, c'est-à-dire: je le baiserais.*

<sup>3</sup> Tout-à-fait littér.: *fût même sa bouche d'ns le sang d'un loup, c.-à-d.: fût-elle souillée de sang de loup.*

<sup>4</sup> Plus littér.: *je lui donnerais un léger serrement de main.*

<sup>5</sup> Tout-à-fait littér.: *si le vent était possédant de la raison.*

<sup>6</sup> Plus littér.: *un mot, qu' suffirait déjà, elle le mettrait en mouvement, c.-à-d.: elle le porterait alternativement entre, etc. (Le vers ne forme, comme il le paraît, qu'un parallélisme né d'esprit et de pensée avec le vers précédent,) on en trouve souvent dans la poésie française finissante.)*

<sup>7</sup> A peu-près: *mourriture des Messieurs.*

<sup>8</sup> Tout-à-fait littér.: *oublierais plutôt les rôtis du presbytère.*

<sup>9</sup> Ou: *attirai vers moi, c.-à-d.: fis qu'il s'attachât à moi.*

<sup>10</sup> Ou: *aprissois-ut, c.-à-d.: que je fis plier à ma volonté.*

## NOTAS

### Nota A

Coquette dos prados..... pag. 157

A palavra *coquette* não é portuguesa. Mas não ha remedio senão acceptal-a e dar-lhe a carta de naturalisacão desde que a coisa se afforou tanto entre nós.

### Nota B

Voz e aroma..... pag. 152

Parece-me, e quero confessal-o, que estes versos são uma reminiscencia de Lamartine.

### Nota C

No Lumiar..... pag. 159

Tinha promettido estes versos sobre a visita de Mrs Northon ao Lumiar, ha tres para quatros annos, ao nosso commun amigo S. de L. Perdõe-me elle se tam tarde cumpro a minha promessa.— Dezembro, 1851.

### Nota D

O Tejo..... pag. 161

O Sr. Conde de Camburzano, secretario da Logaçao de Sardenha em Lisboa, foi aqui mui pouco conhecido da nossa sociedade, nem o seria com vantagem, porque dansar e jogar, jogar e dansar, de verão e de inverno, nossa occupação exclusiva e unica, não podia ser a de um homem de forte pensar e de vehementemente sentir.

Manda-lhe aqui estas saudades um dos poucos portuguezes que tiveram a fortuna de o conhecer.

### Nota E

Deixo ao cura os seus assados..... pag. 171

Este pequeno poema foi-me enviado de Stockolmo pelo illustre litterato o Sr. Zetterquist, com as

traduções poeticas e litteraes que público juntamente com o texto, e que me serviram para fazer a tradução portugueza que com tanta instancia me pediram. Vem tudo acompanhado da seguinte explicação em francez, que aqui ponho textualmente tambem para melhor esclarecimento do assumpto:

REMARQUES DIVERSES SUR CETTE RONDE FINOISE.<sup>1</sup>

Ce petit poème, que l'on peut appeler une réminiscence de l'état d'innocence primitive des peuples et des langues, fut composé il y a peut-être quelques siècles, par une jeune paysanne finoise. Comme le chant l'indique, elle paraît avoir eu un amant auquel elle avait donné son cœur et son premier amour, mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'abandonna, malgré les promesses de mariage qu'il avait jurées à sa fiancée. Une circonstance pareille n'a jamais été et ne sera jamais rien d'extraordinaire; c'est, nonobstant, le thème de ce chant si simple. Simple, il est vrai; mais il ne manque pas pour cela d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du reste, à tous les vieux et sublimes chants nationaux du Nord. Je pourrais même à cet égard soutenir sans exagération que celui qui nous occupe est l'un des plus beaux produits de la poésie populaire. Où trouver, par exemple, une pensée plus sublime que celle de la seconde strophe, où cette Sapho, quoique n'étant pourtant pas de Lesbos, donne sous l'inspiration du moment, l'essor aux brûlants sentiments de son cœur: «Oh! si le vent était doué de raison, et la fraîche haleine du printemps, si elle savait une Langue: ils porteraient alo-s un mot d'amour et le rapporteraient entre deux amants.» Mais que l'on n'oublie pas non plus que c'est l'amour, chez cette poète toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans un pays de forêts couvertes de neiges et de glaces, qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d'une si douce poésie. Quant à la 3<sup>e</sup> ou dernière strophe, il me semble aussi nécessaire d'y fixer l'attention plus spé-

<sup>1</sup> *Rune* est un mot finois qui signifie Chanson. Les plus anciens caractères des peuples germaniques et scandinaves, qu'ils employaient surtout dans le style lapidaire, portent, comme l'on sait, le nom de *Runes* d'où le terme *Ranographie* pour désigner ce genre d'écriture.

ciale du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'étrangeté les expressions suivantes: «*Pi-tôt je me passerai des mets le plus délicats, j'oublierai plus tôt le rôti sur la table du pasteur, que je n'abandonne le cheri de mon cœur.*» Pour celui qui ne connaît pas les particularités caractéristiques des paysans finlandais, et leur appréciation des choses, une image ou un objet concret pareil au *rôti sur la table du pasteur*, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie; mais cette pensée ou cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié à la vie nationale de la Finlande, et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux; mais outre cette sainte vénération, que touchait presque à une adoration mystique, ils donnaient à ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grands. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les friandises les plus recherchées au monde, pas même pour les mets les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se départir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle. — Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modèle de style simple et naturel, il ne se fait, on vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force et surtout par de ces images hardies comme des poètes plus exercés et plus instruits on cherchent en vain.

J'ose dans tous les cas espérer qu'on ne m'imputera raisonnablement pas à blâme, d'avoir, comme base de mon entreprise, choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractère religieux, n'aurait, par exemple, indubitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi me paraît plus que tout autre propre à conduire à ce résultat.

Si j'en viens maintenant au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à ce sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit in-

dubitamment être fort intéressante pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette *carte philologique* se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Cet ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront autant que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue.

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finoise, qu'avant moi déjà, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entr'autres le Conseiller d'Etat suédois S. E. Mr. A. F. de Skjoldbernd, lequel publia en 1810 à Stockholm une magnifique collection de gravures sur la Suède, la Finlande et la Laponie, suivie d'une description en langue française, et portant le titre de *Voyage pittoresque au Cap Nord*. La Runa que j'ai choisi se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu'en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'il fut communiquée par Fr. Mich. Franzen (alors professeur à l'Académie d'Abo) comme un des meilleurs échantillons de la poésie runique finoise. et l'un des plus propres à montrer à quel riche degré la nation finoise possède l'inspiration poétique. Mais la langue finoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout

fort mélodieuse, ce qui lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de *Skjoldebrand*, apparut en anglais, d'un certain Joseph Arcebi, une description de Voyage en Suède, en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante a été traduite en français et en allemand. Mais ces deux auteurs ne sont pas les seuls: le célèbre poète allemand Goethe a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses: *Poetische und Prosaische Werke*.

#### QUELQUES INDICATIONS PARTICULIÈRES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT

1.<sup>o</sup> MM. les traducteurs voudront bien suivre, *aussi fidèlement que possible*, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2.<sup>o</sup> Quant aux idiomes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de n'en point faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en *vers blancs* (non-rimés), comme les trois traductions verbales. 3.<sup>o</sup> Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4.<sup>o</sup> De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions, ce serait aussi une chose que je désirerais volontiers. 5.<sup>o</sup> MM. les traducteurs sont priés d'écrire leurs traductions, *aussi distinctement que possible*, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'y glisser. 6.<sup>o</sup> L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: *Chant d'une jeune paysane finoise*. 7.<sup>o</sup> Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

G. G. ZETTERQUIST.

## INDICE

|                                     | Pag.     |
|-------------------------------------|----------|
| <b>LYRICA III—Advertencia .....</b> | <b>1</b> |
| Flores sem fructo .....             | 3        |
| <b>LIVRO PRIMEIRO:</b>              |          |
| I Hymno á poesia .....              | 9        |
| II A Julia .....                    | 11       |
| III O mar .....                     | 13       |
| IV Belleza e bondade .....          | 19       |
| V O sacrificio .....                | 20       |
| VI A lyra .....                     | 20       |
| VII Goso da vida .....              | 21       |
| VIII A força da mulher .....        | 22       |
| IX A rosa .....                     | 23       |
| X A pombinha .....                  | 23       |
| XI O genio de Pindaro .....         | 25       |
| XII Glycera .....                   | 26       |
| XIII O hynverno .....               | 26       |
| XIV A espada do poeta .....         | 27       |
| XV Osear .....                      | 28       |
| XVI A Domingos Sequeira .....       | 34       |
| XVII A caverna de Viriato .....     | 36       |
| XVIII O Anno Velho .....            | 46       |
| XIX A tempestade .....              | 46       |
| XX Tronco despido .....             | 48       |
| XXI Solidão .....                   | 48       |
| <b>LIVRO SEGUNDO:</b>               |          |
| I A victoria na Praia .....         | 52       |
| II O juramento .....                | 63       |
| III No album d'um amigo .....       | 65       |
| IV Não creio n'esse rigor .....     | 65       |
| V O ramo de Cypreste .....          | 66       |
| VI Flor singela .....               | 67       |
| VII Ramo secco .....                | 67       |
| VIII Nunca mais .....               | 69       |
| <b>LYRICA II</b>                    |          |

|   | Pag. |
|---|------|
| IX A minha rosa .....                             | 73   |
| X Suspiro d'alma .....                            | 73   |
| XI O Emprazado .....                              | 74   |
| XII A estrella .....                              | 77   |
| XIII L'Alcyon au Cap .....                        | 78   |
| XIII O Alcyon no Cabo .....                       | 79   |
| XIV O pharol e o baixel .....                     | 84   |
| XV Sentença d'amor .....                          | 85   |
| XVI Grinalda .....                                | 85   |
| XVII Já não sou poeta .....                       | 86   |
| XVIII Livro da vida .....                         | 87   |
| XIX As minhas azas .....                          | 87   |
| XX Kyrieleisão .....                              | 89   |
| XXI Olhos negros .....                            | 90   |
| XXII A uma viajante .....                         | 90   |
| XXIII Ella .....                                  | 91   |
| XXIV Nova Heloiza .....                           | 97   |
| XXV O Natal de Christo .....                      | 100  |
| XXVI O Redemptor .....                            | 102  |
| Avulsa (Ode a Fábullo) .....                      | 103  |
| Notas .....                                       | 105  |
| <b>LIRICA IV—Ultimos versos: Folhas cahidas.—</b> |      |
| Dos Editores .....                                | 113  |
| Advertencia .....                                 | 114  |
| <b>LIVRO PRIMEIRO:</b>                            |      |
| I Ignoto Deo .....                                | 117  |
| II Adeus .....                                    | 118  |
| III Quando eu sonhava .....                       | 120  |
| IV Aquella noite .....                            | 121  |
| V O anjo cahido .....                             | 125  |
| VI O album .....                                  | 126  |
| VII Saudades .....                                | 127  |
| VIII Este inferno de amar .....                   | 128  |
| IX Destino .....                                  | 129  |
| X Goso e dor .....                                | 129  |
| XI Perfume da rosa .....                          | 130  |
| XII Rosa sem espinhos .....                       | 131  |
| XIII Rosa pallida .....                           | 132  |
| XIV Flor de ventura .....                         | 133  |
| XV Bella d'amor .....                             | 134  |
| XVI Os cinco sentidos .....                       | 135  |
| XVII Rosa e lirio .....                           | 136  |
| XVIII Coquette dos prados .....                   | 137  |
| XIX Cascaes .....                                 | 137  |
| XX Estes sitios! .....                            | 139  |

|   | Pág. |
|---|------|
| XXI Não te amo .....                    | 140  |
| XXII Não és tu.....                     | 141  |
| XXIII Belleza .....                     | 142  |
| XXIV Anjo és .....                      | 143  |
| XXV Vibora .....                        | 144  |
| <b>LIVRO SEGUNDO:</b>                   |      |
| I Barca bella .....                     | 145  |
| II A corôa .....                        | 145  |
| III Sina .....                          | 146  |
| IV Ai Helenal .....                     | 147  |
| V The rose—A sigh .....                 | 148  |
| A rosa—Um suspiro .....                 | 148  |
| VI Retrato .....                        | 149  |
| VII Lucinda .....                       | 150  |
| VIII As duas rosas .....                | 151  |
| IX Voz e aroma .....                    | 152  |
| X Seus olhos .....                      | 152  |
| XI A Delia .....                        | 152  |
| XII A joven americana .....             | 153  |
| XIII Adeus mãe .....                    | 154  |
| XIV Ave, Maria .....                    | 155  |
| XV Os exilados .....                    | 157  |
| XVI Preito .....                        | 158  |
| XVII No Lumiar .....                    | 159  |
| XVIII A um amigo .....                  | 160  |
| XIX Os Lusiadas .....                   | 164  |
| XX O Tejo .....                         | 168  |
| XXI Canção da donzella Finlandesa ..... | 170  |
| Traducções litteraes .....              | 174  |
| Notas .....                             | 179  |